FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 27 DE FEVEREIRO DE 1960 ANO 39.º — NÚMERO 13 369

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR—J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

O noivo de Margarida

passa o fim-de-semana com a princesa em Windsor e vai viver em Buckingham até à data do casamento

LONDRES, 27 — O noivado da princesa Margarida, que em breve casará com o fotógrafo oficial da corte, Anthony Armstrong-Jones, de 29 anos, provocou grande entusiasmo em toda a Inglaterra.

« Daily Express» escreve: — «Um unico pensamento, um unico desejo une o povo inglês: a alegria da notícia do noivado da princesa Margaret e o ardente desejo de que essa mesma alegria a acompanhe, assim como ao homem a quem vai unir a sua vida».

Só há uma semana a rainha Isabel tomou conhecimento definitivo da escolha de Antony Armstroug-Jones por sua irmã, um segredo cuidadosamente guardado até á sua comunicação oficial na noite passada.

Em 1 de Fevereiro, segundo diz o «New York Daily News», a rainha dissera a Margarida «que daria o seu consentimento ao noivado, se o novo bébé real que esperava fosse um rapaz, pois isso fazia a princesa descer um degrau na linha da sucessão». — (A. N. I. e R.).

OS NOIVOS PARTIRAM PARA WINDSOR

WINDSOR, 27 — A princesa Margarida e o noivo refugiaram-se num solar de conto de fadas, fugindo aos curiosos e fotógrafos que, pouco depois de publicado o comunicado, começaram a afluir a Clarence House, em Londres.

Em Royal Lodge, os noivos estão livres de indiscretos e importunos. Convidados pela rainha-mãe, que sempre tem sido compreensiva para com os amores da filha mais nova, os noivos passam o fim de semana na solidão poetica desta propriedade típica do campo na Inglaterra. A casa é simples e confortável, dum luxo sóbrio

Esta noite havia junto do portão de entrada trinta repórteres e outros tantos fotógrafos. Dois agentes de Polícia guardavam a entrada, sem severidade. Mas havia outros agentes ao longo da sebe de buxo

(Continua na página central)

PRINCESA MARGARIDA

OS RETRATOS OFICIAIS DOS NOIVOS

LONDRES, 27. — Armstrong-Jones, que tantas fotografias tirou á família real e a outras individualidades famosas, foi hoje o fotografado...

Com vista á publicação nos jornais de todo o Mundo, Jones e Margarida tiraram as fotografias oficiais.

A princesa não deu esta manhã o seu habitual passeio a cavalo pelos terrenos de Windsor, a fim de se preparar para os retratos que foram feitos por um repórter de um jornal londrino. — (R.).

ARMSTRONG-JONES

Eisenhower

receberá no Uruguai *um bastão de platina* de «Marechal da Democracia»

MONTEVIDEU, 27. — Um bastão de marechal de campo, de platina, com a inscrição: «Ao Marechal da Democracia Dwight Eisenhower, Presidente dos Estados Unidos», foi entregue na embaixada Americana nesta capital.

O presente, feito por um grupo de associações do Uruguai, é uma recordação da visita que o presidente Eisenhower fará a este país na próxima semana.

O Governo vai emitir uma série especial de selos comemorativos, com as efigies do heroi nacional do Uruguai, general José Artigas, e do presidente George Washington, dos Estados Unidos. — (R.).

A VISITA Á ARGENTINA

BUENOS AIRES, 27. — A bordo do seu avião especial «Columbine», o presidente Eisenhower partiu para uma breve visita á estancia balnear de Mar del Prata.

Antes de partir, esta manhã, para a estancia balnear, de onde seguirá, depois de curta demora, para Bariloche, nos Andes e a curta distancia da fronteira chilena, Eisenhower depôs uma coroa no monumento ao general San Martin, heroi nacional da Argentina, e visitou o Supremo Tribunal.

Em Bariloche, onde passará o fim-de-semana, Eisenhower oferece esta noite um banquete em honra do presidente Frondizi.

O dia de amanhã é reservado para troca de impressões entre os dois presidentes, bem como para repouso e, além de uma partida de golfe, uma excursão de pesca.

O presidente Eisenhower parte para o Chile na próxima segunda-feira, dando, assim, por concluida a sua visita oficial á Argentina. — (R. e A. N. I.).

Nota do dia

«HAPPY END»

Quebrou-se o encantamento. A princesa vai casar. A notícia, que veio pôr termo à ansiedade do povo britânico, teve tanto de inesperada como de sensacional. O filme sentimental da vida da princesa, que todo o Mundo seguia com uma curiosidade apaixonante, vai ter o seu «happy end». Acabam os minutos intermináveis de «suspense» que ameaçavam aumentar na Grã-Bretanha a estatística das doenças cardíacas. Acabam os sobressaltos dos mais inesperados pretendentes. A noiva está radiante. O noivo não esconde a sua alegria. A rainha-mãe respira felicidade. A soberana e o duque estão encantados. A Inglaterra bate as palmas. A Commonwealth rejubila. A Câmara dos Comuns exulta. O primeiro-ministro aplaude. Churchill regressou apressadamente a Londres. Todo o Mundo está contente. Estalam rolhas de champanhe nos bares elegantes e no seio das famílias distintas para celebrar a boa nova. A poucos dias de uma «délivrance» feliz na corte, outro enlace matrimonial vem prometer ao trono britânico novos principezinhos, que ele adora, não só porque asseguram a continuidade da dinastia, como porque constituem um lindo motivo para as mais belas imagens românticas do album da família de Inglaterra. E enquanto milhões de leitores devoram sôfregamente as notícias dos jornais que dizem respeito ao feliz acontecimento, milhares de fotógrafos sonham em todo o Mundo com a sua princesa encantada.

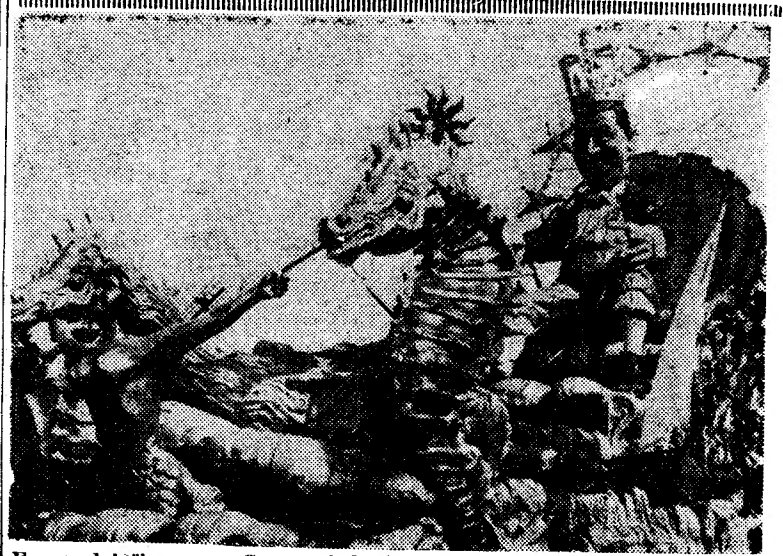
A POPULAÇÃO DE TÓQUIO

TÓQUIO, 27 — A cidade de Tóquio contará em 1970 uma população de 12.270.000 habitantes, segundo uma estimativa do Serviço Nacional de Estatísticas.

Em 1 de Janeiro deste ano, a capital japonesa contava 9.166.955 habitantes. — (F. P.).

2.ª TIRAGEM

Diario de Lisbôa PUBLICA HOJE 32 PAGINAS QUE INCLUEM MAGAZINE * JUVENIL * DE UMA SEMANA PARA A OUTRA



Fernandel figura no Carnaval do Estoril em carne e osso (no terraço do Casino) e em papelão (no carro do «Rei Carnaval»)

Alegria a rodos

no Carnaval do Estoril que principiou esta tarde *com um animado corso*

O Carnaval do Estoril começou esta tarde, na hora em que o Sol resolveu chegar também e sorrir, num sorriso claro, como o desse incomparável Fernandel que a Lisboa chegou para presidir, no seu trono do Rei da Gargalhada, a estes dias de alegrias, divertimentos e folias.

Há algum tempo já que o Estoril se começou a enfeitar, a embe-

(Continua na 14.ª página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A propósito de um congresso médico

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

FOI só nas últimas décadas, apesar das observações e da monografia de Richard Russell, «A dissertation on the use of sea-water in the diseases of the glands», editada há duzentos anos, que as curas de água do mar adquiriram importância e chamaram, segundo Bensch, a atenção dos especialistas. A ingestão de água do mar com peso, conta e medida, sistemática, em certas carências e afecções, passou,

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Diário da OUTRA BANDA

UM DONATIVO
à Misericórdia de Almada

A Sociedade Marítima de Transportes, de que é gerente o sr. comandante Mascarenhas, ofereceu este ano mais um importante donativo de 20.000$00 á Misericórdia de Almada, destinado aos serviços de assistência.

Se outras grandes empresas do concelho compreendessem, da mesma forma, as funções da Santa Casa, a missão dela seria bastante facilitada, com claro benefício dos necessitados quê ela auxilia.

Comemorações
henriquinas

SETUBAL, 27. — (Pelo telefone) — No dia 4 ás 18 e 30, celebra-se, na igreja matriz, um solene «Te deum» que será presidido pelo bispo de Tiava. Assistem diversas autoridades locais, nomeadamente o chefe do distrito.

Também no dia 4, na Camara Municipal, o dr. Estêvão Moreira, professor do liceu, profere uma conferência subordinada ao tema: «A actualidade do Infante».

BATIDA
ÀS RAPOSAS

Amanhã, realiza-se nos Pinhais da Apostiça e do Medo, uma batida ás raposas, que é orientada pelo sr. José Nunes de Almeida e cujo produto se destina aos serviços de assistência da Junta de Freguesia de Almada.

No Hospital de Almada
Queda grave

Quando a sr.ª D. Maria Catarina Figueira, de 58 anos, casada, residente na Rua 31, n.º 53, 2.º, Dto., na Cova da Piedade, descia a escada da sua residência caiu e fracturou o ombro. Transportada numa ambulancia dos Bombeiros Voluntários ao Hospital de Almada, foi ali radiografada e tratada, recolhendo depois a casa.

Ciclista infeliz

Ao passar na Trafaria, o ciclista do Belenenses José Costa, de 26 anos sofreu uma queda e farcturou um pulso. Recebeu tratamento no Hospital de Almada.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro*, Largo António S. Jorge. Tel. 034100.

ALMADA — *Farmácia Nuno Alvares*, Avenida D. Nuno Álvares, 39-C. Tel. 070504.

COVA DA PIEDADE—*Castro Rodrigues*, Praça 5 de Outubro de 1910, n.º 62. Tel. 070121.

MOITA — *Silva Rocha*, Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO — *Diogo Marques*, Avenida Almirante Reis, 42. Telefone 030032.

SEIXAL — *Soromenho*, Rua Paiva Coelho, 38. Tel. 021580.

SETUBAL—*Lisboa*, Rua Dr. Paula Borba, 70 a 72. Tel. 22248.

SESIMBRA — *Lopes*, Rua Candido dos Reis, 67. Tel. 029028.

Cinemas

ALMADA—*Academia Almadense*, ás 21 e 15, «Abril em Portugal» (12 anos).

COVA DA PIEDADE—*Recreativo Piedense*, ás 21 e 15, «A loba».

MONTIJO — *Teatro Joaquim de Almeida*, ás 21 e 15, «Os recrutas também mandam» e «Ódio destruidor» (12 anos).

SETUBAL — *Cine Teatro*, ás 21 e 30, «Esta mulher é minha!» e «Preciso do teu amor».

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim*, ás 21 e 15, «Viagem no circo» e «O rapaz e o cão».

Funerária de Almada
Funerais — Transladações
Avenida Cristo Rei, 2-G
Chamadas pelo Telef. 071814

PORTO BRANDÃO—*Cinema*, ás 21 e 15, «Da Terra nascem os homens».

MOITA — *Capricho Moitense*, ás 21, «O grande inimigo» e «Totó perdeu a cabeça» (12 anos).

Linha de CASCAIS

NOVO PRESIDENTE
da Camara de Oeiras

O «Diário do Governo» publicou hoje uma portaria do ministro do Interior, nomeando presidente da Camara Municipal de Oeiras o arquitecto António Bernardo da Costa Cabral Macedo.

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Combatentes, Ld.ª* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Tel. 013953.

CASCAIS — *Cordeiro* — R. Frederico Arouca, 16. Tel. 080170.

ESTORIL E MONTE — *S. João* — em S. João. Tel. 061186.

OEIRAS — *Godinho* — R. Candido Reis, 98. Tel. 043090.

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — Rua Costa Pinto, 184. Tel. 042034.

PAREDE — *Grincho* — Avenida da Republica, 87-A. Tel. 047204.

Cinemas

ALGÉS — *Stadium* — Ás 21 — «A viuvinha indomável» e «Mosqueteiros do mar» (12 anos).

CASCAIS — *Académico* — Ás 21 — «Laila» e «Sangue aventureiro» (12 anos). *S. José* — Ás 21 e 30 — «O quarteto era de cordas» e atracções internacionais (15 anos).

OEIRAS — *Cine* — Ás 21 — «Eles e elas» (17 anos).

PAÇO DE ARCOS — *Cine-Teatro* — Ás 21 e 15 — «O amor e uma cabana» (6 anos).

PAREDE — *Royal Cine* — Ás 21 e 15 — «Tudo menos a verdade» e «Princesa das Canárias» (12 anos).

O resgate do porto
e do caminho de ferro de Mormugão

Pelos Ministérios das Finanças e do Ultramar, foi constituída como segue a comissão de resgate do porto e caminho de ferro de Mormugão; presidente, professor Raul Ventura; vogais: licenciado em Ciências Económicas e Financeiras Paulo Capel Bryant Jorge; engenheiro civil Fernando Muñoz de Oliveira; e engenheiro electrotécnico Inácio Gonçalves.

A CIDADE

Pelos hospitais

QUEDA DE UM «ELÉCTRICO» — Na Rua Presidente Arriaga, caiu de um «eléctrico», ficando muito ferido na cabeça, o empregado comercial Lídio Dias, de 35 anos, residente na Rua Triste Feia, 30, 2.º, que foi internado na sala de Observações do Hospital de S. José.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — Na auto-estrada, próximo de Caselas, uma camioneta carregada de cimento e conduzida pelo motorista Inácio Manuel Nunes, de 36 anos, residente em Almoçageme, Sintra, voltou-se, sofrendo o motorista algumas contusões. Depois de tratado na sala de observações do Hospital de S. José recolheu a casa. Mais duas pessoas que seguiam na camioneta sairam ilesas do acidente.

CHOQUE DUMA MOTOCICLETA COM UM AUTOMOVEL — O motociclista Fernando Martinho de Sousa, de 20 anos, residente na Rua Arco de Carvalhão, 282, 1.º, Dto., quando seguia pela Rua Correia Teles, chocou com um automóvel. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado, sendo grave o seu estado.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues no Governo Civil: livro; sombrinha; gato; chapéu de chuva; caneta; nota do Banco de Portugal; alfinete de peito; porta-moedas; óculos; bonés; chapéu; agenda; farolim de automóvel; tampão de roda de automóvel; tampão de depósito de gasolina e luvas.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, o seguinte: lenço de pescoço; discos; carteira de Rui da Silva Horta; luvas; boné; casaco e pasta.

PORTUGAL
vai ser visitado
por uma missão
comercial do Japão

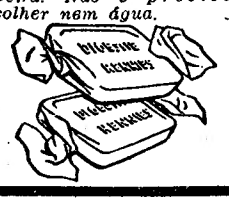
A embaixada do Japão informa-nos que uma missão comercial do seu país visitará Portugal, onde deve chegar no dia 29 de Março próximo e demorar-se-á cinco dias. Preside á missão, acompanhada por um representante oficial e constituida por dez representantes das mais importantes empresas do Japão, o sr. Pakeo Shogi, grande industrial japonês. A missão, que tratará da divulgação de produtos japoneses, sairá de Tókio no dia 15 de Março e visitará, pela seguinte ordem, Egipto, Sudão, Turquia, Grécia, Jugoslávia, Itália, Tunes, Marrocos, Portugal e Espanha, entrevistando-se com membros dos governos e dirigentes comerciais.

HOTEL EMBAIXADOR
ANIMADAS NOITES DE
CARNAVAL
com grandes atracções internacionais
PREÇOS: com ceia, 200$00; sem ceia, 150$00, com direito a 50$00 de consumo.
(Maiores 17 anos)
AMANHÃ e 3.ª FEIRA:
«Matinées» dançantes a 40$00

CASINO ESTORIL
NOITES DE CARNAVAL
4 GRANDIOSOS BAILES
com FERNANDEL
rodeado de vedetas internacionais e um «show» colossal:
QUARTETO DE MARINO MARINI
IVON CURI, NELLA COLOMBO, I BRUTOS
E «BALLET» DE JUAN MORILLA / ORQUESTRAS FACHENDAS, ANTÓNIO VILAS E FERRER TRINDADE
HOJE — BAILE DE GALA — TRAJE DE NOITE
AMANHÃ — BAILE DE MÁSCARAS
Com fantasias de tradição histórica ou trajes regionais ricos
2.ª FEIRA—BAILE DE MÁSCARAS TRAPALHÃO
Disfarces com trajes improvisados sendo facultativo o traje de noite
3.ª FEIRA — BAILE AZUL
Senhoras com vestidos de noite de cor azul ou motivos que predomine esta cor. Cavalheiros com «smoking» azul ou laço do mesmo tom.
Preços — **Grande Salão Restaurante;** 500$00, por pessoa; **Wonder-Bar:** 350$00, por pessoa; **Salão das Estrelas** (Cinema): 250$00 por pessoa (com mesa reservada e direito a 1 garrafa de espumante para 4 pessoas); **Bar Americano,** 150$00 com direito a 50$00 de bebida.
(M/17 ANOS)
A Sociedade Estoril-Sol oferece um carro **D.K.W. Junior,** que será sorteado pelos possuidores de bilhetes.

TEPPAZ LYON
A TÉCNICA E A MODA PARISIENSE NUM GIRA-DISCOS
Distribuidores:
neofon
Rua Nova do Almada, 47
LISBOA

DOMINE A AZIA

Esteja onde estiver... no escritório... no cinema... se tiver no bolso ou na malinha algumas Rennie, pode dominar ràpidamente a Azia. Basta chupar duas pastilhas, para aliviar o mal estar. As Rennie proporcionam alívio rápido e duradoiro, pois os seus ingredientes anti ácidos, dissolvidos pela saliva chegam ao estômago com toda a sua eficácia. Não interrompem o trabalho da digestão, limitando-se a regular a secreção ácida do estômago.
Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico sem demora.
PASTILHAS
RENNIE
Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6$50 e 17$50
As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.


MINHA SENHORA,
Sabe porque é tão elegante a Mulher Francesa?
Porque usa a já famosa
CINTA «DR. GIBAUD»
em lã e fio lastex — modelo único, original e patenteado
Produzem contensão apropriada e aquecimento suave
UMA VERDADEIRA CINTA REVOLUCIONÁRIA
À VENDA NAS FARMÁCIAS
Demonstrações e literaturas: FARMÁCIA ESTÁCIO — ROSSIO - LISBOA

De ontem para hoje

O HOMEM INTEGRAL

A pedagogia autêntica há-de tender á formação do homem completo. E este tem corpo e espírito. Não se educam um e outro separadamente. Tal foi o sentido das palavras que o cónego dr. Azevedo Pires ontem pronunciou na secretaria geral do Sport Lisboa e Benfica, no ambito do ciclo de palestras da Escola de Pais. Afirmou que o desporto, devidamente praticado, vale como precioso meio para a formação integral do homem, não só no aspecto atlético como no aspecto moral. Lembrou os períodos da História em que foram postas ao par judiciosamente a importancia da cultura intelectual e a da cultura física. Nada disto é novo, mas é oportuno e merece ser meditado.

FEIXE DE NOTÍCIAS

Só hoje um sol ainda pouco firme desceu ás ruas de Lisboa, alourando os prédios claros onde o vento deixou de sibilar. Mas nas terras nortenhas, já gretadas de frio, continuam os temporais. Em Chaves o rio Tamega galgou as muralhas da vedação, inundando e ofendendo a dignidade das termas das caldas. E — o que é pior — abateu todo um lanço da velha muralha de D. Dinis, na antiga praça-forte.

*** Medo, egoismo, indiferença? Talvez nem o próprio criminoso o saiba. O epíteto é, na verdade, aquele que plenamente merece quem abandona na estrada a sua vítima, ferida, após o atropelamento. Chama-se Francisco Bernardo Ramos o infeliz operário que apareceu prostrado na rodovia, perto de Santa Iria. O automobilista causador do desastre foi preso. A sua consciência será, porém, o seu mais cruel juiz.**

*** Com o frio, lobos eriçados pulam os barrocais que os separam das terras habitadas e chegam-se aos rebanhos amarelamente, ansiosos de cevarem a fome nas reses descuidadas. Por vezes vão ao ponto de atacar os pastores. Em Ariz (Moimenta da Beira), um jogral atrevido, de cajado em punho, fez frente a uma alcateia inteira e pô-la em fuga. Ainda há homens para estes feitos...**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu, no Palácio de Belém, os srs. general Correia Leal e Raul Seisal. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalharam ontem os srs. ministros da Presidência e da Educação. * O negociante sr. José Augusto da Silva, de 45 anos, de Santo Inácio (Trancoso), quando pedalava, numa bicicleta motorizada, foi de encontro a uma árvore e teve morte imediata. * Em Calvino (Paião), morreu vitimado pelo tétano o sr. Adelino Ramalho Jordão, de 23 anos, que há dias ficara com uma das mãos esfaceladas, devido á explosão de uma bomba de foguete.

Linha de SINTRA

ATINGIDO NO PEITO

com um tiro de pistola

O soldado serralheiro Basílio Alves, de 21 anos, em serviço na Granja do Marquês, em Sintra, natural de Sobreiro Curvo, Torres Vedras, foi atingido com um tiro de pistola no peito. O tiro foi disparado inadvertidamente, por outro militar que examinava a referida arma. Transportado á sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado em estado grave.

Farmácias de serviço

AMADORA — *Central* — Avenida Cardoso Lopes, 251. Tel. 930210. *Clabel* — Rua A, lotes, loja D (Bairro Janeiro). Tel. 930213.

QUELUZ — *Correia* — Rua Mateus Vicente Oliveira, 3. Tel. 950905. 950905.

SINTRA — *Marrazes* — Largo Afonso de Albuquerque. Tel. 980058.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia, esta encontra-se de serviço permanente).

Cinemas

ALGUEIRÃO — *Cine-Teatro Chaby* — Ás 21 e 30 — «O maior circo do Mundo» (12 anos).

AMADORA — *Recreios* — Ás 21 e 30 — «Francis entre os fantasmas» (12 anos).

VENDA NOVA — *Cine-Portugal* — Ás 21 e 15 — «O grande hotel» (12 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cinema* — Ás 21 e 15 — «Voltou a avó Isabel» (17 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro Carlos Manuel* — Ás 21 e 30 — «Musica de sempre» (17 anos).

Talhantes e cortadores

processados por especulação

Mais vinte e dois processos por especulação na venda de carnes foram agora concluidos pela intendência-Geral dos Abastecimentos. São arguidos talhantes e cortadores nos mercados municipais de Campo de Ourique, 1.º de Dezembro, Alcantara, Santa Clara e 31 de Janeiro, Rua da Beneficência e Calçada do Combro, em Lisboa, e ainda talhantes e cortadores da Praça da Batalha, no Porto, e de Paços de Ferreira, Pias (Monção), Faro, Loulé, Olhão, Moita e Ponte de Lousa (Loures).

Os excessos de preços verificados atingiam, nalguns casos, 6$80 e 8$80 no quilo de carne de vaca.

Em Setubal, foi preso em flagrante Julio Severino Rolo, gerente do talho do mercado do Livramento, 22, que vendeu vitela com um acréscimo de 8$00 em quilograma. Entregue a tribunal, prestou a fiança de 15 contos. No mesmo mercado foi também processado um cortador que tinha especulado na venda de carne de vaca.

Condenados a penas remiveis

Por especulação, os tribunais condenaram: a firma Manuel Agostinho Duarte, Ld.ª, da Rua Marquesa de Alorna, 19-C, de Lisboa, em mil escudos de multa e imposto. Os empregados desta firma, Francisco Veloso, Abel Dinis e Manuel Sério, foram condenados, o primeiro em 90 dias e os outros dois em 60 dias cada um. Foram também condenados Artur Lopes, cortador em Vila Franca de Xira, 40 dias; José Queirós Leiras, cortador em Bragança, 30 dias; José Rocha Mendes e António Azevedo, ambos talhantes em Arruda dos Vinhos, 20 dias cada; e Manuel Jesus de Oliveira, cortador no talho da Rua José Duro, 19-C, em Lisboa, também 20 dias. As penas de prisão são remíveis, acrescendo multa e imposto de justiça.

EMPRÉSTIMOS

a agricultores

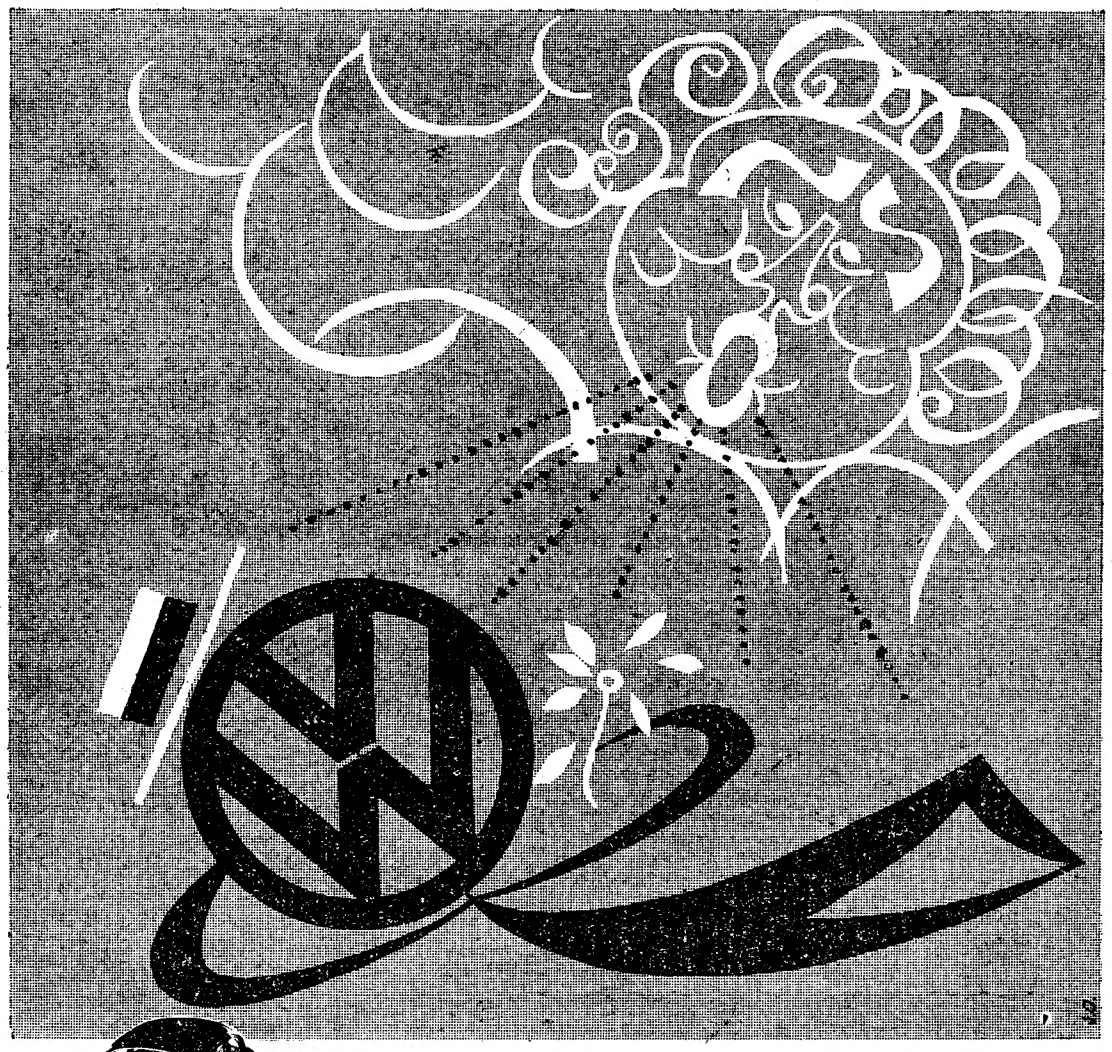
Por despacho do secretário de Estado da Agricultura, foi a Junta de Colonização Interna autorizada, ao abrigo da Lei de Melhoramentos Agrícolas, a conceder diversos empréstimos no montante de 2001 contos, a agricultores dos distritos de Beja (6.800$00), Évora (15.500$), Faro (21.000$), Guarda (300.000$). Lisboa (180.000$00), Ponta Delgada (819.000$00), Portalegre (22.800$), Porto (458.000$00), Santarém (85.000$00), Setubal (65.000$00) e Vila Real (28.000$00). Daquela importancia, destinaram-se: 182.125$, para obras de rega, enxugo e defesa contra a erosão; 633.020$00, para surribas, arroteias e novas plantações; 301.565$00, para construções rurais; 3 540$00, para remodelação e equipamento de oficinas tecnológicas; 700.000$00, para a construção do edifício-sede e armazéns dos Grémios da Lavoura de Amarante e Celorico da Beira; e 180.850$00, para outros melhoramentos.

Casas económicas

para Lisboa

Sob a presidência do secretário-geral da Presidência do Conselho, dr. Diogo de Paiva Brandão, reuniu ontem a Comissão de Habitação, especialmente criada pelo decreto-lei n.º 42454 de 18 de Agosto findo, que estabeleceu as bases para a coordenação de todas as actividades interessadas na construção de casas económicas na área de Lisboa.

arrefecimento por ar...



uma característica do

VOLKSWAGEN

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN S. A. R. L.
PR. DOS RESTAURADORES 74 — TELEF. 366751 (7 LINHAS)

NO CARNAVAL OUÇA

AS NOVIDADES MUSICAIS

DA

DISCOTECA

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3-A

* **BAIANO BURRO NASCE MORTO**
* **SIVUCA E SEU CONJUNTO**
* **ESCOLAS DE SAMBA EM DESFILE**
* **BAFO DA ONÇA** (BLOCO CARNAVALESCO)
* **SAMBISTAS DO ASFALTO**

E AINDA O INIMITAVEL

AGOSTINHO DOS SANTOS

NAS SUAS MELHORES INTERPRETAÇÕES

* **FELICIDADE**
* **MANHÃ DE CARNAVAL**
* **BALADA DO HOMEM SEM DEUS**
* **FIM DE CASO**

Tágide

O mais sensacional programa de

Carnaval

LOS TRIANAS
IDO BONIC
JEAN LOUIS BERT et ILONKA
Ballet GEORGES APPFEL

Orquestra cubana BOTAFOGO

Conjuntos TAGIDE e PALM BEACH

(Maiores de 17 anos)

Palm Beach

CAMPO PEQUENO

AMANHÃ, ÀS 15 HORAS

1.º GRANDE ESPECTÁCULO DE CARNAVAL

7 rezes bravas em cada tarde, com o distinto cavaleiro amador, de Evora, **Joaquim José Antunes Correia (Quim Zé)**, a formidável **Rapsódia Taurina Portuguesa** dirigida por **José António Mendes Leal**, a famosa parelha de toureiros sério-cómicos **D. José Junior, Tótó e seus Botones**, com o gorila toureiro, **D. Tancredo**, a grande banda de musicos **Os Autênticos**, os irresistíveis **Rapazes Turbulentos 1960**, os alunos das escolas taurinas **Luciano Moreira, Arena** e de **Torres Novas**, os **Forcados Juvenis Amadores de Vila Franca, etc., etc., etc.**

3.ª FEIRA, 1 DE MARÇO, ÀS 15 HORAS

Repetição de «**Quim Zé**» e dos alunos das escolas taurinas. Apresentação da **Troupe de Charlots Amadores de Montijo,** e a sua notabilíssima **Banda Cómica Infantil** com os seus rapazes e raparigas que pegarão as reses. Saltos de peixe, salto da morte, toureio de bicicleta, combates de box e o casamento
Pegas pelo Grupo Juvenil Amadores de Vila Franca

Preços desde 7$50! (Maiores de 6 anos)

Bilhetes á venda nos Restauradores, 7

TIVOLI

HOJE ÀS 21.30 INAUGURAÇÃO DOS ESPECTÁCULOS DE CARNAVAL

UM ACTO DE VARIEDADES DE GRANDE CATEGORIA INTERNACIONAL
COM
BALLET STAFFORD DANCERS ● MARA DEL RIO ● HALL, NORMAN & LADD ● CHARLY and CELITO ● ORQUESTRA LES NAPOLI
o notável filme

NAMORADOS EM FÉRIAS

com **Clifton Webb, Jane Wyman, José Grecco,** etc.
Desenhos animados ● Reprise de **«Joselito o Pequeno Pastor»**
(M. 12 anos)

BAILE ATÉ ÀS 6 DA MANHÃ

com as **Orquestras NAPOLI** e **TIBURCIO**
(M. 15 anos)
2.ª feira, Tradicional Parada Infantil, com prémios ás crianças mascaradas
(M. 6 anos)

— BILHETES Á VENDA —
AMANHÃ: Espectáculo á tarde, ás 15 h., e á noite, ás 21.30 h.

AVIS

HOJE, AS 21,45
(ADULTOS)

com
TÓTÓ · ISA BARZIZZA
AVE NINCHI · ENZO TURCO
realização de
MARIO MATTOLI

ESTA É MAIS UMA SURPRESA DOS SENSACIONAIS ESPECTÁCULOS DE

CARNAVAL

NO

AVIS

TELEFONE 47163

QUE HOJE SE INICIAM COM UMA ESPECTACULAR PARADA DE ATRACÇÕES -- INTERNACIONAIS --

TRIO VERA CRUZ
E ISABELITA
* DUO GIOLI *
MARIA MARISE
RITMOS e MELODIAS
Orquestra «S H O W»
PEDRO PAULI

* *

BAILES ATÉ MADRUGADA

EM DUAS GRANDES PISTAS ESPECIALMENTE PREPARADAS PARA O CARNAVAL

AVISO: — O filme «Tótó procura a paz» é classificado para 12 anos e como tal exibido nas «matinées» de amanhã ás 15,30 e 18,30

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS—M. 17 ANOS)

HOJE

COMEÇA A MARATONA DA FOLIA!
QUEM FALTAR... ARREPENDE-SE!

4 NOITES DE LOUCO ENTUSIASMO COM OS MAIS FAMOSOS SEM PARAR
BAILES DE CARNAVAL

EXTRAORDINÁRIA PARADA DE ÉXITOS | MUITAS SURPRESAS | MUSICA DE BAILE POR VILAÇA E SUA ORQUESTRA | NO SALÃO TÍPICO: CEIAS FADOS E GUITARRADAS

RÁDIOS

T. S. F.

DESCONTOS ESPECIAIS

CASA MAX

2-C, Av. Praia da Vitória, 2-D

O CARNAVAL

no Antigo Casino de Sintra

HOJE — Amanhã, Segunda e Terça-feira

4 animados bailes, variedades com consagrados artistas da Rádio e T. V.

Matinée infantil, amanhã, Domingo

• Prémios ás crianças

Informações das 10 ás 17 horas
Telefone 980866

17 ANOS | 4 ANOS

TRINDADE

HOJE ÀS 21,45

A MELHOR PEÇA DE **OLAVO D'EÇA LEAL**

O AMOR, O DINHEIRO E A MORTE

EXTRAORDINÁRIO TRIUNFO DO ELENCO DO T. N. P.

HOJE, AMANHÃ, 2.ª e 3.ª F.
A's 16 horas

4 tardes de muita alegria para miudos e graudos com os célebres parodistas ingleses

HALL NORMAN & LADD
os palhaços franceses
CELITO ET CHARLY
E NOEL & ZÉZÉ, MARIUS, EMILY CAMUS, DON MARK
SORTEIOS, BRINDES, BALÕES

HOJE: 1.ª GRANDE NOITE DE CARNAVAL

D. QUIXOTE BAR

FOLIA ATÉ ALTAS HORAS!

BAILE DE MÁSCARAS e VARIEDADES com
Graça Maria — Moniz Trindade
e CONJUNTO D. QUIXOTE

Amanhã e 3.ª feira baile constante desde as 17 horas

ADULTOS (M. 17 anos) **Telef. 27109**

Solar da Hermínia

Largo Trindade Coelho, 10 e 11
Telef. 20164 — (Maiores 17 anos)

Hoje e todas as noites HERMINIA SILVA a mais popular actriz, canta ás 23 e 1 e 30 da manhã, á frente de um grandioso elenco.

Atenção aos 4 DIAS DE CARNAVAL. Surpresas. Uma noite de festa e alegria.

Marque a sua mesa para o melhor Carnaval do ano.

CARNAVAL DE TORRES VEDRAS

21 LINDÍSSIMOS CARROS ALEGÓRICOS
BANDAS MUSICAIS. • ZÉS-PEREIRAS

*

DECORAÇÕES MARAVILHOSAS DE CUNHO REGIONALISTA

*

TRÊS AVENIDAS RESERVADAS ÀS BATALHAS DE FLORES
(CARROS EM FILAS DUPLAS)

*

DOMINGO – **CORTEJO,** após a recepção às suas majestades os reis de **CARNAVAL** às 10,30 horas

*

BATALHA DE FLORES, às 14 horas

*

3.ª-feira -- BATALHA DE FLORES, às 14 horas

*

PREÇOS — Peões, 5$00 — Carros para entrada nos recintos das BATALHAS DE FLORES, 50$00.

*

A COMISSÃO DE FESTAS FARÁ OFERTA, POR SORTEIO, DE 100 GARRAFÕES DO CÉLEBRE VINHO DE TORRES

BOITE DE NUIT **N-I-N-A** Adultos M. 17. anos

HOJE ESTREIA

GULER SISTERS

Esculturais bailarinas Turcas

QUE EM REFORÇO DO SEU PROGRAMA O **NINA** APRESENTA O MAIOR EXITO DA TEMPORADA EM MADRID

CARNAVAL
SÓNIA CORDEAU

(CANTORA INGLESA)
VEDETA INTERNACIONAL

JARDIM CINEMA

Telefone 681117 — As 22 horas — (M/15 anos)

Início dos grandiosos espectáculos carnavalescos

BAILE e VARIEDADES

Com duas orquestras e artistas da Rádio e Televisão

ROMA

CARNAVAL

(ADULTOS)

CUIDADO!
ATENÇÃO!

CHEGAM HOJE AO **ROMA**
AS «INOFENSIVAS»

MULHERES PERIGOSAS

Exclusivo Doperfilme

O FILME MAIS ATREVIDO DA TEMPORADA. VERDADEIRA LIÇÃO AOS HOMENS DOS «TREMENDOS PERIGOS» QUE CORRE QUEM LIDA COM MULHERES

SYLVIA KOSCINA ✱ DORIAN GRAY ✱ GEORGIA MOLL

✱ ✱ ✱

NO PALCO
UM «SHOW» MONUMENTAL
DUO GIOLI ✱ TRIO VERA CRUZ e ISABELITA ✱ MARIA MARISE ✱ «LOS EMBAJADORES» ✱ CONJUNTO SEM NOME
ESPECTACULO APRESENTADO POR **FERNANDO PESSA**

BAILES ATÉ DE MADRUGADA
ESGOTADA A LOTAÇÃO PARA HOJE A' NOITE

AMANHÃ, ÀS 15.30 — 4 ANOS
GRANDE TARDE DE ALEGRIA PARA CRIANÇAS
ATRACÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS ✱ 4 ORQUESTRAS NO PALCO ✱ PALHAÇOS ✱ CONCURSO DE MÁSCARAS COM 12 VALIOSOS PRÉMIOS

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ALCACER DO SAL na Agência de JOÃO ANDRE' MONTEIRA.

DE NOVO O MAIOR CÓMICO DO CINEMA NO MELHOR DOS SEUS FILMES! ELE CANTA, DANÇA, AMA E FAZ RIR COMO NINGUÉM!

(CÓPIA NOVA)

HOJE

PARA MAIORES 17 ANOS

HOJE

SÁBADO, 1.º DIA DE CARNAVAL

No CINEMA MONUMENTAL

ATENÇÃO — Para esta noite está esgotada a lotação

1.ª NOITE SENSACIONAL DE LOUCURA-FOLIA-BAILE DO

CARNAVAL N.º 1 DE LISBOA

UM GRANDIOSO «SHOW-ESPECTÁCULO» ONDE A ARTE E A BELEZA ANDAM DE MÃOS DADAS

Pasapoga

Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

A FASCINANTE SUPER-VEDETA
AMPARITO VALCANERA
E O SEU INCOMPARÁVEL FRISO DE BELDADES EM
BALLET PASAPOGA

A ATRACÇÃO SUL-AMERICANA
BALLET HORACIO CASTANO

MUITAS SURPRESAS
MÚSICA DE BAILE POR
SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

DUAS NOVIDADES... PARA RIR:

UM NOTÁVEL CONJUNTO EM FANTASIA BURLESCA
BALLET PARIS
COM A FAMOSA VEDETA
ANTONIETTE PARIS

A GRANDE ATRACÇÃO HÚNGARA EM CRIAÇÕES EXCÊNTRICAS
BALLET VIENA
COM A CÉLEBRE VEDETA
SONIA PULVER

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE

— JERRY NO JAPÃO — SÃO LUIS e ALVALADE
— TOTO PROCURA PAZ — AVIS
— Mulheres perigosas — ROMA
— O INSPECTOR GERAL — MONUMENTAL

SÃO LUIZ — Telefone 27172

A's 21,30 (M/15 anos)
ESTREIA
JERRY NO JAPÃO
com o cómico JERRY LEWIS

No Palco: CARCOLILLO com as suas primeiras bailarinas **Teresa Amaya** e **Marilena Velez** e o viola **Paco Izquierdo TONY SAM,** campeão europeu de harmónica de boca. **A ORQUESTRA MARAVELLA,** prémio do festival de **San Remo,** composta de 17 musicos, que tocará no palco e no salão de festas e no «foyer» apresentar-se-á a orquestra portuguesa **«Abril em Portugal»,** ambas exibindo-se em musicas de — baile. Locutor: **Artur Agostinho** — DE MADRUGADA, exibição do filme: **«Tótó e a médica»,** com Tótó e Vittório de Sica. TODAS AS TARDES: «Matinées» infantis para espectadores acima dos **12 anos, excepto** 2.ª feira: 6 anos

EDEN — Telefone 28768

15.30 - 18.30 e 21.45 (M/12 anos)
Um filme para rir
FERNANDEL
2.ª SEMANA
O GRANDE CHEFE
com GINO CERVI

Eles raptaram um filho de um milionário... mas arranjaram um grande sarilho.

A PREÇOS NORMAIS

ALVALADE — Telefone 763080

21,45 (M/15 anos)
Início das grandes Festas de Carnaval, com o mesmo programa do S. Luiz, excepto as 2 orquestras, que são substituidas pela NIGHTS STARS BIG BOYS

ODEON — Telefone 26283

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
Pedro Infante e Sarita Montiel
cantam e encantam, em
AMORZINHO DA MINHA VIDA

Dois filmes de desenhos animados além dos complementos habituais

ROYAL — Telefone 845037

21,30 (M/15 anos)
CANTINFLAS, PORTEIRO» e ADEUS SEVILHA

No palco: VARIEDADES — BAILE ATÉ DE MADRUGADA

CASINO ESTORIL

(M/17 anos)
BAILE DE GALA
(traje de noite)

TIVOLI — Telefone 58595

A's 9,30 da noite (M/12 anos)
NAMORADOS EM FÉRIAS
com **Clifton Webb** e **Jayne Wygman**

No Palco: BALLET STAFFORD DANCERS — 7 esculturais bailarinas, grande atracção de Londres e Paris **MARIA DEL RIO,** a voz de oiro de Rádio e Televisão italianos. **HALL, NORMAN & LADD,** sensacionais excêntricos musicais do «Lido» de Paris. **CHARLY and CELITO,** afamados «clowns» do Medrano de Paris e **ORQUESTRA LES NAPOLI,** célebre agrupamento de fama internacional ORQUESTRA TIBURCIO, que se apresentam nos salões de baile. **TODAS AS TARDES:** «Matinées» infantis para espectadores maiores de 12 anos, excepto 2.ª feira: 6 anos

POLITEAMA — Telefone 26305

A's 15.15 18.15 e 21.30
3.ª semana triunfal
CANTINFLAS
na famosa farsa
O SOBE E DESCE
com **Teresa Velazquez** e «**Borolas**»

EASTMANCOLOR (Maiores 12 anos)
Carnaval — Espectáculos normais a preços normais.

CONDES — Telefone 22523

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
3.ª SEMANA
O PASSARINHO DA RIBEIRA
com **António Silva, Deolinda Rodrigues, Maria Cristina, Leónia Mendes. Humberto Madeira,** etc.

AVIS — Telefone 47163

A's 21,45 horas (Adultos)
TÓTÓ PROCURA PAZ
com **Tótó** e **Isa Barzizz**

Este é o filme surpresa do Carnaval
VARIEDADES: Orquestra «SHOW» PEDRO PAULI — Conjunto «RITMOS E MELODIAS» — TRIO VERA CRUZ, com **Isabelita** — DUO GIOLI — e a voz melodiosa de MARIA MARISE.
Locutor: **FERNANDO PESSA**

RESTELO — Telefone 610375

21.15 (M/12 anos)
Panoramico e Agfacolor
A MIUDA
c/ Romy Schneider e Paul Hbschmid

LUX — Telefone 48560

21.30 (M/17 anos)
CUIDADO COM O AMOR
TEATRO DO CRIME
— BAILE ATÉ DE MADRUGADA —

IMPÉRIO — Telefone 551334/5

A's 9,30 da noite (M/17 anos)
À PESCA DUM MARIDO

No Palco: a grande vedeta internacional, **LUÍS ALBERTO DEL PARANÁ** e o seu famoso trio **LOS PARAGUAYOS.** AMANHÃ e 2.ª FEIRA, de tarde, duas orquestras com espectáculo e baile em que actuará a ORQUESTRA ARGENTINA DE OSCAR ALEMAN

HOJE — LOTAÇÃO ESGOTADA

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54157

15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Norman Wisdom
na impagável farsa
NORMAN NO PALCO

Um sucesso de gargalhada!

Hoje, amanhã, 2.ª e 3.ª feiras, Desenhos animados, chuva de balões, comé- — dia, farsa. PREÇOS NORMAIS —

ROMA — Telefone 727770

A's 21,45 h. (Adultos)
MULHERES PERIGOSAS
deliciosa comédia c/
Sylva Koshina e **Dorian Gray**

VARIEDADES: **Trio Vera Cruz** e **Isabelita — Palhaços — Duo Gioli — Marie Marisi — «Los Embajadores — Pedro Pauli — Conjunto sem nome — Ritmos e Melodias** — TARDES INFANTIS — Domingo e 3.ª feira de Carnaval, ás 15 e 30 (4 anos) — Grande desfile no palco de todas as crianças mascaradas a fim de atribuir valiosos prémios ás 12 melhores fantasias. — Espectáculo apresentado por **FERNANDO PESSA**

MONUMENTAL — Telefone 55131

A's 21,30 h. (M/17 anos)
O INSPECTOR GERAL
com **Danny Kaye**

VARIEDADES: **MISS MONTE-CARLO,** escultural bailarina e cantora — PADDY & MURPHY, contorcionistas cómicos — RUMAN & KITA, bailarinos excêntricos. 3 ÓPTIMAS ORQUESTRAS — (M/4 anos) — 3 «MATINÉES» INFANTIS» com o filme «SABU E O ANEL MÁGICO» — distribuição ás crianças de guloseimas «Ebro» e brinquedos da «Casa Benard»

— ATRACÇÕES DE PALHAÇOS —

CINEMA IDEAL — Telefone 24194

21.00 (M/17 anos)
A SELVA DA ALTA COSTURA
(em cinemascope)
P F F F T . . .
É O AMOR QUE SE EVAPORA

TERRASSE — Telefone 20917

21.00 (M/17 anos)
TOTÓ EM PARIS
O HOMEM DO IMPERMEÁVEL
A preços normais.

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

NO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp.ª E. Salvador e R. Martins, Lda.
A's 20.30 e 22.45 (Adultos—M/17 anos)

BREVEMENTE **SALVADOR** APRESENTA
A NOVA REVISTA POPULAR
TACO A TACO
INTERPRETADA POR UM ELENCO DE EXCEPCIONAL CATEGORIA

Coliseu

No reino da alegria! O Carnaval está no Coliseu! Quatro dias de folia num espectáculo portentoso! Esta noite, às 22 horas

O Circo é a própria máscara do Carnaval, esse tempo de plenitude e libertação. O melhor Entrudo é o do Coliseu, de portugueses para portugueses. Um gigantesco arraial onde Lisboa canta, dança e ri. Três

orquestras. Bailes até de madrugada. Os ritmos modernos: rumbas, baiões, sambas, cha-cha-chas e rocks. O desfile colossal de cem artistas. 30.000 lampadas incendeiam a noite! Quilómetros de serpentinas. Milhões de confetis.

A' noite, ás 22 horas, inauguração apoteótica do Carnaval: Kinito é coroado Rei Momo! Amanhã, á tarde, ás 16 horas, e á noite, ás 22 horas, grandiosos espectáculos.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Está assente em definitivo, que a companhia que está a actuar no Variedades transitará para o Avenida, onde estreará uma nova revista.
- A companhia que está no Avenida vai em meados do próximo mês, iniciar uma digressão pela província, com passagem pelo Porto.
- Amanhã no Maria Vitória realiza-se o primeiro ensaio geral da nova revista «Taco a taco».
- Concluem-se no dia 6 de Março as representações no Teatro Variedades do espectáculo «Revista é sempre revista».
- O actor Camilo de Oliveira vai participar do elenco que no Teatro Monumental ensaia a peça musicada «Boa noite Bettina».
- Alguns dos componentes da companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos, que foi dissolvida em África, devem participar do elenco, que no Avenida, vai apresentar uma nova revista.
- Beatriz Costa, que a bordo do paquete «Uige», regressa brevemente a Lisboa, mantém o propósito de na época de Inverno, fazer parte de uma organização de revista.
- A companhia de que é primeira figura Irene Isidro, só em meados de Maio começará a sua digressão pelo Ultramar.

«Terra ardente»

documentário da Guiné

Os srs. ministro do Ultramar, subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, agente-geral do Ultramar e outras individualidades assistiram hoje, no cinema Tivoli, a uma passagem privada do documentário que Augusto Fraga realizou na Guiné, segundo o livro de reportagens do dr. Norberto Lopes, «Terra ardente». Trata-se do primeiro documentário colorido e sonorizado que se faz daquela nossa província ultramarina, que deixou em todos as melhores impressões, tanto pela beleza das imagens,

(Continua na 13.ª página)

(17 ANOS)
Carnaval dos Artistas nas BELAS ARTES
JOSÉ MIGUEL apresenta
(Empresa Teatral ABC, L.ª)
3 «SHOWS»
1.º (Às 24 horas) com as atracções LES VILLALTA, ALICIA e PEPE

Max

e o grande ventríloquo MARIUS e os locutores *Armando Marques Ferreira* e *António Miguel*
2.º (Às 2 horas) um acto com toda a companhia do ABC, que é um autêntico acto de revista
3.º (Às 3.30) novo acto de revista com todo o elenco do ABC. Animadores: CARLOS COELHO e RAUL SOLNADO
MÚSICA PERMANENTE PARA DANÇAR
com as grandes orquestras
■ **CARAVANA** ■
E
■ **WALDORF'S BOYS** ■
DOMINGO e 3.ª, ás 16 horas
TARDES INFANTIS
com brindes ás crianças, o ventríloquo MARIUS, PALHAÇOS, e SURPRESAS
O SOM é PHILIP'S, POIS CLARO...

LUSO

Aurora Sobral

T. Queimada, 8-A
Telef. 32889
Adult. M/ 17 anos
H O J E,
até de manhã
Início do Grandioso e Tradicional
CARNAVAL DO LUSO
com **BAILE** — FADOS e DESGARRADAS
O R Q U E S T R A L U S O
No programa: **Aurora sobral — António Rocha—Odete Rosa—João Viana — Amélia Susana — Eduardo Franco.** Acompanhamentos por **António Couto e Pedro Leal.**

Hotel de Vale de Lobos
CARNAVAL
Só duas Matinées — Domingo, 28 e Terça-feira, 1 das 16 h. às 20 h.
Conjunto **«Yorke Melodies»** com Fernando Reis
ao microfone
Maiores 15 anos
FIM DE SEMANA E DIÁRIAS
(Condições especiais)
Um bom serviço de RESTAURANTE
Reservas e Informações, pelos Telefs. 094846 e 094843

Hotel de Turismo da Ericeira
Não há **Carnaval** neste Hotel
(Sossêgo absoluto)
FIM DE SEMANA E DIÁRIAS
(Condições especiais)
No RESTAURANTE a já famosa «Paelha de Lagosta»
Informações e Reservas pelos Telefs. 25 e 130 ERICEIRA

Helena Tavares na «Nova Canção»

A B C
(Emp.ª Teatral ABC, Ld.ª)
Telef. 36 67 45
(17 anos)
JOSÉ MIGUEL apresenta
Às 20.30 e 22.45
CARMEN ESBRI
Álvaro Pereira, Maria Adelina, Max, Helena Tavares, Antónia Montes, os bailarinos **Yola e Paulo,** a nova artista **Maria João, Carlos Coelho** num engraçado «compère» e **RAUL SOLNADO** na revista — triunfante
■ **QUEM SABE, SABE...** ■
Amanhã, espectáculo ás 16 horas

Carnaval Internacional do Estoril
★ **O MAIS ESPECTACULAR CORSO COM BATALHA DE FLORES ATÉ AGORA REALIZADO EM PORTUGAL**
20 GRANDIOSOS CARROS RANCHOS FOLCLÓRICOS CAMPINOS • CAVALEIROS E MUITAS SURPRESAS ★
★
AMANHÃ
★ E 3.ª FEIRA, ÀS 14,30 HORAS
PREÇOS: Peões, 20$00; Bancadas na Estrada Marginal, 50$00; em frente às Arcadas do Parque, 70$00; junto ao Casino, 100$00. ★
★ BILHETES À VENDA — No Casino, na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Cais do Sodré e nos Restauradores.
A Sociedade Estoril-Sol oferece um carro **D.K.W. Junior,** que será sorteado pelos possuidores de bilhetes.

TEM HOJE INÍCIO O GRANDE
CARNAVAL do VARIEDADES
ONDE ÀS 20.30 e 22.45 HORAS EM
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
GIUSEPPE BASTOS e *VASCO MORGADO* APRESENTAM
REVISTA É SEMPRE REVISTA!
AS MAIORES ATRACÇÕES E OS MELHORES ARTISTAS COLABORANDO COM O PUBLICO NUMA VERDADEIRA «APOTEOSE» DE ALEGRIA!!!
AMANHÃ, DOMINGO e TERÇA-FEIRA GORDA ÀS 16 H., DOIS GRANDIOSOS ESPECTÁCULOS À TARDE!
Espec. P.ª Adultos M/ 17 anos

Em ALGÉS o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na Tabacaria do CAFÉ CARAVELA D'OURO.
Em ALHOS VEDROS o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.

DESPORTOS

FUTEBOL INTERNACIONAL

Amanhã, no Estádio Nacional

defrontam-se as selecções militares

de Portugal e da Bélgica

Para o torneio do C. I. S. M. voltam a defrontar-se amanhã as selecções militares de Portugal e da Bélgica, no primeiro encontro internacional do ano e que terá por cenário o Estádio Nacional — a sala de honra do futebol português.

O jogo reveste-se de particular interesse visto que é decisivo para as pretensões da equipa lusitana, vencida, em Bruxelas, por 2-5, após uma partida que deixou a impressão de ter havido golos a mais a favor dos Belgas o que na verdade aconteceu. Com efeito, a selecção das Forças Armadas Portuguesas após um primeiro tempo inexpressivo e que foi excelentemente aproveitado pelos adversários, que enfiaram quatro golos sem resposta, reagiu de maneira admirável na segunda parte e após ter consentido o 5.º golo logrou impor-se de forma absolutamente convincente, praticando até o melhor futebol do encontro. Simplesmente, faltaram golos que «aproximassem» mais a diferença de classe entre as duas formações que, deve esclarecer-se, não é tão pronunciada como o resultado deixa transparecer. Diga-se até que existe um nivelamento de forças, servidas por predicados distintos: os Belgas utilizam um futebol simples e prático, enquanto os Portugueses são mais engenhosos e dificeis na concretização.

A margem de três golos a favor dos visitantes constitui um sério obstáculo para se pensar na qualificação dos Portugueses. Não será impossível devolver a derrota, consentida em Bruxelas, mas a expressão numérica afigura-se dificil de atingir. Aliás, para a selecção militar belga ser eliminada, a de Portugal precisa de vencer por quatro bolas de diferença. Conseguí-lo-á?

Espera-se que o «team» de Wegria, um avançado-centro perigoso, «defenda» o resultado, utilizando uma táctica especial. É dos livros tal processo. Resta saber como funcionará a disposição dos Lusitanos que decerto estão decididos em serem intérpretes de uma sensacional proeza. A modificação operada na equipa parece ser um prenuncio de um estado de espírito especial. Surtirá efeito?

Enfim, um jogo cheio de atractivos que promete um embate interessantíssimo e emocionante.

As duas selecções devem alinhar do seguinte modo:

PORTUGAL — Mourinho; Lino e Hilário; Fernando Mendes, Morato e França; Romeu, Carlos Gomes, José Augusto, Ferreira Pinto e Carlitos.

BÉLGICA — Weynants; Denayer e Wouters; Van Wilder, Spronck e Rutten; Jordan, Crote, Wegria, Bauweraerts e Janssens.

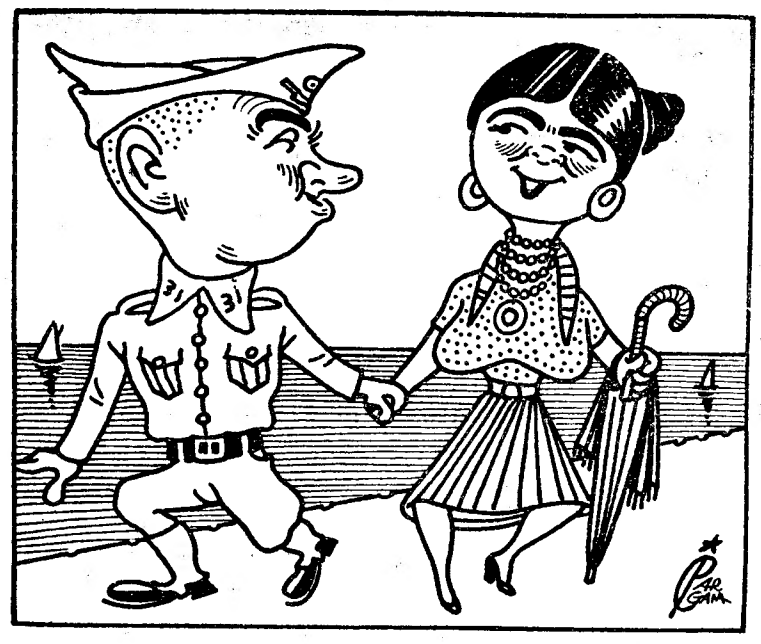
Também há jogos da «Taça»

Em virtude do encontro entre as selecções não afectar a maioria dos jogos da «Taça de Portugal», a F. P. F. acertadamente designou para amanhã os seguintes embates:

F. C. Porto - Oriental
Sporting da Covilhã - V. Setubal
Olhanense - Barreirense
Vila Real - Sporting de Braga
Vianense - Portimonense
Chaves - Salgueiros
Sanjoanense - V. Guimarães

Das sete partidas, a que oferece maior interesse é a da Covilhã, visto na primeira mão, em Setubal, se ter registado um empate. Nas restantes, o favoritismo pertence ao F. C. Porto, Sporting de Braga, Vitória de Guimarães, Vianense e Salgueiros.

Em Olhão, duvida-se que o Barreirense possa «aguentar» os 2-0 da 1.ª volta.



— O' 31 ! Qual é a arma que vais aplicar contra os Belgas... depois de levares 5 - 2 ?
— Desculpa, Maria. «Icho» são segredos... militares...

Um importante plano financeiro

vai ser posto em prática pelo Sporting

para a conclusão do Estádio Alvalade

Reuniu-se ontem, sob a presidência do prof. Diogo Furtado, o conselho geral do Sporting que a pedido da direcção do clube analisou a seguinte agenda:

a) Apreciação das contas relativas ao exercício findo;

b) Autorização á direcção para adquirir os terrenos onde está instalado o «stand» de tiro aos pombos;

c) Conclusão do Estádio; átrio e anexos, cobertura dos topos e possibilidade de fecho;

d) Instalação integral, no Estádio Alvalade, das actividades desportivas praticadas na sede e consequentes serviços administrativos;

e) Autorização para hipoteca e venda da actual sede.

O dr. Ventura Mateus, vice-presidente da direcção, fez uma circunstanciada exposição dos problemas financeiros do clube, apresentando dados concretos sobre uma administração que se realizou conforme as ideias que, no princípio da gerência, foram adoptadas.

A receita, em 1959, atingiu a importante verba de 8.662.887$93, superior á de 1958 que se cifrou em 8.510.077$24.

As considerações do referido dirigente foram depois corroboradas pelo presidente da direcção, dr. Brás Medeiros.

A questão dos terrenos julgados indispensáveis para a edificação da Cidade Desportiva do Sporting—um empreendimento de extraordinário alcance — foi objecto de particular atenção, tendo o conselho geral decidido autorizar a direcção do clube a proceder á indispensável operação financeira que visa á aquisição dos imóveis instalados nos terrenos do «stand» de tiro aos pombos.

Sobre a conclusão do Estádio, foram analisadas as medidas preconizadas e que visam a solucionar a instalação dos actuais serviços administrativos e posto médico nos baixos das bancadas.

A referida conclusão está prevista para durar entre três a quatro anos a assinalar outras tantas fases das obras respectivas. Para o efeito, além de um subsídio oficial e de receitas extraordinárias, pensa-se, primeiramente, em hipotecar o edifício onde está montada a sede do Sporting por 1.500 contos, e, por ocasião do início da 2.ª fase, em vender o mesmo imóvel, transitando a sede para o Estádio.

O plano apresentado, com carácter de esboço, será agora devidamente estruturado a fim de ser presente ao conselho geral e daí remetido á assembleia geral para então os sócios se pronunciarem, em definitivo.

O HIPISMO

nos Jogos Olímpicos

ROMA, 27. — A Federação Hipica Internacional produzirá uma película sobre o Grande Prémio de Ensino disputado durante os Jogos Olimpicos.

A classificação final para este prémio só será elaborada depois do juri assistir á projecção da película, a fim de serem convenientemente apreciados os movimentos dos primeiros nove cavaleiros classificados.

A distribuição dos prémios efectua-se, por isso, a 9 de Setembro, na Praça de Siena, depois da prova de saltos do Concurso Completo.

A mesma Federação decidiu que, durante os Jogos Olimpicos, as provas de hipismo sejam cronometradas em centésimos de segundo e não em décimos, como acontecia anteriormente. — (A. N. I.).

Um «record» mundial

batido por uma atleta australiana

SIDNEY, 27. — A famosa atleta áustraliana Betty Cuthbert, pulverizou hoje um «record» mundial, que se mantinha há 27 anos, ao correr, nesta cidade, os 60 metros em 7,2 segundos.

O «record», menos um décimo, foi estabelecido, em 1933, pela polaca Stella Walasiewicz.

Na prova de 100 jardas, Betty foi batida por Marlene Mathews com 10,7 segundos.—(R. e A. N. I.).

BAHAMONTES

o melhor ciclista espanhol

MADRID, 27— A Federação Espanhola de Ciclismo designou Frederico Bahamontes, vencedor da Volta á França em bicicleta, do ano passado, como o «melhor ciclista espanhol da temporada de 1959. Dos quinze delegados provinciais reunidos em Madrid, 13 votaram em Bahamontes. — (F. P.).

Abastecimento de água

Em várias localidades do País, prosseguem as obras para o abastecimento de água, estando presentemente em curso importantes trabalhos nos concelhos da Moita (freguesias de Alhos Vedros e Baixa da Banheira); de Mora (freguesias de Cabeção, Pavia, Brotas e sede do concelho); de Nisa (freguesias de Tolosa e Montalvão); de Castelo de Vide (freguesias de Póvoas e Meados) e de Porto de Mós (freguesia de Mira de Aire). Em todos estes trabalhos de distribuição de água ao domicílio são empregados tubos de lusalite, assim como nas obras em curso, de ampliação e reforço das condutas que abastecem, no concelho de Oeiras, as freguesias da Venda Nova, da Amadora, da Damaia e da Buraca.

Outras obras de abastecimento de água vão começar brevemente.

TAUROMAQUIA

Manuel dos Santos

CIDADE DO MEXICO, 27—«Volto á perigosa profissão do toureio porque adoro os aplausos do publico, porque tenho uma grande «afición», porque me sinto nas melhores condições físicas para poder oferecer tardes memoráveis» — declarou, hoje, o diestro português Manuel dos Santos, em entrevista ao jornalista Pepe Luís, da U. P. I.

Manuel dos Santos volta a apresentar-se nas praças mexicanas, a um publico que muito o quer e admira. Tendo recebido o jornalista com a sua «característica amabilidade», recordou que se despediu das praças mexicanas em Março de 1953, com uma corrida na Monumental, em que, alternando com outros cinco espadas, obteve o mais disputado trofeu tauromáquico: a «rosa guadalupana».

Disse que se retirou, em Lisboa, numa corrida no mês de Outubro de 1953, não tendo vestido depois o trajo de luzes. O motivo da sua retirada, acentuou — foi prematuro—devido, apenas, á delicada operação aos meniscos, da qual se acha completamente restabelecido.

Manuel dos Santos apresenta-se amanhã na praça «Caletilla», em Acapulco, alternando com os diestros mexicanos Joselito Huerta e António del Olivar, sendo lidados toiros de El Rocio. O espada português está contratado já para sete corridas sendo três na Monumental, uma em Guadalajara, outra em Monterey e ainda em Aguas Calientes e em Mérida. Mais três estão pendentes de assinatura: uma em Tijuana, e mais duas em Morelia e Ciudad Juarez. Amanhã, em Acapulco, Manuel dos Santos envergará o seu trajo preferido — rosa e oiro. — (A. N. I.).

Carnaval no Campo Pequeno

O Campo Pequeno dá amanhã o seu primeiro espectáculo de Carnaval, com o cavaleiro-amador «Quim Zé», alunos das escolas Arena, Luciano Moreira e de Torres Novas, as «troupe» cómica de Mendes Leal e de José Junior, um D. Tancredo, a banda «Os Autênticos» e «Rapazes Turbulentos».

E Algés apresenta o cavaleiro Cuca, o grupo de forcados dos cortadores, o «espada» Nobre e grupos folclóricos Sete Saias e Benavente e vários toureiros cómicos.

E em Évora, organizada pela Tertulia Tauromáquica Alentejana, haverá amanhã vacada, com um grupo de alunos da Escola de Regentes Agrícolas.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — A temporada de corta-mato prossegue com o campeonato regional de seniores, efectuando-se a respectiva prova, na distancia de 12.000 metros, nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, ás 10 e 30 horas.

CICLISMO — A época de ciclismo tem a sua terceira jornada, preenchida com a realização dos campeonatos regionais de fundo, para independentes (22 concorrentes) e amadores-juniores (59), disputadas nos seguintes percursos:

Independentes — Alvalade, Sacavém, Alverca V. Franca, Santarém, Almeirim, Alpiarça, Tapada, Santarém, Rio Maior, Asseiceira, Ota, Alenquer, Carregado, Vila Franca de Xira, Sacavém, Campo Grande e Alvalade.

Partida: 7 h. — 220 quilómetros.

Amadores - juniores — Alvalade, Sacavém, Vila Franca de Xira, Cartaxo, Pontével, Aveiras, Alcoentre, Espinheira, Ota, Alenquer, Carregado, Vila Franca de Xira, Sacavém, Campo Grande e Alvalade.

Partida: 7 e 30 horas — 150 quilómetros.

DESPORTO CORPORATIVO — Conclui-se a «poule» da série C da 2.ª Divisão do 18.º Campeonato Nacional de futebol (distrital de Lisboa), da F. N. A. T., jogando as equipas da Fábrica de Chocolates Regina e do Bairro de Carenque, no campo de Belém, ás 11 horas.

ESQUI — O Clube Nacional de Montanhismo faz disputar na Serra da Estrela uma competição (combinado alpino) em que está em disputa a taça «C. N. M.».

PESCA DESPORTIVA — O Clube de Amadores de Pesca de Tomar faz disputar o 2.º Concurso de Inverno, no rio Almonda.

TIRO AOS POMBOS — O Clube Português de Tiro a Chumbo promove, a partir das 14 horas, no seu «stand» do Lumiar, mais um torneio.

— Em Benfica, disputar-se-á a taça «António Mendes da Silva».

O SARAU ANUAL

do Ginásio Clube efectua-se em 19 de Março

O Ginásio Clube Português, prosseguindo uma tradição que vem do ano de 1877 no extinto Circo Price, promove na noite de 19 de Março, no Coliseu dos Recreios, o seu sarau anual de gala, a que presidirá o Chefe do Estado.

Uma grande sova

de Ray Robinson

avaliada em 4.200 contos

NOVA YORK, 27. — Um estivador, Phillip Norman, de 35 anos, apresentou uma acção num tribunal desta cidade, pedindo uma indemnização por danos, no valor de 150.000 dólares (cerca de 4.200 contos), a «Sugar» Ray Robinson, antigo campeão mundial dos médios, alegando que fora vítima da agressão da parte do pugilista, quando se encontrava numa cervejaria.

O autor da acção alega que a agressão se registou em 29 de Agosto ultimo na Cervejaria dos Pugilistas, acrescentando que recebera numerosos ferimentos, incluindo duas costelas fracturadas.

Robinson contestou a acção, negando as acusações. — (R.).

O americano Dave Jenkis

triunfou em patinagem artística nos Jogos Olímpicos

SQUAW VALLEY, 27— O patinador norte americano Dave Jenkis conquistou a medalha do primeiro prémio Olímpico de patinagem artística masculina, estilo livre, vencendo na final o checoslovaco Karol Divin. — (A. N. I.)

Tágide
Consumo obrigatório
Esc. 50$00
Palm Beach
Consumo obrigatório
Esc. 40$00
CARNAVAL
Sábado e Domingo
Chás Dançantes
Das 17 h. às 19,30 h.
(Maiores de 17 anos)

Os funerais *das vítimas* do desastre de aviação *de Bucelas*

Efectuaram-se hoje os funerais do capitão piloto-aviador Áfonso Tiago Canelos Marreiros e do 2.º sargento radiotelegrafista Vasco Gonçalves Martins, vítimas do desastre ocorrido anteontem, á noite, com um avião da Base Aérea do Montijo, que se despenhou na serra do Trancão, perto de Bucelas.

Durante a noite, os dois corpos, encerrados em urnas cobertas com a bandeira nacional, estiveram em camara ardente, na capela privativa do Hospital Militar Principal, onde foram velados por suas famílias e por amigos e camaradas.

Hoje, pelas 9 horas, houve missa de corpo presente, celebrada pelo capelão daquele estabelecimento hospitalar, cerimónia a que assistiram os srs. subsecretário de Estado da Aeronáutica, capitão Tamagnini Barbosa, que representava o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, brigadeiro Ponte Rodrigues, comandantes, oficiais e sargentos da Base Aérea do Montijo e muitos outros oficiais de outras bases aéreas.

Uma hora depois, os corpos foram retirados das essas e conduzidos para auto-funebres militares, que transportaram para o cemitério dos Prazeres o do capitão-aviador Afonso Marreiros e para o do Alto de S. João o do 2.º sargento Vasco Martins.

Os autofunebres foram precedidos de viaturas da Base a que os extintos pertenciam, conduzindo deputações de oficiais, sargentos e praças daquela unidade.

Nos préstitos incorporaram-se também outros oficiais; e nos referidos cemitérios foram prestadas as honras militares inerentes aos postos dos falecidos.

Assinado em Aveiro

um novo contrato de trabalho

O ministro das Corporações e Previdência Social seguiu no rápido desta manhã para Aveiro, onde chegou pelas 12 e 30. O sr. dr. Veiga de Macedo era aguardado na estação pelos srs. governador civil, presidente da Camara Municipal, delegado do I. N. T. P. e outros elementos representativos.

O ministro preside, esta tarde, na Delegação do I. N. T. P. á assinatura do primeiro contrato colectivo de trabalho entre o Grémio Nacional dos Industriais de Lacticínios e o Sindicato Nacional do Pessoal da mesma industria. Os dirigentes dos organismos signatários do contrato reuniram-se num almoço intimo com o ministro na Delegação do I. N. T. P., com o respectivo delegado e outras entidades.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PROPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 255 — Telef. 2 4564

Artur Duarte dá indicações a Artur Agostinho e Rogério Paulo, que participam nas primeiras cenas do filme

Trabalha-se na Tobis

O início das filmagens de "Encontro com a vida"

com Maria Della Costa e Rogério Paulo

No silêncio branco e moribundo da Tobis, onde um porteiro faz rolar uma cancela melancólica, movem-se algumas camaras. É Artur Duarte, um dos mais teimosos cineastas portugueses, a cuja tenacidade devemos algumas comédias suculentas.

— Há gente no «plateau»! — anunciou-nos um funcionário, com uma vaga irritação de perplexidade.

Penetrámos no «plateau» e atravessámos um jardim pouco convincente. Artur Duarte, olho mergulhado no visor, um cachecol amarelo Van Gogh atado ao pescoço, chapeu de feltro verde, bradava ordens, num tom excessivamente gritado para o cenário, estreito e baixo.

Rogério Paulo, com o cabelo grisalho de «Seis personagens á procura de um autor», um fato escuro, riscado de claro, sentava-se a uma mesa de primeiro almoço. Deixava cair a cabeça, os ombros avolumavam-se, maciços, quarentões. Luz Veloso entrou, arrastando os chinelos sobre o tapete felpudo e próspero, a cabeça toda em perfil, agudo, vivo, de ave.

— Está lá fora o homem!

Rogério Paulo soltou um brado na sua voz densa e coesa:

— Entre!

Era Artur Agostinho, pesadão, camponês, as mangas arregaçadas, o colete desabotoado, a face quase fulva do «tom geral».

— Lá se foi o motor! — lamuriou, lento, sorrindo manha.

— Outra vez?! — exclamou Rogério Paulo, senhorial, da cadeira.

Artur Duarte fazia um «travelling», nas calhas onde, por antigas, o cinema português já deu várias vezes a volta ao Mundo, sem Julio Verne nem Mike Todd.

— Corta!

Artur Duarte avista-nos, deslocados naquela saleta de proprietário de provincia, estrangeiros ao drama, um pouco comprometidos. E avança para nós, com a jovialidade de Hitchcock.

— Quer elementos?! Sente-se!... Sentados, tomamos notas.

— O filme intitula-se «Encontro com a vida» e é uma história realista e humana. Não confundir com neo-realista!...

Anotámos, elucidados.

— A história é de D. Maria Bárbara e põe o problema do adultério. Um proprietário, o Rogério Paulo (olhámo-lo, estava ao fundo, com a cabeleira de Pirandello no

(Continua na 14.ª página)

Borbulhas na face prisão de ventre

Se não tem uma pele sadia, se se queixa de enxaquecas, se dorme mal ou se sente fadiga, é possível que seja motivado pela **prisão de ventre**, e esta poderá beneficiar com o uso do LAXATIVO DE RICHELET. **A' venda em todas as farmácias.**

A rainha Isabel II *mostra-se encantada* com o noivado de sua irmã

(Continuação da 1.ª página)

que rodeia a propriedade. O sossego dos noivos está bem protegido.

Os noivos regressam na segunda-feira a Londres e Armstrong ficará instalado no palácio de Buckingham — (F. P. e R.).

DA CAVE PARA O PALACIO...

LONDRES, 27. — De uma hora para a outra, devida ao seu noivado com a princesa Margaret, o fotógrafo da sociedade Anthony Armstrong-Jones passou a ser, para toda a Imprensa britanica, o célebre «Tony».

O retrato que dele fazem os jornais desta manhã, revelam ser um rapaz sem pretensões, gentil de carácter, com gostos artísticos e hábitos boémios. Pequeno de estatura, foi timoneiro dos oito de Oxford. Trajando sempre segundo a ultima moda, no corte dos casacos e calças estreitas, tem tendências mais italianas do que inglesas. Anda muitas vezes de «blue jeans». Vive numa cave em Pimlico Road, num bairro popular e barulhento. No seu apartamento, só um quarto é forrado a papel. Quase que não tem móveis: um divã, uma mesa, três cadeiras e uma estante de livros. Ao lado, uma casa de banho e uma cozinha onde Tony cozinha ele próprio «spaghettis» para convidados da ultima hora.

No rés-do-chão tem o seu estudio de fotógrafo: como móveis uma cómoda e uma escada para graduar a iluminação. Por detrás de uma cortina, uma camara-escura e um escritório. Este dá para um minusculo jardim, ao lado de um pátio onde uma lavandaria tem permanentemente roupa a secar.

A casa tem mais três andares que são ocupados por vizinhos de condição modesta. Mais do que ninguém, todos ficaram admirados ao saberem ontem, á tarde, que o «senhor da cave ia ser cunhado da rainha».

Um deles, empregado numa companhia de seguros, disse que ao estudio de Tony iam as mais diversas pessoas: dançarinas de «ballet», aristocratas, manequins, jornalistas, costureiros e mesmo lindos modelos, como a chinesa miss Jack Chan, que posou para as melhores fotografias de Armstrong. Este trabalhava e divertia-se, misturando intimamente o trabalho com a distracção. Tony aprecia «jazz» e gosta de ouvi-lo muito alto.

O seu noivado com a princesa proíbe-lhe exercer de futuro o seu ofício: há oito dias, vendeu o seu estudio.

De um dia para o outro, Tony passou da cave de Pimlico Road para um apartamento em Buckingham Palace, onde a rainha Isabel o convidou a residir até ao seu casamento. — (F. P.).

A RAINHA MOSTRA-SE ENCANTADA

LONDRES, 27. — A princesa Margarida e o seu noivo, aparecem juntos em publico, pela primeira vez, desde o anuncio oficial do noivado, na terça-feira, á noite, quando assistirem ao espectáculo de gala do Royal «Ballet», no Covent Garden. Prevendo grandes concentrações de gente ansiosa por ver o noivo da princesa, as autoridades vão tomar precauções especiais para evitar excessos.

O acontecimento equivalerá a um «baptismo de fogo» para Armstrong-Jones como novo membro da família real: uma introdução á vida publica a que terá de se resignar a partir daqui. Embora goste de usar calças afuniladas, casacos de cabedal e outras peças de vestuário preferidas pelos «intelectuais» da alta sociedade inglesa, os amigos dizem que, no fundo, é extremamente tímido, e que, de início, decerto não achará fácil o cumprimento dos deveres sociais.

A rainha Isabel e o principe Filipe, segundo se diz, mostram-se encantados com o noivado de Margarida. — (A. N. I.).

O NOIVO E OS SEUS PAIS

LONDRES, 27. — «Tony» Armstrong-Jones é um jovem belo e elegante que, devido ao seu entusiasmo, atingiu o cume na profissão, transitando das revistas mundanas para o lugar de fotógrafo oficial da corte.

O pai do noivo é Ronald Owen Lloyd Armstrong-Jones, de 60 anos,

O anel de noivado

LONDRES, 27. — Anthony Armstrong-Jones ofereceu ontem, á princesa Margarida, para assinalar o seu noivado, um anel de ouro, com um rubi, rodeado de diamantes e com a forma de uma flor. — (R.).

Os belos

um inteli
de Gales,
o seu terce
Jennifer U
deira de u
ção.

A mãe
actual Con
1930 era c
bela mulhe
com Lord
dissolução
trong-Jones

A prince
sará com u
homem pe
que não lig

TOWNSEN A PRIN

PARIS,
enviou um
ções á prin
noivado co
-Jones —
Jour».

O telegra
send e por
Jamagne.

Townsen
lado de su
eu e minh
tes e deseja
felicidade.
algo acerc
lamos com
reçámos
grama com
tos. E é tu

A DATA MENTO

LONDR
ria dos jor
sa Margare
primavera.
ter.

O «New
provável q
lo de nobr
ainda a no
Buckingha
acerca do
príncipe F
Edinburgh

VA TODOS OS DIAS AO
Restaurante «Imperial» do Carregado
Prato da casa: «Ensopado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

Det *ofereco*

1 par de meias
Sabrina
NYLON-DUPONT DE 1.ª QUALIDADE

*CONTRA A ENTREGA DE 2 TAMPAS **
DE PACOTES GRANDES
OU 3 DE PACOTES PEQUENOS
E APENAS **10$00**
DIRIJA-SE AO SEU FORNECEDOR

* *ATENÇÃO: Só são válidas as tampas superiores dos pacotes onde*

Se quis
entreg
Armazén
e rece

ada
ã

a princesa
turo o seu
deu o seu

utro, Tony
o Road pa-
n Buckin-
nha Isabel
ao seu ca-

E

princesa
, aparecem
á primeira
cial do noi-
oite, quan-
ectáculo de
no Covent
des concen-
por ver o
autoridades
speciais pa-

alerá a um
para Arms-
membro da
ução á vida
se resignar
a goste de

vado

thony Ar-
ontem, á
a assinalar
de ouro,
le diaman-
uma flor.

casacos de
de vestuá-
ntelectuais»
sa, os ami-
do, é extre-
, de início,
l o cumpri-
ais.
príncipe Fi-
mostram-se
ado de Mar-

S PAIS

ony» Arms-
á belo e ele-
eu entusias-
a profissão,
s mundanas
fo oficial da

onald Owen
de 60 anos,

Os belos olhos nostálgicos de Margarida voltam a animar-se com a perspectiva da felicidade que se lhe depara

um inteligente advogado, natural de Gales, que celebrou há 16 dias o seu terceiro casamento com Miss Jennifer Unite, de 31 anos, hospedeira de uma companhia de aviação.

A mãe de Armstrong-Jones é a actual Condessa de Rosse, a qual em 1930 era conhecida como «a mais bela mulher de Mayfair». Casou-se com Lord Rosse em 1936, após a dissolução do seu consórcio Armstrong-Jones Senior.

A princesa Margarida não só casará com um plebeu como com um homem pertencente a uma família que não liga ás convenções. — (R.).

TOWNSEND FELICITOU A PRINCESA MARGARIDA

PARIS, 27. — Peter Townsend enviou um telegrama de felicitações á princesa Margarida pelo seu noivado com Anthony Armstrong-Jones — notícia, hoje, o «Paris Jour».

O telegrama é assinado por Townsend e por sua esposa, Marie Luce Jamagne.

Townsend declarou ao jornal, ao lado de sua esposa: — «Estamos, eu e minha mulher, muito contentes e desejamos a Margarida a maior felicidade. Soubemos, há tempo, algo acerca deste assunto. Rejubilamos com toda a Inglaterra. Endereçámos imediatamente um telegrama com os nossos melhores votos. E é tudo». — (A. N. I.).

A DATA PROVAVEL DO CASAMENTO

LONDRES, 27. — A crer na maioria dos jornais londrinos, a princesa Margaret casar-se-á na próxima primavera, na abadia de Westminster.

O «News Chronicle» afirma ser provável que a rainha dê um título de nobreza ao noivo mas diz que ainda a noite passada, no palácio de Buckingham, nada estava previsto acerca do assunto e lembra que o príncipe Filipe foi feito duque de Edinburgh pouco tempo antes de casar com Isabel.

O «Daily Herald» crê pouco provável que Anthony Armstrong-Jones seja feito duque ou príncipe. Só a rainha poderá atribuir o título. — (F. P. e A. N. I.).

O IDILIO SECRETO

LONDRES, 27. — Da família real, o primeiro a notar «Tony» Armstrong foi o jovem duque de Kent que, então, procurava quem deveria fixar a fotografia oficial dos seus 21 anos. Quando felicitavam o primo direito de Margarida pela esplêndida fotografia da maioridade, o duque recomendou o jovem fotógrafo no palácio de Buckingham. No entanto, as suas primeiras fotografias não fixaram a imagem de Margarida que tinha os seus fotógrafos predilectos.

Só dois anos mais tarde, num baile, o jovem Armstrong lhe foi apresentado. Julga saber-se agora que o romance entre ambos principiou imediatamente e que floria já quando o retrato oficial dos 29 anos da princesa fez pensar, com mágoa, que a formosa irmã da rainha Isabel se condenara ao celibato. Esse pensamento deve ter feito sorrir a princesa — e o seu fotógrafo.

Segundo os amigos do noivo, o idílio durava há já 6 meses. Billy Wallace, um dos amigos íntimos da princesa e considerado durante anos como um dos seus pretendente, declarou na noite passada: — «E' a coisa mais maravilhosa e esplêndida que jamais aconteceu. Conheci «Tony» há cerca de 8 anos. Trata-se de uma óptima e talentosa pessoa e um dos homens mais inteligentes que jamais encontrei».

Apenas Wallace e três pessoas, além de um círculo reduzido da corte, sabiam do noivado. Todos guardaram tão bem o segredo que os chamados «círculos normalmente bem informados do palácio» foram tomados de surpresa perante o que já é conhecido pelo «mais bem guardado segredo real do século». — (F. P., A. N. I. e R.).

Saiu da maternidade
a mãe dos quatro gémeos
que permanecem internados

A seu pedido, saiu hoje da Maternidade a mãe dos quatro gémeos, que foi residir para a sua nova casa, na Rua Henrique Nogueira, lote 4, r/c., esquerdo, na Amadora, até que esteja construida a casa que lhe foi oferecida pela Tecnicol. A renda daquela habitação é paga pela comissão de beneficência da Amadora e pela Conferência de S. Vicente de Paula.

As crianças ficaram na Maternidade Magalhães Coutinho, onde a mãe terá que ir duas ou três vezes por dia para as alimentar. O marido vai trabalhar na próxima segunda-feira para a Manutenção Militar, num lugar que lhe foi oferecido pelo director deste estabelecimento fabril.

Uma ambulancia dos Hospitais Civis fez o transporte de vários embrulhos com donativos que foram oferecidos ao casal, para a nova residência.

Para a família dos quatro gémeos recebemos mais 20$00 de D. Maria S Gonçalves.

Viagem de Instrução
dos cadetes da Reserva Naval

As fragatas «Alvares Cabral» e «Pacheco Pereira», comandadas respectivamente pelos capitães-de-fragata Ornelas e Vasconcelos e Camões Godinho, constituindo um grupo de escoltas sob a chefia do primeiro, largam do Tejo na próxima segunda-feira para uma viagem de instrução dos cadetes da Reserva Naval do curso de 1959-60.

A instrução abrange um período de quatro semanas, durante o qual os navios visitarão a Praia da Vitória, Ponta Delgada, Santiago da Praia, S. Vicente de Cabo Verde, Las Palmas, Funchal e Cádis, devendo estar de regresso a Lisboa no dia 27 de Março.

O curso da Reserva compreende 37 cadetes, dos quais 22 são de Marinha, 4 médicos, 6 engenheiros maquinistas navais e 5 de administração naval.

E' a primeira missão que aquelas fragatas, recentemente adquiridas em Inglaterra, executam na nossa Marinha.

O NOVO DIRECTOR DA P. I. D. E.

O ministro do Interior enviou para o «Diário do Governo» a portaria que nomeia director da P. I. D. E. o sr. tenente-coronel Homero de Oliveira Matos, até agora comandante do Batalhão n.º 3 da G. N. R., com sede em Évora. Este oficial prestou serviço nos regimentos de Cavalaria 3 e 5 e na Escola Prática de Cavalaria. Conta na sua folha vários louvores e condecorações, obtidas no desempenho de missões de carácter militar.

Aquele membro do Governo dará posse, dentro de breves dias, ao tenente-coronel Homero de Oliveira Matos.

Teve a amabilidade, que agradecemos, de apresentar cumprimentos ao «Diário de Lisboa» o sr. capitão Neves Graça, que deixou as funções de director da P. I. D. E. por ter requerido a aposentação.

CAPTURA
de dois cadastrados
e apreensão de mercadorias furtadas em comboios

Foi capturado, numa taberna da Rua do Duque, António de Oliveira, com 16 prisões no cadastro, que desde há meses se encarregava da venda da mais variada mercadoria, que disse ter sido roubada por dois indivíduos, cujos nomes forneceu aos investigadores.

Identificados os compradores, foram apreendidos: um faqueiro, diversas gabardinas, xailes, botas de borracha, dois aparelhos de rádio, peças de fazenda e de riscado, cobertores, almofadas, pano para cortinados, blusões, grande quantidade de novelos de lã, samarras, tendo sido outros empenhados.

Com o Oliveira foi também detido, por suspeita de cumplicidade, outro cadastrado de nome Fernando Costa, de 41 anos, calceteiro, natural da Guarda. Trazia com ele anéis e pulseiras, assim como outros objectos de latão, confessando que, com outro cadastrado, percorriam estabelecimentos de ourivesaria e trocavam esses objectos falsos por outros de maior valor. Foram enviados á P. J., juntamente com a mercadoria e outros valores apreendidos.

Transito restabelecido

Foi restabelecido o transito na Estrada Nacional 222, ao klm. 27,250 na ponte sobre o rio Inha

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Leste. O céu estava geralmente muito nublado e havia nevoeiros locais por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado sobre a Espanha.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS — Lisboa, e Porto, 12°; Faro, Portalegre e Funchal, 16°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 15,6; na água do mar, 13°,8.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS — Máxima, 22°,8; mínima, 11°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 19°,2; mínima, 9°,6.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.). DE AMANHÃ — Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sudeste. Pequena subida de temperatura. Aumento gradual de nebulosidade a partir da noite de hoje, com vento moderado a fresco de Sudoeste e períodos de chuva.

O MINISTRO DO EXÉRCITO
visitou novamente o Hospital da Estrela

O sr. ministro do Exército, que ainda há poucos dias visitou as instalações do Hospital Militar Principal da Estrela, voltou hoje áquele estabelecimento hospitalar, onde foi recebido pelos director e subdirector, respectivamente, srs. coronéis-médicos tirocinado Nicolau Bettencourt e Manuel Silva Costa e outros oficiais ali em serviço.

Aquele membro do Governo começou por visitar os pavilhões de clínica médica e os novos serviços, já em funcionamento, como o de Raios X, Estomatologia, Fisioterapia e Urologia.

A visita teve por fim estabelecer um plano de obras futuras que muito virá valorizar aquele importante estabelecimento hospitalar militar, que dispõe hoje de um quadro de médicos especialistas digno de referência.

A viagem ministerial
ao Estado da India

O sr. governador-geral do Estado da India teve a amabilidade, que muito nos penhorou, de agradecer ao «Diário de Lisboa» o relevo dado á viagem do sr. ministro da Presidência áquele território e as crónicas que o seu enviado especial lhe consagrou, chamando a atenção de todos os portugueses de boa vontade para o seu desenvolvimento.

erece-lhe

ADE

Se quiser receber no **próprio dia** as suas meias entregue as tampas de **Det** e **10$00** nos Armazéns da SONADEL – Av. João Crisóstomo, 12-B e receberá, **em mão**, o seu par de meias

os pacotes onde está impresso "FABRICADO EM PORTUGAL"

DENTES COMO ESTES SO COM
PASTA MEDICINAL COUTO
CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

Todos quantos possuem os relógios braceletes **Junghans** estão satisfeitos.
Peça-os nas relojoarias e ourivesarias do País

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU!
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
Rua da Prata, 257

O PROGRAMA JOVEM QUE

MARCHA PARA O FUTURO

MEIA-NOITE

Uma realização de ***Armando Marques Ferreira***
e ***António Miguel em Rádio Clube Português***

EMISSÕES ESPECIAIS DE CARNAVAL

SÁBADO, DOMINGO, SEGUNDA E TERÇA, DAS 0 ÀS 7 DA MANHÃ, NUM EMPREENDIMENTO IMPAR NA RÁDIO PORTUGUESA

TRANSMISSÃO DIRECTA DO **«GRANDE CARNAVAL DOS ARTISTAS»**, NAS **BELAS ARTES** E MUITA MÚSICA DOS ESTÚDIOS, COM DESTAQUE PARA AS NOVAS GRAVAÇÕES PORTUGUESAS **«R. C. A.»** E TAMBÉM PARA OS DISCOS DA **«DISCOTECA UNIVERSAL».**

MEIA-NOITE

AGRADECE A COLABORAÇÃO DAS SEGUINTES MARCAS E FIRMAS:

PREDIAL RUICAR — SOCIEDADE INDÚSTRIAL ALIANÇA (VITA-FIG) — CASA DÜRKOPP, PEDRO S. PIRES (GIROTEX) — MÁRIO GONZAGA RIBEIRO — GIRA-DISCOS «LESA» — TINTAS E COLAS CISNE — RETIRO — EXCLAVIL — ESPECTÁCULOS VASCO MORGADO — HELLER — ELBA — CHÁ LYON'S — CAFÉ-RESTAURANTE MONUMENTAL — DENTOSAN — SABONETE NALLY — SAVOL — SEIVOMEL — AVEIRENSE — LUÍS BRANCO, L.DA — TELECTRA — NOGUEIRA — LUIGI, L.DA — COMAL — ADÃO CAMISEIROS — SOPAL - SOCIEDADE DE PLÁSTICOS, L.DA — DEC - DECORAÇÃO E ARTESANATO E

PAPELARIAS EMILIO BRAGA,

COM O SENSACIONAL CONCURSO **«O LÁPIS DO LOPES»**

☆ ☆ ☆ ☆ ☆

A EQUIPA DE «MEIA-NOITE», ANUNCIA AS SUAS PRÓXIMAS REALIZAÇÕES:

EM MARÇO: **«PASSAGEM DE NÍVEL»,** EPISÓDIOS ESCRITOS ESPECIALMENTE POR ANIBAL NAZARÉ, TENDO COMO PRINCIPAL INTERPRETE HENRIQUE SANTANA — OFERTA EXCLUSIVA **DENTOSAN**

EM ABRIL: **«RÁDIO-NOVELA POPULAR»,** OFERTA DA **EDITORIAL POPULAR**

EMISSORES DE PAREDE, LISBOA, PORTO
E MIRAMAR DE RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

DISCOS

PARA OS BAILES DE CARNAVAL

CELLY CAMPELLO

Estupido cupido
The secret
Tunel do amor
Muito jovem — PARL. LGEP 4013

JERRY MENGO E A SUA ORQUESTRA

A marcha de Babette
Marie, Marie — bolero mambo
Amor em Portofino — bolero mambo
Muchas gracias — bolero mambo
COL. SLEG 5017

Hula-hoop
Se fores ao Rio — samba
Isso é o amor — cha-cha-cha mambo
Come prima — slow — COL. SLEG 5012

JOSÉ GUARDIOLA E O SEU CONJUNTO

Um telegrama — fox swing
A montanha — slow-rock
Alguma vez — slow-rock
Senhora Dona Cibeles — bolero
COL. SLEG 5015

ORQ. BRUNO MARTINO

Draculino — cha-cha-cha
Por dois beijos... — cha-cha-cha
VDD. 45-EQ 5028

JUANITO SEGARRA

Professor Merengue
Tudo se acaba — bolero
Quero-te muito — beguine
Se voltares para mim — bolero
PARL. LGEP 4000

TRIO GUADALAJARA

Pepita de Mallorca — baião
Perdida — bolero
La fluti-veri-flá — paso-doble
Otro año — bolero cha-cha-cha
PARL. LGEP 4002

ESSE NORTE E' DE MORTE
WALTER DAMASCENO

Fum fum — rojão
Cabra froxo — xote
Parada dura — coco
Acabo de tanga — PARL. LGEP 4016

JOAO GILBERTO

Chega de saudade — samba
Saudade fez um samba
Desafinado — samba
Bim-Bom — samba — PARL. LMEP 1040

ORFEU NEGRO

A felicidade — samba
Manhã de Carnaval — samba
O nosso amor — samba
Frevo — PARL. LGEP 4014

OLGA E TONY

Serenata portuguesa — fado
El vapor — porro guaracha
De Caiz al Puerto — paso-doble
El cha-cha-cha del tren — polka
VDD. 7LEG 6003

BOLINHA CIDOCA E SUELY

Você mentiu — rasqueado
A boneca chorou — bolero
Boneca fingida — bolero
Deixe eu ficar — bolero — PARL. LGEP 4009

ORLANDO SILVEIRA E SEU CONJUNTO

Se a lua contasse — marcha
Olha a lua — samba
A respeito da lua — fox-trot
Deixa a lua sossegada — samba
PARL. LGEP 4008

JOSÉ LLATA (RUILLATA)

Gloria y jasmin — paso-doble
Blanca gaviota — paso-doble
El beso — paso-doble
Julian Marin — paso-doble
PARL. LMEP 1007

Pinito del Oro — paso-doble
Eco español — paso-doble
Saxofonista — paso-doble
Callecita mia — paso-doble
PARL. LMEP 1031

Victoria en el estrecho — paso-doble
Por tu cara — paso-doble
Tierra de sol — paso-doble
Gala de España — paso-doble
PARL. LMEP 1032

ORQ. DE BANJOS BIG BEN

Marina — fox-trot
Todos a bordo — fox-trot — COL. 45-DL 5038

A VOZ DO DONO — Columbia — Parlophone

EST. VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
RUA NOVA DO ALMADA, 97

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

com a balneoterapia, à rotina das curas marinhas.

Pelas suas notáveis propriedades físicas, químicas e biológicas, como todos os outros medicamentos, tem seu formulário peculiar.

A água do mar não é só importante e recomendável pelos sais minerais que contém — é importante também devido ao balanço e percentagens desses mesmos sais, as proporções e dosagens em que se verificam e actuam na presença uns dos outros.

A quantidade de sais minerais é constante, variando porém nos mares interiores ou na costa, quando a quantidade de água doce, proveniente dos rios de grande caudal, a altera em épocas apropriadas do ano.

Quando a água do mar é colhida (tal como se faz na Ericeira) a uma considerável distância da praia, apresenta-se pura, tão pura como a água das nascentes ou das fontes privilegiadas.

Do ponto de vista farmacológico compõe-se de cloreto de sódio e sais de potássio, cálcio e magnésio. Contém, ainda, substâncias inorgânicas e orgânicas, plâncton e produtos hormonais provenientes da fauna marinha. E não é, como alguns erradamente supõem, uma simples solução de sais: é uma mistura viva, biológica de corpos cristalinos e coloidais, tão variada que, segundo Ritter, difícil é a sua síntese.

Estes elementos, uma vez ingeridos, dissolvem-se directamente no organismo ou, razão prima da sua ingestão, provocam a assimilação de outros minerais.

O cálcio, por exemplo, impedindo a permeabilidade da parede celular, apresenta propriedades anti-alérgicas e anti-inflamatórias, possuindo acção decisiva sobre algumas afecções. Antagonista do sódio, impede a acumulação deste no organismo. O ião cálcio desloca o ião sódio (P. Delore). O potássio, tal como o anterior, é anti-alérgico, antiflogístico e estimulante da diurese, regulando a percentagem da água nos tecidos. O equilíbrio electrolítico da água é muito importante para a manutenção da vida.

Encontra-se em combinação com o cálcio e o magnésio. Este último facilita as reacções de defesa, estimulando o tónus muscular e as trocas celulares. Existem estreitas relações entre o magnésio e o metabolismo dos hidratos de carbono, razão esta por que é aconselhável aos diabéticos, (não tuberculosos) a cura de água do mar.

Verifica-se também uma constante relação entre o magnésio e o colesterol. A ingestão de água aumenta a percentagem de magnésio no sangue. Talvez pelo facto acima referido a água esteja indicada nas hipertensões arteriais, nas estenoses arteriais localizadas, nas sequelas do enfarte do miocárdio, nas insuficiências cardíacas ligeira e média, nas sequelas da endocardite, nas carências do aparelho locomotor e, ainda, nas sequelas da flebite.

Cada um dos sais minerais, verificados na água do mar, tem uma missão a cumprir. A coordenação das específicas missões contribui para o acerto do equilíbrio celular, além de facilitar a desintoxicação geral.

A rotura do equilíbrio iónico ocasiona o aparecimento de enfermidades, algumas delas fatais.

O mar, nó do problema, encontra-se na origem da vida; no Oceano teve início a história da célula e da biologia (Singer, 1959).

As carências verificadas no metabolismo mineral podem ser contrabalançadas ingerindo, a tempo e com indicação médica, água do mar, colhida a distância das praias e das costas. Assim, do ângulo da biologia aplicada, a terapêutica moderna empresta importância científica às repetidas curas de água (Quinton).

Nalguns países, entre os quais a Bélgica, os serviços médico-sociais (termalismo social) aconselham: a ingestão de água e as curas marítimas nas afecções alérgicas (asma) e asmas infecciosas; reumatismos descalcificantes (poliartroses e todas as artroses localizadas, descalcificação vertebral e sequelas de traumatismos); obesidade e deficiências glandulares; afecções hepatovesiculares e gastrintestinais; carências do aparelho locomotor; reumatismos inflamatórios (sequelas do reumatismo articular agudo, poliartrite crónica evolutiva, espondilartrite anquilosante, reumatismos crónicos infecciosos); reumatismos degenerativos (poliartroses e todas as artroses localizadas); reumatismos ab-articulares (periartrite escapulo-humoral, ciáticas, celulite e gota); pós-intervenção (artroplastias da ânca) e nas afecções cardíacas já referidas.

Na indicação de toda e qualquer cura marítima tem de se atender a variadíssimos factores, sendo um deles o de saber distinguir entre indivíduos fatigados e enfermos. A destrinça nem sempre é fácil ao primeiro contacto doente-médico. A cura não está aconselhada em todos os casos. Deve se atender, em primeiro lugar, às possíveis contra-indicações. A existência de lesões focais tuberculosas constitui barreira intransponível.

Outro exemplo: no restabelecimento do equilíbrio vegetativo é obrigatório identificar o tipo vegetativo original (classificação de Curry-Lampert).

Por sua vez, tem de se atender igualmente aos tipos de clima (existem muitos) e harmonizá-los com os casos clínicos em presença.

A influência da atmosfera é compensadora e normalizante. O ar encontra-se desprovido de poeiras nocivas, cancerígenas, de germes e alergenos.

O vento é outro factor importante: actua sobre os capilares. O clima marítimo regulariza o metabolismo das vitaminas, das hormonas, das albuminas e gorduras.

A balneoterapia é muito útil no tratamento das dores funcionais, formas hipertónicas e hipotónicas.

A bioclimatologia e a balneoterapia modificam penosas reacções psicossomáticas, neurocirculatórias e hormonais.

Curry, referido por Schütt, aconselha o mar e o aproveitamento das variações na terapêutica das doenças nervosas, sumido o período agudo. Heisenberg (1952) emite idêntica opinião.

Goeters, pediatra de renome europeu, não dispensa a permanência na praia, aconselhando curas de Outono, Inverno e Verão, além das de repouso e preventivas no decorrer do ano.

O congresso do Estoril, a realizar em Maio, com o patrocínio das entidades oficiais, tem, pois, uma actualidade indiscutível. Negá-la significa viver à margem dos problemas científicos.

A. d'E.

CARREIRAS AÉREAS

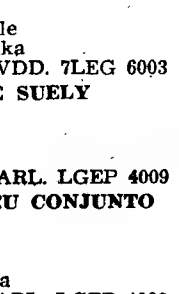
Actividades da P. A. A.

A P. A. A. foi autorizada a incluir nas suas rotas da América do Sul, a cidade de Brasília, futura capital do Brasil. Os serviços daquela companhia terão início no dia 3 de Abril.

A mesma empresa alugou ás «Linhas Internacionais do Paquistão» o seu equipamento a jacto Boeing 707-«Intercontinental», a fim desta companhia poder iniciar um serviço regular semanal entre Karachi e Londres. Estes serviços, em ligação com os da P. A. A., que terminam em Londres, iniciar-se-ão no dia 7 de Março próximo e enquadram-se dentro dos horários gerais da «Volta ao Mundo». Os pilotos serão americanos e o pessoal da cabina paquistanês.

«Clube dos Artistas»

Óscar Silva Tavares teve á sua roda, na inauguração do seu «Clube dos Artistas», restaurante-bar-«boite», á entrada do Parque Mayer, numerosas pessoas amigas e muitos artistas. Trata-se de um estabelecimento confortável e de ambiente simpático, realização de um projecto do arquitecto José Luís Soares, decorado por Francisco de Almeida Brandão, que executou vários quadros, como os pintores Manuel Lima, Pinto de Campos, Mário Alberto, Hernani Lopes, Velez de Lima, José Viana e Manuel de Lima, numa exposição renovável, á medida que as obras forem adquiridas.



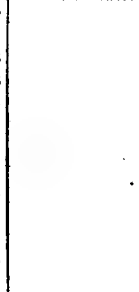
Emma Louise Georgina Grandvau Barbosa

(Mrs. George)

FALECEU

Seus filhos, noras, genros, netos, cunhadas e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, avó, irmã e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, domingo, pelas 11 horas da Igreja de N.ª S.ª da Pena para o cemitério do Alto S. João.

AGENCIA SALGADO



Virgínia Lopes de Oliveira

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS
DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

JUSTINO D'AVILA RAMOS, Joaquim Justino Lopes de Oliveira e sua esposa, Maria de Santo António Brandão O. Marcelo e seu marido ausente, Eduardo, Alberto Brandão O. Marcelo, José Ribeiro Cesar e mais familia cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à sua Divina Presença a sua muito querida e saudosa esposa, irmã, cunhada, tia, madrinha, prima e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã 28, pelas 12 horas, da Igreja S. João de Deus para o cemitério do Alto S. João.

AGÊNCIA MEGA

VERIFIQUE !... PORQUE O FORD Anglia COMPLETAMENTE NOVO é o carro mais Fascinante do mundo

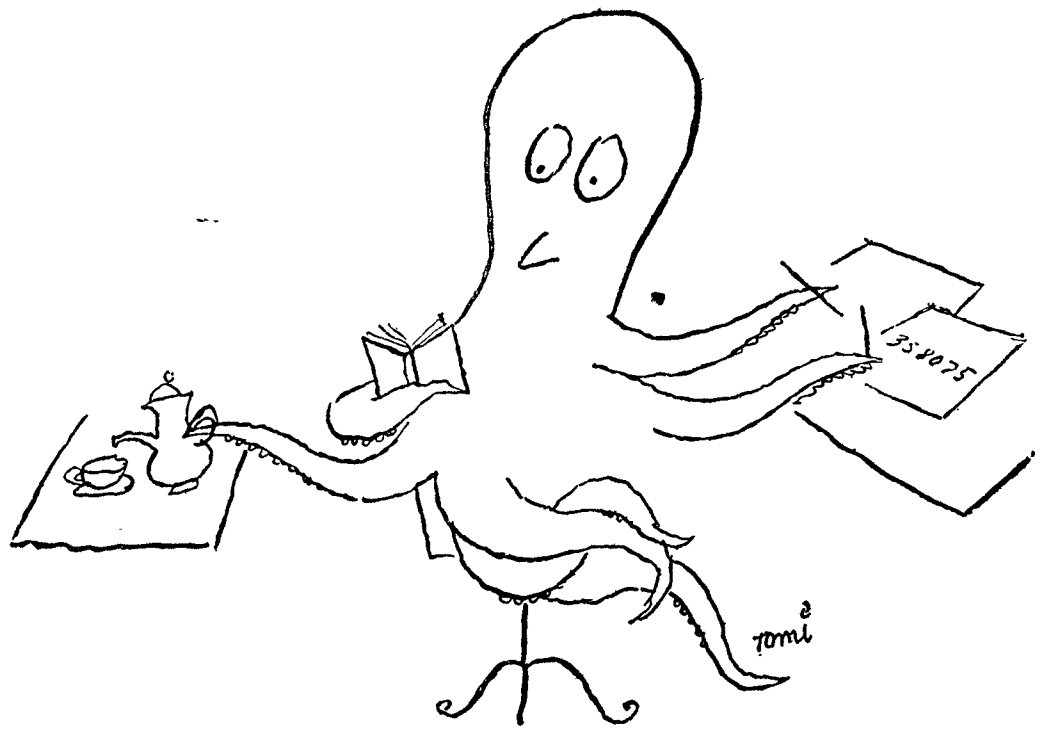
OS CONCESSIONÁRIOS FORD OFERECEM-LHE UMA DEMONSTRAÇÃO!

J. MENDES COELHO, LDA. (LISBOA) AUTO BOAVISTA, LIMITADA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 4 61 47 - 4 35 23 RUA DA BOA VISTA, 81-B • TEL. 66 91 41/4

AUTO RALI, LDA. — Avenida Almirante Reis, 130-A a 130-E — Tels. 760436-772788

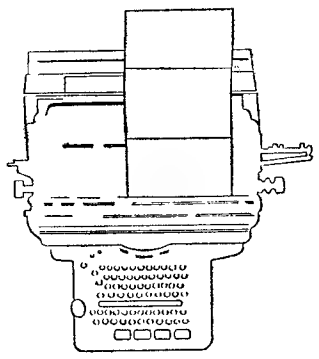
ARTHUR MARTIN

REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, L.DA
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 T. 733111 • LISBOA
DELEGAÇÃO EM COIMBRA: AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 32 TEL. 25823 — NO NORTE: M. SIMÕES JR. L.DA R. S. ANTÓNIO, 208 TEL. 25581 - PORTO



A versatilidade traz vantagens para qualquer negócio

Facturas, salários, stocks, inventários, contas diárias, contas correntes... seja o que for! Esta máquina de contabilidade pode fazê-lo, rápida e eficientemente. Multiplicação directa e exclusiva, sem interrupção do trabalho — dá resultados instantâneos sem necessidade de copiação, verificação ou cálculo prévio e os resultados são impressos com um só golpe e com a pontuação decimal exacta.
Multiplicação, soma, subtracção, saldos positivos ou negativos, etc. etc., tudo automático.



A máquina de contabilidade Burroughs com multiplicação directa e máquina de escrever

Basta telefonar ao representante da Burroughs

"SISTEMA" SOCIEDADE DE MÁQUINAS E SISTEMAS DE CONTABILIDADE, LDA.
(Associada de ROBINSON, BARDSLEY & CO., LTD.)
AV. 24 DE JULHO, 3, 1.º • TELEFONE 32991 (P. P. C.) — LISBOA
PORTO — P. Carlos Alberto, 128-A, 1.º — Tel. 24007 - 20766 • COIMBRA — Bairro Marechal Carmona, Rua C, 3 — Tel. 23228

Sociedade «ESTORIL»
Caminho de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

AVISO

SERVIÇO ESPECIAL DE COMBOIOS

Portugal-Bélgica (Militar)
No dia 28 de Fevereiro de 1960

Por motivo do desafio de futebol Portugal-Bélgica (Militar), no Estádio Nacional, haverá no dia 28 de Fevereiro um serviço especial de comboios, com partidas de Cais do Sodré, desde as 13-18 h. ás 15-00 h. e, da Estação do Estádio, desde a terminação do encontro.

Não haverá, por motivo deste serviço especial, alterações previstas ao horário H. 34, em vigor.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1960

O ENGENHEIRO-DIRECTOR
A. Bual

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

União Eléctrica Portuguesa

S. A. R. L.

Capital: 250:000.000$00

SEDE — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sede da sociedade, Rua de Alexandre Herculano, n.º 244, no Porto, no dia 21 do próximo mês de Março, pelas 15 horas, a fim de deliberarem sobre:

a) — Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano findo;
b) — Proposta do Conselho de Administração referente á emissão de novas obrigações;
c) — Preenchimento de vagas nos Corpos Gerentes.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos 8 dias antes da Assembleia, no Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa ou Porto.

Porto, 22 de Fevereiro de 1960.

O Presidente da Assembleia Geral
Manuel José Coelho

Anibal Vieira

AGRADECIMENTO

Maria Amaro Vieira da Cruz, seu marido Eliseu Vieira da Cruz e filhas; Palmira Amaro Vieira Ferreira e seu marido Fernando Vieira Ferreira; Judith Amaro Vieira da Cruz, seu marido Julio Vieira da Cruz e filhos; Manuel Amaro Vieira, sua mulher Dora Almeida Vieira e Filha; e Palmira Vieira Ferreira Vieira da Cruz e seu marido António Vieira da Cruz, vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que por qualquer forma testemunharam a sua amizade, quer manifestando o seu interesse durante a doença, quer patenteando o seu pesar quando do falecimento e do funeral do seu muito querido Pai, Sogro, Avô e Tio, expressando de uma maneira especial o reconhecimento a quem, por desconhecimento ou deficiência de moradas, lhes é impossível fazê-lo directamente.

Rádio Clube Português

Soc. Anónima Cooperativa de Responsabilidade Limitada

Serviços Centrais — Rua Sampaio e Pina, 26 — Lisboa

CONVOCAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convocados os Sócios do Rádio Clube Português que se encontrem nas condições estabelecidas pelos Artigos 17.º e 23.º dos Estatutos, a reunirem-se na sua sede, em Parede, no Domingo 13 de Março, pelas 13,30 horas, a fim de, em Assembleia Geral Ordinária:

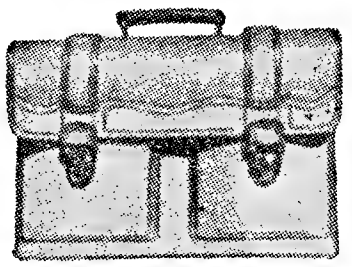
1.º — Discutirem, modificarem ou aprovarem o Relatório da Direcção, as contas relativas ao exercício findo e Parecer do Conselho Fiscal;
2.º — Nomearem sócios dirigentes;
3.º — Elegerem os Corpos Gerentes;
4.º — Discutirem e votarem autorização aos Corpos Gerentes eleitos, para compra, venda, penhor ou hipoteca dos móveis e imóveis pertencentes ao Rádio Clube Português.

Não havendo numero suficiente de sócios — presentes ou representados — para que a Assembleia possa funcionar, é desde já, feita segunda convocação, para as 14,30 horas do mesmo dia e para o mesmo local.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1960.

O Presidente da Assembleia Geral
a) **João Botto de Carvalho**

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.º
Telefone 66 99 84

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos.
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos.
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X.
Dr. Eugénio Marques Lifo — Análises clínicas.

Sociedade «ESTORIL»

Cobertura das plataformas da estação de Cais do Sodré

VENDE-SE

Recebem-se até ás 16 horas do dia 10 de Março, no Serviço da Secretaria, na estação de Cais do Sodré, propostas para aquisição da estrutura metálica de cobertura das plataformas da mesma estação, incluindo os pilares metálicos de apoio e a própria cobertura.

Nas propostas deverá incluir-se:
a) — Ofertas para total aquisição, sendo a desmontagem feita por conta do comprador.
b) — Oferta para total aquisição, com exclusão de trabalhos de desmontagem.
c) — Prazo de execução da desmontagem.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1960.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
A. Bual

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 6.ª página)

como pela propriedade do colorido e pela autenticidade dos efeitos sonoros, recolhidos todos no próprio local.

No Coliseu do Porto

Animado Carnaval

A Empresa Artística do Grande Coliseu do Porto ofereceu-nos para este Carnaval um bem condicionado espectáculo, que atraiu um publico numeroso e entusiasta.

Jogam sempre pela certa os empresários que nos apresentam artistas do país vizinho em exibições de danças das suas 50 províncias. Entre os variadissimos numeros que ora se exibem nó Coliseu, há os «ballets», tanto espanhois como franceses, mas há um artista do género, que é de facto admirável em «taconeo». O publico foi simplesmente justo ovacionando-o com entusiasmo. Outros há que não constituindo porém novidades, merecem realmente ser aplaudidos, como de resto o são todas as noites. Aparte os numeros dançados, outros há, totalmente diferentes, muito merecedores de bons aplausos. Artistas nacionais e estrangeiros animam bem o espetaculo, o qual é de forma a que nas verdadeiras noites da folia carnavalesca o público consiga o que pretende — divertir-se á larga. — *G. C.*

Reposições

No Monumental

Título—«O inspector-geral»
Produção—Americana.
Interpretação—Danny Kaye.
Argumento—Uma versão americana do famoso tema de Gogol.
Processo—Technicolor.
Classificação—Maiores de 17 anos

«WERTHER», EM S. CARLOS

Hesitamos em pôr no título: «Werter», com Rita Gorr. Mas não quadrava inteiramente com a nobilíssima maneira de ser que tudo denota na superior artista, e limitamo-nos a dizer agora, sem mais espalhafato, que, a despeito dos cuidados do teatro de S. Carlos para nos dar um conjunto de interpretação brilhante, todo o interesse — um desmedido e empolgante interesse — acabou por convergir sobre a interpretação de Rita Gorr, no papel de Carlota.

Nos dois primeiros actos, nada nos desiludiu na artista de quem ninguém tinha esquecido a revelação no «Orfeu» de Gluck, há um ano; só uma intérprete muito raçada saberia interromper o terno idílio apenas esboçado como o fez Rita Gorr no 1.º acto da febril partitura de Massenet. Mas neste acto (de mancha cénica pouco romantica, na presente montagem, frustrada do luar tão apregoado no dueto e por momentos tonitruante na orquestra), tinha começado por encantar-nos a perfeita interpretação, apontada e depois confirmada, de Henri Médus no «Bailly»; o protagonista, o tenor Albert Lance, tinha surgido com muitos e bons requisitos para corresponder á expectativa de todos — voz de bom volume e sem asperezas, a pronuncia um pouco meridional, o que pode ou podia ser uma defesa. Micher Roux, um pouco adiante, aparecia, com toda a sua dignidade, e do seu lirismo um pouco adocicado tem Massenet uma boa parte da responsabilidade. No 2.º acto, Jean Michel, que pertence ao numero dos cantores de quem não se perde uma só palavra, e Alvaro Malta, com a sua veia maleável, a bem dizer inédita nos nossos artistas líricos, desenvolveram o animado desempenho esboçado no acto anterior. Albert Lance continua a dar-nos a prova de que conhece a sua parte a fundo, e merece destacar-se a maneira como se integra no ritmo do seu atormentado solo, mas a sua execução vocal próprimente dita não chega a ser decisiva; e Michel Roux, cantor consumado como é, segurissimo nas suas réplicas, não é superior a um pouco de afectação na pronuncia.

Rita Gorr, que atravessou com a desejada discreção o 2.º acto, um pouco falso nas suas situações, a partir do princípio do 3.º acto até ao final do 4.º acto, nunca mais deixou de nos subjugar, talvez mais perto de Racine do que de Goethe, talvez mais épica do que lírica, mas de qualquer modo sempre profundamente humana, o seu temperamento tão cheio de cambiantes como a sua voz, de grande poder de dramatização e um precioso timbre no seu registo mais grave. A admiração do publico cortou o 3.º acto com ovações que achamos intempestivas, sem por isso nos reconhecermos menos rendida ás fases da paixão de Carlota, a veemência do seu amor reprimido, a meia confissão a Sofia, o contraste da sua imploração a Deus, seguida do suave disfarce de ternura a Werther, quando ele a surpreende (decididamente Albert Lance numa forma não suficiente para valorizar segundo os canones do bel-canto o famoso papel), e o duplo movimento final em que Carlota vai ceder e recobra sua firmeza. No ultimo acto, uma parte importante do seu dueto com Werther moribundo ascende á altura da Morte de Isolda; o complemento da cena, com o canto de Natal, fora, o aligeiramento da orquestra e o tom piegas das exortações de Werther quase nos irritou, pela pouca consistência da sua realização.

Não dissemos ainda que é preciso agradecer a Janine Micheau a sua cooperação para o papel de Sofia, que pretende representar mais uma diversão, pela sua leveza, na partitura.

Pedro de Freitas Branco honrou a apresentação, e honrou-se, assumindo o lugar da direcção. Feriu-nos um pouco a desigualdade do tratamento da orquestra, em que houve muita finura, interesse nos desenhos, um grande desvelo principalmente sempre que se tratava de Carlota, mas também umas violências demasiadamente gritantes. Claro que do estrado Interludio orquestral entre o 3.º e o 4.º acto, não tem Pedro de Freitas Branco culpa.

Furiga esmerou-se na composição da cena para o 3.º e o 4.º acto, mas ainda sem corrigir completamente um ou outro exagero de dimensões.

FRANCINE BENOIT

O famoso conjunto vocal á sua chegada a Lisboa

Luis Alberto del Paraná

chegou ontem a Lisboa

e vai actuar no Império

Chegou ontem á noite ao Aeroporto da Portela mais uma celebridade do mundo artístico para actuar em Lisboa durante a quadra carnavalesca, Luís Alberto Del Paraná, que, como se sabe é uma das maiores vedetas da canção sul-americana, e acompanhado do seu trio «Los Paraguayos» estará presente no Carnaval do Cinema Império.

Rodeado de admiradoras e depois de atender todos os interessados em autógrafos, Luís Alberto Del Paraná prometeu gravar algumas canções portuguesas e alguém alvitrou, para já, «Saudade vai-te embora». Acerca do fado teceu os maiores elogios e não se cansou de falar de Amália Rodrigues de quem é admirador e com quem estivera momentos antes de embarcar em Paris com rumo a Lisboa. «Amália pediu-me para ser o seu porta-voz numa saudação a todos os foliões portugueses neste Carnaval de 1960».

E, para finalizar, o artista paraguaio interpretou uma das canções do seu reportório.

As estreias de hoje

No Roma

Título—«Mulheres perigosas».
Produção—Italiana.
Interpretação—Dorian Gray, Sylva Koscina, Georgia Moll.
Argumento—Um encontro com beldades inebriantes.
Processo—Normal.
Classificação—Maiores de 17 anos

No Avis

Título—«Totó procura paz».
Produção—Italiana.
Realização—Mario Matolli.
Interpretação—Totó, Isa Barsiza, Ave Ninchi.
Argumento — Uma hilariante aventura do grande cómico.
Processo—Normal.
Classificação—Maiores de 17 anos

(ADULTOS)

DIANA

Caveau — Dancing
HOJE — INAUGURAÇÃO
com o Conjunto TAVARES
E
Vocalista: Luís Romero

RUA DA CONCEIÇÃO DA GLÓRIA, 2 — TEL. 366816
(Junto á Avenida da Liberdade)

Portugal Sonoro transmite reportagem da inauguração amanhã pelas 15 horas. Pelos Emissores Associados de Lisboa.

Bar-Dancing-Diana

Rui da Silva ex-chefe de mesa do Dancing-Fontória, informa os seus Ex.mos Clientes e Amigos que se encontra no Bar-Dancing-Diana, onde terá o grande prazer de receber a sua visita.

Ali encontrarão óptimo ambiente, musica moderna e preços excepcionais.

R. DA CONCEIÇÃO DA GLÓRIA, 2 — TEL. 366816

Portugal Sonoro transmite reportagem da inauguração amanhã pelas 15 horas. Pelos Emissores Associados de Lisboa.

PREPARE-SE

antes de ir para o seu baile de Carnaval jante no

RESTAURANTE SORRENTO

AVENIDA PEDRO ALVARES CABRAL, 86-B

DIVIRTA-SE NO **CARNAVAL DE 1960** COM OS ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO

No TEATRO MONUMENTAL
TELEFONE 55133 — Adultos M/ 17 anos
HOJE * AMANHÃ * 2.ª E 3.ª FEIRA
EM 2 SESSÕES — Às 20.30 e 23.30 horas
UM COLOSSAL PROGRAMA
*TEATRO * VARIEDADES * BAILE*
I PARTE
LAURA ALVES
EM
MARGARIDA DA RUA
com **Luis Tito** — **Rui de Carvalho** — **Paulo Renato** — **Alberto Ghira**
II PARTE
Miss Monte Carlo, Bailarina e cançonetista — **Paddy** e **Murphy**, Bailarinos contorcionistas — **Ruman** e **Kita**, Bailarinos cómicos
COLÉ e LILIAN FERNANDES
VEDETAS BRASILEIRAS
ISSI FABRA, em piano electrónico — **LUIS HORTA**, imitações — **IVAN DE PAULA**, Ritmos da América — **Conjunto 4 ESPADAS** e **ISIDRO BAPTISTA**—Apresenta o espectáculo o actor **Morais e Castro**
III PARTE
BAILE ATÉ DE MADRUGADA
ao som das Orquestras **MONUMENTAL, CASABLANCA** e **Conjunto VERA CRUZ** — **Vá á 1.ª sessão e terá mais tempo para dançar**

No Teatro MONUMENTAL
CARNAVAL INFANTIL

AMANHÃ 2.ª e 3.ª FEIRA ÀS 15 e 18 H.
MAIORES **4** ANOS
ESTREIA
ENGRAÇADÍSSIMA PEÇA PARA CRIANÇAS
Original de **RICARDO ALBERTY**
Pelo elenco do **Teatro do GERIFALTO**
Dir. Art., **António M. Couto Viana**
60 PRÉMIOS
PARA O GRANDE
CONCURSO DE MÁSCARAS INFANTIS
no valor de 10.000$00. SORTEIO pelas crianças mascaradas e não mascaradas de 1 aparelho de televisão «BRAUN», no valor de 7.850$00

No TEATRO AVENIDA
T. 27273 — Ad. M/ 17 anos

Hoje, ás 16 h. MAIS UMA TARDE POPULAR
PARA TODO O PÚBLICO
PREÇOS REDUZIDOS DESDE 4$00
Estudantes 7$50 e 5$00
com a FARSA
A Mala da Bernardette
No elenco — **IRENE ISIDRO** — **HENRIQUE SANTANA** — **HENRIQUE SANTOS**
4 MESES NO CARTAZ
3 HORAS A RIR!
AMANHÃ e 3.ª FEIRA, Espectáculo á TARDE, ás 16 horas
2.ª FEIRA, ás 16 h., **TARDE POPULAR — Preços reduzidos**
DURANTE A QUADRA DE CARNAVAL OS PREÇOS NÃO SÃO AUMENTADOS
À NOITE, ÀS 21.45 HORAS

ESPECTACULOS VASCO MORGADO, LDA.

O corso do Carnaval do Estoril

Continuação da 1.ª página

lezar, aqui erguendo o grito de uma bandeira, além apresentando uma máscara com um esgar, naquele canto encostando um Pierrot de guitarra muda.

A Sociedade Estoril-Sol ao lançar ombros á empresa entrou num caminho ousado, mas que foi bem sucedido e se revela de uma utilidade para o turismo português e para a propaganda de Portugal, e particularmente do sol e do céu azul do Estoril, com seus pinheiros serenos, as colinas suaves e o mar em frente reflectindo toda esta beleza.

Bandeiras e borboletas

A estrada marginal era um encantamento esta manhã. A espuma do mar a um lado com uma bruma densa cobrindo a superfície das águas; do outro as casas garridas e gaiteiras parecem espanejare-se a esta claridade gloriosa que sucede á invernia de dias e semanas; enfadonhas de água, temporais e coriscos.

À entrada de S. João, onde a estrada toma sentido unico, junto ao forte de Santo António um molho de bandeiras rubras, amarelo-cinza e castanho fundo parecem dar vivas a quem chega. Entramos em território de El-Rei Carnaval.

Temos a todos os cantos, por toda a parte uma borboleta linda, zumbidora, toda ela escamas finas e tremuras, de asas muito abertas e transparentes. Em azul e vermelho. Sobre ela uma rosa de sol viva, pequenina. E' o cartaz das festas do Carnaval no Estoril feito pelo artista Oscar Pinto Lopes e que é uma maravilha de simplicidade, bom gosto e harmonia.

O Solar do Carnaval

O parque está fechado. Tapume azul claro que, a Sul margina a estrada, a Leste e Oeste as alamedas e a Norte abarca o Casino. E' o solar do Rei Carnaval.

A cada canto um galo enorme azul carregado, de crista muito altiva e encarnada. Três, quatro metros de altura e o seu cantar atordoaria o oceano e faria gemer toda a rama destes pinheirais se não fosse um galo de cartão.

Vamos acompanhando as paredes do solar, pelo lado nascente e entramos junto ao Casino. E' um espectáculo de cor unico, tudo banhado de luz ténue, doce e humida deste sol anunciador de Primavera Em frente ao Casino nos parques de estacionamento encontram-se os carros que vão desfilar. Há ainda quem dê uns retoques aqui e ali, quem ponha mais uma nota, dê mais um risco ou ali vá depor mais uma flor.

A sul do Casino, as bancadas estão vazias e prontas a receber os festejeiros. Um toldo grande destina-se aos principais convidados; ali ficará Fernandel, a distribuir sorrisos de orelha a orelha e a ameaçar amachucar tudo e todos com o vigor de suas mandíbulas.

O toldo tem á direita a guarda de honra da girafa que Salvador Dali desenhou para o Carnaval do ano passado, cuja cabeça pequenina cheira os ares, e o corpo listrado de amarelo e castanho nos diz que é mesmo girafa de Carnaval.

O grande rectangulo do parque com seus canteiros de flores, fica livre. E' o pátio variegado deste palácio de papelão.

Dentro do Casino os salões por onde têm desfilado tantas celebridades e que tantos olhares de encanto e adoração têm presenciado e onde palavras de ternura sem par se têm proferido estão igualmente vazios, mas prontos para o divertimento fantástico destes três dias. Máscaras de cabelos eriçados e orelhas em bico, olhos espantados, barba á passa-piolho, ou uma gargalhada apenas muito sólida e unisona de boca escancarada que se vai desengonçar, estão espalhadas pelas paredes. Fitas de papel pendem aqui e além, desleixadamente do tecto, dos candeeiros.

O corso desta tarde

Ás 15 horas tudo se animou e os artistas chegaram, o publico encheu tudo, lugares de peão e bancadas. Fernandel tomou lugar sob o toldo e a folia principiou. Foi como se uma onda tomasse a multidão e aqueles papelões todos.

O corso é constituido por 20 carros de entidades oficiais, empresas comerciais ou industriais, por cavaleiros vestidos a preceito, ranchos animados e cabeçudos, muito cabeçudos.

Charameleiros de esgares e gritaria abrem o cortejo. Segue-se a corte de El-Rei Carnaval e depois o carro do mesmo Rei. Todo este

carro nos fala do mar do Estoril, da sua praia e da vizinha de Cascais, terra de pescadores. Peixes constituem as rodas e são motivo principal da sua ornamentação. E' rebocado por cavalos marinhos, guiados por uma sereia — ser mitológico, que com o canto atraía e encantava os mareantes.

Nele vai «Miss Portugal», uma gentileza impar que parece vinda de Sèvres. Bandas de musica desferem notas vibrantes. E' a Sociedade Musical de Cascais que precede o carro de Madrid. E a figura esguia do D. Quixote, de lança que chega ao céu e pelos em bico anavalhando o ar. Monta o Rocinante escanzelado. Avulta o nariz imenso do Quixote e a dentadura e cascos do Rocinante.

Mais cabeçudos. O carro florido da Camara de Cascais, e da Junta de Turismo da Costa do Sol que é uma onda em que mergulha o corpo iodado e lábios carminados de uma banhista. Sol, mar e beleza Vem o carro da Madeira, com casa coberta de colmo. O da Chrisler, e das Vespas depois o do Casino Bailarinas formosas, de mascarilha e vestidinho sumário, pernas esculturais exibem-se para o xerife monumentalmente divertido, de pistolas á cinta. Vêm mais carros mais cabeçudos, o Rancho de Almeirim. Barco engalanado é o do Clube Naval de Cascais. Outro carro enorme é o da Dança das Horas. Quatro mostradores de relógio, dois pergaminhos dançantes muito chegados, muito ternos e de olhos fechados.

O carro da Robbialac, o da Regina, o da Covina, que são uma sinfonia de luz, o da Sacor, o da Caça-Submarina, em verde-mar, o Grupo Folclórico Tá-Mar. Mais cabeçudos dão piruetas. O carro imponente da Cerveja, o da Confidente, o da Favorita, mais cabeçudos.

E tudo isto desfila e torna a desfilar entre ditos de espírito, comentários finos ou grossos conforme o espírito de onde saem.

Há flores dos carros para o publico e do publico para os carros. Há olhos em brasa quando passam formas esculturais; há corpos torcidos de riso quando se avistam certas figuras... É o Carnaval que passa, neste corso magnifico.

Sob o toldo a boca de Fernandel abre-se e em torno ri-se. Os seus olhos e queixo falam tanto como a lingua. É de facto o Rei do Carnaval.

Os bailes no Casino

A' noite o Carnaval realiza-se nos salões do Casino, onde haverá quatro bailes. Hoje é de «toilette» obrigatória, amanhã será de fantasia, na segunda-feira será o Carnaval trapalhão com a eleição da Rainha sobre quem serão despejadas 300 garrafas de champanhe. Na terça-feira, por fim, é a despedida, com elegancia.

Para o corso, para os bailes chegaram mais de 200.000 flores. Duzentas mil flores...

Prémios para os carros do corso

Os asquitectos Julio Gil e Mário de Oliveira e Joaquim Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, constituem o júri que classificará os carros: 1.º, «Secretariado Nacional da Informação e Turismo», 15.000$00; 2.º, «Estoril-Sol», 7.500$00; 3.º, «Junta de Turismo da Costa do Sol», 5.000$00.

Vedetas e jornalistas que chegam

No avião da TAP chegaram a Lisboa 22 jornalistas estrangeiros, especialmente franceses, para assistir aos festejos do Carnaval. Entre os convidados do sr. Teodoro dos Santos figuram representantes dos jornais franceses «Figaro», «Paris Matin», «France Soir», «France Dimanche», «Cinémonde», «Paris-Presse», da Radiotelevisão francesa e ainda da revista «Cruzeiro», do «New Herald Tribune», etc.

Hoje, em avião da Air-France, chegaram diversas artistas francesas, entre as quais Odille Versois, a bonita Demongeot, a inglesa Dan Adams, etc.

No avião da «Swissair», procedente de Nova York, chegou esta manhã a conhecida e bonita artista italiana Pier Angeli, especialmente convidada para o Carnaval do Estoril e de Paris chega ainda Colette Duval, a famosa campeã pára-quedista, que se apresta para descer em pára-quedas no Estoril, no decorrer do Carnaval.

O carro representativo da cidade de Madrid

As filmagens no Lumiar

(Continuação da página central)

«plateau» de Artur Duarte) encontra uma actriz, Maria Della Costa (não estava). Uma intriga odiosa levanta a suspeita de que a actriz atraiçoa o marido com Curado Ribeiro.

— Mas, não é verdade!

— Não. E será João Crisóstomo um estreante, de padre, que nos dará a moralidade da película.

— Quem são os restantes actores?

— Luz Veloso, Maria Olguim, Ana Paula, Josefina Silva, Elvira Velez, Santos Carvalho, Artur Agostinho e, outro estreante, Manuel Neves

— E a ficha técnica?

— A fotografia é de João Moreira, as decorações de Raul de Campos, a montagem de Pablo del Amo, a musica de Jaime Mendes, os versos de Silva Tavares, a sequência de Gastão da Cunha Ferreira e o som de Henrique Domingues.

— O filme recebeu algum subsídio?

— Pedimo-lo. Até agora a resposta foi o silêncio.

— Nesse caso...

— A película deve-se a «capitalistas» amadores, como o eng. José Gil, Rogério Paulo, eu e outros artistas e técnicos. Ao todo vinte e três pessoas, reunidas no que chamamos «Artistas e Técnicos Reunidos».

— O filme está pronto ainda este ano?

— Naturalmente. Espero estreá-lo em Maio, no Império.

Era tudo. Os projectores incendiaram a atmosfera e Artur Duarte, com a sua energia nervosa, voltou ao «plateau». Rogério Paulo sentou-se em frente da chávena de café com leite, fria, desconsoladora simbólica. E Artur Agostinho foi de novo para junto dele, rolar o chapeu nos dedos curtos e astutos, no diálogo entre o inevitável Sancho e o absolutamente Quixote que é o protagonista de todos os filmes portugueses. O problema está nos moinhos de vento.

Os estudantes militares brasileiros

foram recebidos no Porto pelas entidades civis e militares

PORTO, 27 (Pelo telefone) — Os alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que ontem, á noite, chegaram a esta cidade, acompanhados pelo general Maggessi e alguns oficiais do corpo docente daquele colégio e ainda de uma deputação de alunos do Colégio da Luz, iniciaram esta manhã o programa da sua visita a esta cidade. Esta manhã, estiveram no quartel-general, onde foram recebidos com honras militares, e eram aguardados pelo comandante da 1.ª Região Militar, seu ajudante e pelo chefe do Estado-Maior. No salão nobre, houve uma sessão de boas-vindas a que assistiram os comandantes das unidades da guarnição, o presidente do Tribunal Militar Territorial, e em que usou da palavra o general Valadares Tavares, que saudou o seu colega brasileiro. Este agradeceu e referiu-se aos laços de amizade que unem as duas nações irmãs.

Dali seguiram para o Governo Civil, onde foram recebidos pelo dr. Lopes Dias, secretário-geral, por ausência forçada do chefe do distrito. Foram trocadas amistosas saudações, tendo voltado a falar o comandante da 1.ª Região Militar. Na Camara Municipal, os estudantes brasileiros eram aguardados pelo presidente substituto e por altos funcionários.

Os futuros militares seguiram depois para Gaia, onde visitaram a Real Companhia Vinícola, orientados pelo seu director, D. Miguel de Sotto-Mayor, que, no final, lhes ofereceu um aperitivo e recordações. Seguiu-se uma visita ao quartel do Regimento de Artilharia Pesada n.º 2, onde foram recebidos pelo comandante e restante oficialidade. Depois de terem percorrido as instalações daquele aquartelamento, foi-lhes servido um almoço no salão da biblioteca. De tarde, houve uma romagem ao monumento ao infante e diversas visitas ao Palácio da Bolsa, Gabinete de História da Cidade, Igreja da Lapa, onde se encontra o coração de D. Pedro IV, o primeiro imperador do Brasil, seguindo-se um largo passeio pela cidade.

Amanhã, prosseguem as visitas pelo Minho.

O movimento marítimo volta à normalidade

Depois de alguns meses em que uma rigorosa invernia se fez sentir, com chuvas torrenciais e rajadas de vento ciclónico, a Lua Nova que ontem entrou não foi molhada, como a anterior, pelo que o dia de hoje se apresentou com um ceu limpo, Sol radioso e até elevada subida de temperatura. Desta forma, tende a normalizar-se o movimento das embarcações, tanto no porto de Leixões, como na barra do Douro.

Captura de um larápio

Foi capturado pela secção de Justiça da P. S. P., dirigida pelo subchefe Couto, Alfredo Carlos Pereira da Costa, de 20 anos, solteiro, sem modo de vida, nem residência certa, que se tornou suspeito pela maneira como gastava importantes quantias em dinheiro. Detido e interrogado, confessou ter assaltado, em Esposende, um estabelecimento de mercearia, donde furtou 20 contos.

No Porto, juntou-se a Isaura Amélia Gonçalves, de 20 anos, residente na Rua Alferes Malheiros, 114, a quem comprou diversas joias. Vieram depois para Lisboa onde gastaram a maior parte do dinheiro roubado.

Por fim, regressaram ao Porto de avião e aqui foram capturados.

Os presos vão ser entregues á G. N. R. de Esposende que tinha pedido a sua captura.

CARTAZ DO PORTO

NUN'ALVARES — As 21 e 30 — A peça «Os inimigos não mandam flores».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 20 e 21 e 30 — «Europa de Noite».
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Inferno debaixo de água».
COLISEU — A's 21 e 30 — Companhia Internacional de Circo.
PALÁCIO DE CRISTAL — Ás 21 e 30 — 3.º Festival Mundial de Circo.
SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Dois diabos em férias».
SÃO JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 45 — «Foguetões de rabiar»
BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O corsário Lafitte»
TRINDADE — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Táxi, roulotte e corrida»
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «A caminho das terras do Oregão».
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O Sobe e Desce».
JULIO DINIS — As 21 e 30 — «Cruel vitória».

AFOGADO na Ria de Aveiro

AVEIRO, 27. — Quando se deslocava de terra para bordo do navio bacalhoeiro «Luísa Riban» que se achava ancorado na Gafanha da Nazaré, caiu á Ria de Aveiro o carpinteiro naval José Teixeira Filipe, solteiro, de 18 anos, morador naquela localidade, que morreu afogado.

O corpo, apesar dos esforços empregados para o encontrar, ainda não apareceu, pelo que se supõe que a corrente o tenha levado para o mar. As pesquisas continuam.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Emma Louise Georgina Grandvaux Barbosa

Faleceu a sr. D. Emma Louise Grandvaux Barbosa, natural de Cannes, França. Era mãe dos srs. eng.-agrónomo Luís Augusto Grandvaux Barbosa (ausente), Bernardino José Grandvaux Barbosa, funcionário do L'Air Liquide, Vital Grandvaux Barbosa (ausente), capitão da Marinha Mercante, e das sr.as D. Joana Maria Grandvaux Barbosa Jorge e D. Mariana Gradvaux Barbosa. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de N.ª Sr.ª da Pena, para o cemitério do Alto de São João.

SUFRAGIOS

Afonso XIII

A Embaixada de Espanha, mandou hoje celebrar na igreja de São Roque exequias solenes de sufrágio pelas almas de Afonso XIII e de todos os outros reis de Espanha. Assistiram o embaixador prof. Ibañez Martin e a condessa de Martin; o conselheiro sr. Noeli, os adidos de Imprensa e Cultural, srs. Echarri e Rocamora; os adidos militar, aero e naval; professores e alunos do Instituto Espanhol de Lisboa, e membros da colónia.

Celebrou o carmelita rev.º Maia, acolitado por sacerdotes da mesma Ordem. O templo, com essa funebre encimada pela coroa real, foi decorado pela Agência Barata.

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 27 de Fevereiro de 1930 trechos de um famoso discurso de Sanchez Guerra que dizia, entre outras coisas: «Verifica-se que a cultura moderna está levando a Espanha para a Republica. Porque se deu esta modificação? A' parte outras coisas, houve uma Ditadura, uma Ditadura que, reconheço, não foi sanguinária, mas que foi uma Ditadura. Não há outro caminho senão o da legalidade. Há uma coisa, infelizmente pior que a Ditadura, é merecê-la. Sou monárquico, constitucional e parlamentar. Não sou republicano, mas se a Espanha quer a Republica, que a tenha».

EFEMERIDES

No dia 27 de Fevereiro celebra-se o dia da Independência da Republica Dominicana.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Às 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio rural; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Às 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Emil Stern; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Musica de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21, Junção dos emissores. Comentário; 21 e 20, Canções de Itália; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Serão para trabalhadores, organizado pela Emissora Nacional e transmitido do Pavilhão dos Desportos; no intervalo, trechos em piano; 23 e 30, Danças.

Programa «B» — Às 19, Temas portugueses; 19 e 10, «A Cantata da Criança e da Mãe», de Milhaud, recitante Madeleine Milhaud, pianista Leonilda Hambro; e o Quarteto de cordas «Julliard»; 19 e 23, «Peças de fantasia», de Schumann, por Artur Rubinstein; 19 e 50, Noticiário regional; 20, 4.' programa do Festival de Musica Contemporanea de Donaueschingen, de 1959, em gravações cedidas pela Radiodifusão do Sudoeste da Alemanha de Baden-Baden; «Parergen zu den impromtus fur grosses Orchester», de Portner, pela soprano Eva Maria Royner; «Agame around a game», concerto para instrumentos de corda, de tecla e de percussão da autoria de Sven-Erik-Back; «Allelujah II», de Berto, pela Orquestra da Radiodifusão do Sudoeste da Alemanha dirigida pelos maestros Pierre Boulez e autor; 20 e 40, Musica de piano: «Sonata em mi bemol maior, Kochel n.° 282», de Mozart, em piano, por Conrad Hausen; 21, Junção dos emissores; 21 e 20, Concerto pelas pequenas cantoras de Portugal; 21 e 40, «Arabescos, op. 18», de Schumann, em piano, por Aeschbacher; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Ciclo de sonatas: «Sonata n.° 1, op. 2 n.° 1», de Beethoven, por Kempff; 22 e 20, Cartas a um musico desconhecido, pelo prof. Simões Dias; 22 e 45, Que quer ouvir?: 2.° acto da ópera «Orfeu e Euridice», de Gluck; e «Capricho», para piano e orquestra de Strawinsky ao piano Charlotte Zalk.

RADIO CLUBE — Às 17 e 30, Alfarrábio; 17 e 46, Teatro de brincar; 18 e 5, Janet Brace; 17 e 45, Ritmos de baile; 19, Orquestras e canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Onda desportiva; 21, Solistas; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 50, Curso de língua inglesa; 22, Imagens por musica; 22 e 15, Brasil; 22 e 30, Cultura espanhola; 22 e 45, Cançonetas; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 30, Nelson Eddy.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 19 e 30 ás 22, Voz de Lisboa; 22 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Às 20 e 30, abertura; 20 e 32, telejornal (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil «Juventude no Mundo»; Mãos á obra: Aeromodelismo, produção de Luís Santana Leite; «Fury — o cavalo selvagem»; 21 e 40, Jograis de hoje; 21 e 55 A Natureza e as suas maravilhas; 22 e 20, teledesporto; 22 e 40, telejornal (2.ª edição); 22 e 55, «Naquele tempo...».

Os «Jograis de hoje» na R.T.P.

O grupo «Jograis de Hoje» surgem esta noite, ás 21 e 40, nas telas da televisão. Criadores de um novo tipo de ironia, que vai buscar as suas raizes em Marcel Marceau, na linguagem ritmica, e nos irmãos Marx, no ritmo desconcertante, os «Jograis de Hoje» são um grupo jovem, que a R. T. P. devia utilizar com mais frequência.

HORAS DAS MARÉS

PREIA-MAR

Dia 28 — 14 e 25 h. (4,40 m.); 16 e 45 h. (4,19 m.).

Dia 29 — 5 e 2 h. (4,31 m.); 17 e 23 h. (4,07 m.).

BAIXA-MAR

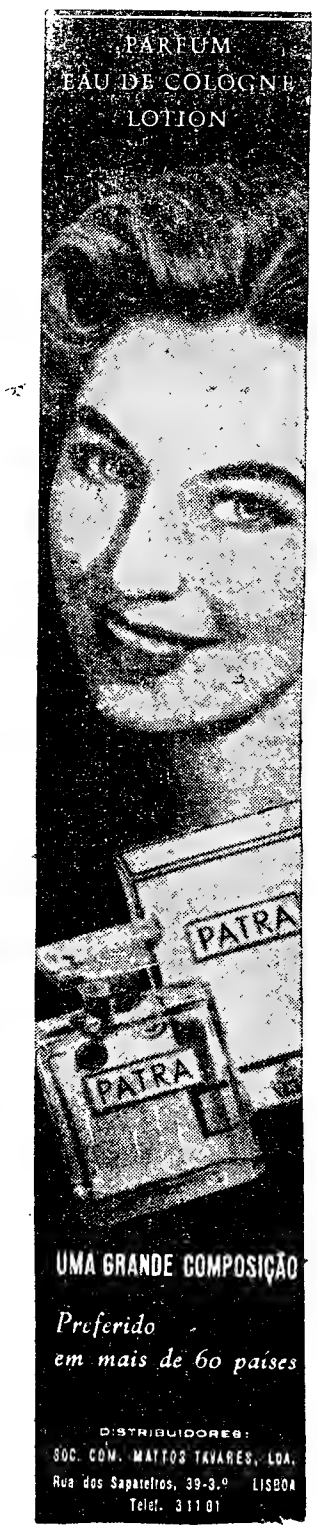
Dia 27 — 21 e 47 h. (0,63 m.).

Dia 28 — 10 e 11 h. (0,59 m.); 22 e 21 h. (0,67 m.).

Dia 29 — 10 e 38 h. (0,70 m.); 23 h. (0,79 m.).

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I—Marques—E. de Benfica, 648, T. 780096; Sousa—Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B — Tel. 790942; Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B—junto á Avenida Brasil—Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, 5-A (a Alvalade—Pote de Água Tel. 710131; Universitária—Rua 0, 29-D—Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria) T. 778953; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel 776358; Avis — Avenida de Roma, 56-B/C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, T. 726462; **FÁTIMA—Av. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) T. 763107;** Sá da Bandeira — Avenida Duque de Avila, 203-B — Tel. 41961; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A — próximo da «Maternidade» e do Avis Hotel» — Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Contemporanea—Rua Conde de Redondo, 26-30, Tel. 45048; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Salter — Rua de Xabregas, 63-65 — Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira) Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Telefone 843381; Fonseca — Rua Carvalho Araujo 46-B/C, Tel. 841708; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A, Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C—T. 862333; Rosa & Viegas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Alvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras) Tel. 680627; D. João V —Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca—Rua 4 de Infantaria 28-A — Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, T. 671667; Lapa (Da) — Rua dos Navegantes, 10, Tel. 661734; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, T. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C/D; Remísio—Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A — Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Lealdade — Rua do Olival, 226, T. 663441; Combro (Do) — Calçada do Combro, 78, Tel. 26059; S. Marçal — Rua de S. Marçal, 100, Tel. 25318; Bastos Andrade—Calçada de Santo André, 107-111, Tel. 860450; Americana — Calçada de Santana, 3, Tel. 863984; Capuchos (Dos)—Rua Luciano Cordeiro, 2-A — Tel. 52076; Nacional—Rua do Salitre, 7, Tel. 46858; Azevedo, Irmão & Veiga — Rua da Misericórdia, 24, Tel. 23540 — A —; Avelar — Rua Augusta, 225 — Tel. 23977.



CARTAZ DO DIA

TEATROS

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O amor, o dinheiro e a morte».
AVENIDA — A's 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
MONUMENTAL — A's 20 e 45 e 22 e 45 — «Margarida da Rua».
A B C — A's 20.30 e 22.45—«Quem sabe, sabe...».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Revista é sempre revista».
CAPITOLIO—A's 21 e 45 — Baile e variedades.
COLISEU — A's 21 e 30 — Circo.

CINEMAS

S. LUÍS — «Jerry no Japão».
TIVOLI—«Namoradas em férias».
S. JORGE — «Norman no palco»
IMPÉRIO — «A' pesca de um marido».
EDEN — «O grande chefe»
POLITEAMA — «O sobe e desce».
MONUMENTAL — «O inspector-geral».
ODEON — «Amorzinho da minha vida».
ALVALADE — «Jerry no Japão».
CONDES — «O passarinho da Ribeira».
ROMA — «Mulheres perigosas».
AVIS — «Totó á procura de paz».
RESTELO — «A miuda».
OLIMPIA—«Recrutas... Sentido !».
IDEAL—«A selva da alta-costura».
PROMOTORA — «Um americano em Moscovo».
CINE-MOSCAVIDE — «A mentira maldita».
SACAVÉM-CINE—«Um só amor».

CONCURSO

R·T·P

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

NOME.....

.....

MORADA.....

.....

LOCALIDADE.....

TELEF.....

Qual o seu programa preferido?.....
(resposta facultativa)

.....

Voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do concurso «Quem tudo quer, tudo perde», organizado pela Radiotelevisão Portuguesa.

Carnaval

Na capital, estão anunciadas as seguintes festas de Carnaval:

Na Sociedade Nacional das Belas-Artes, na Rua Barata Salgueiro, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira, «O Carnaval dos Artistas», com o elenco do Teatro ABC; no Clube Estefania, nas quatro noites e na tarde de amanhã, com representações teatrais e bailes; no Ateneu Comercial de Lisboa, na Rua das Portas de Santo Antão, 110, nas noites de hoje e de segunda-feira e nas tardes de amanhã e de terça-feira, com a orquestra «Carioca»; no Jardim Cinema, na Avenida Alvares Cabral, 35, nas quatro noites, com um «show», por diversos artistas, e as orquestras «Lua Azul» e «Blue Star»; no Sporting Club de Portugal, na Rua do Passadiço, nas quatro noites, com variedades; no Clube Académico de Portugal, na Rua de S. Bento, 148, 1.°, esquerdo, hoje e na segunda-feira, á noite, e na terça-feira, de tarde e á noite; no Clube Atlético de Campo de Ourique, na Travessa do Cabo, 3, nas quatro noites, com variedades e a orquestra «Napolitanos»; no Clube Desportivo de Arroios, na Rua Marques da Silva, 55, nas quatro noites; na Tertulia «Festa Brava», na Praça da Alegria, hoje e na segunda-feira, á noite; na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira, com a orquestra «Talismã» e o «Conjunto sem nome»; na Casa das Beiras, no Largo de São Domingos, 14, 2.°, hoje, na segunda e na terça-feira, á noite, e amanhã, á tarde, com a orquestra «Costa d'Ouro»; na Casa do Algarve, na Rua Capelo, nas quatro noites; na Casa da Covilhã, na Rua do Bemformoso, 150, 1.°, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira, com «Os Peraltas»; na Casa do Minho, na Rua Vitor Cordon, 14, nas quatro noites, com a orquestra típica Rio Lima e ceias de lampreia á minhota; na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3, 1.°, nas quatro noites; na Casa dos Açores, na Rua Castilho, 5, hoje, na segunda-feira e na terça á noite, com a orquestra «Belarte», e na segunda-feira, de tarde, com os palhaços, Ermilita & C.ª, e brindes ás crianças; na Casa da Comarca de Arganil, na Rua da Fé, 23, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira, com o conjunto «Os Cubanos»; na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Rua da Misericórdia, 20, 2.°, hoje, amanhã e na terça-feira, com o conjunto «Vela Azul»; na Casa da Comarca de Figueiró dos Vinhos, no Largo do Intendente, 45, 1.°, nas quatro noites; na Casa de Lafões, na Rua da Madalena, 199, 1.°, nas quatro noites; na Casa dos Tabuenses, na Rua dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.°, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira; na Casa do Concelho de Tondela, na Rua dos Anjos, 86, 2.°, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira; na Casa do Concelho de Gouveia, na Avenida da Liberdade, 42, 3.°, Dir. hoje e na segunda-feira, á noite; no Ateneu Ferroviário, na Rua de S. Pedro de Alcantara, 45, 1.°, com o conjunto «Solmar Jazz»; na Cooperativa Militar, na Rua Alves Correia, amanhã e na terça-feira, á noite, com o conjunto Sousa Machado, e amanhã e depois, de tarde, com a orquestra «Costa Rica»; na Sociedade Ordem e Progresso, na Rua do Conde, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira; no Belém-Clube, na Calçada da Ajuda, nas quatro noites e amanhã á tarde, com o conjunto Carlos Lopes; no Centro Espanhol, na Rua Nova da Trindade, 20, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira, com as orquestras «Oásis» e «Hispania», de Santiago de Compostela; na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, na Avenida D. Carlos I, 61, 1.°, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira, com a orquestra «Ideal», e o conjunto «Porto Rico»; e na Academia 1.° de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, nas quatro noites e nas tardes de amanhã, com «Os Optimistas».

Nos arredores de Lisboa

Haverá também bailes de Carnaval nas seguintes terras dos arredores da capital: em Sintra, no antigo Casino, na Estefania, nas quatro noites e na tarde de amanhã, com variedades, o «Conjunto sem nome» e o de Fernando Viegas; em Queluz, no Clube Atlético, nas quatro noites e nas tardes de amanhã e de terça-feira; em Pedrouços, no Clube Sportivo, na Rua de Pedrouços, 99-A, nas tardes de amanhã e na terça-feira; em Algés, no Sport Algés e Dáfundo, na segunda-feira, á noite; na Cruz Quebrada, na Sociedade Instrução Musical e Escolar Cruz Quebradense, nas quatro noites; em Oeiras, na Associação dos Bombeiros Voluntários, nas quatro noites, com o conjunto «Costa do Sol»; em Tercena, a cinco minutos da estação de Barcarena, no Grupo Recreativo, nas quatro noites e na tarde de amanhã, com representações teatrais, um corso e várias orquestras; e em Fanhões, na Associação dos Bombeiros Voluntários, nas quatro noites, com representações teatrais na de segunda-feira, e na terça-feira, de tarde.

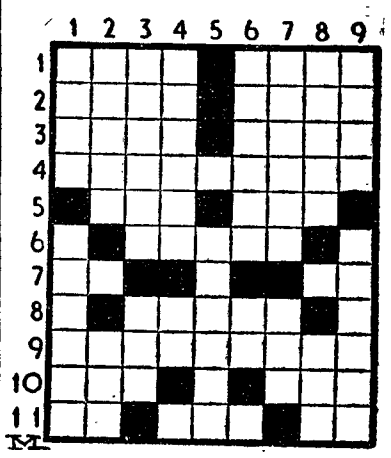
Artistas internacionais num «cocktail» no Hotel Cibra

Depois de amanhã, ás 13 horas, o Hotel Cibra oferece um «cocktail» aos artistas estrangeiros que se encontram em Portugal e para o qual estão convidados também representantes da Rádio, da Imprensa e da T. V. portuguesa.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.° 1877



HORIZONTAIS: 1 — Tapume de ramos. Africana. 2 — Rio da Inglaterra, que banha Bristol. Quiméricos. 3 — Quedo-me. Repasse ao fogo. 4 — Atrapalhas. 5 — Rio da Itália, afluente do Pó. Sinal ortográfico. 6 — De osso. 7 — Pedra de moinho. Solitário. 8 — Cidade da França que já se chamou Lutécia. 9 — Diversidade 10 — Ligação. Casa. 11 — Além. Parelha. Acusada.

VERTICAIS: 1 — Desembaraça. Cortez. 2 — Impede. Flanco. 3 — Pedaço. A favor. 4 — Aberturas no convés e nas cobertas dos navios para darem passagem aos mastros. Nesse lugar. 5—Plácida. 6 — Para a frente. Idem (abrev.). 7 — Falta de apetite! Ilha do arquipélago de Cabo Verde. 8 — Roseiral. Conceder. 9 — Campeões. Abrande.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.° 1876

HORIZONTAIS: 1 — Avido. Tá. 2 — OFICIAL. 3 — Ida. Lábia. 4 — DO. Ou. 5 — Afia. Ia. 6 — Ilidi. Nd. 7 — Ut. Cáspio. 8 — Lenis. Em. 9 — Irão. Tais. 10 — TEU. Meigo. 11 — Essa. Usos.

VERTICAIS: 1 — Vida. Ulite. 2 — Dó. Iteres. 3 — Voa. Al. Naus. 4 — If. OFICIO. 5 — Diluídas. 6 — Oca. Ais. TEU. 7 — Iho. Peais. 8 — Tai. INIMIGO. 9 — Alagado. Sós.

(Provérbio: OFICIAL DO TEU OFICIO, TEU INIMIGO).

Taça de Portugal

O Belenenses venceu o Lusitano

e passa à 3.ª eliminatória

A 2.ª «mão» da 2.ª eliminatória da «Taça de Portugal» principiou esta tarde com o desafio Belenenses-Lusitano — jogo em que os «azuis» marcaram favoritismo absoluto, até porque já haviam triunfado em Évora.

Do que se passou no Restelo damos a seguir alguns apontamentos.

Jogo no Estádio do Restelo, perante fraca assistência. Os grupos alinharam:

BELENENSES — José Pereira; Pires e Rosendo; Carlos Silva, Paz e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho, Marciano e Estevão.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Piscas, Falé e Narciso; Fialho, Caraça, Manuel Jorge, Palmeiro Antunes e José Pedro.

ARBITRO — Reinaldo Silva, de Leiria.

A bola de saída pertenceu ao Belenenses, mas os eborenses apoderaram-se do esférico e Fialho experimentou um remate, obrigando José Pereira a defender para canto. Marcado este, o «keeper» belenenses interveio com segurança e o perigo passou.

Devolvido o esférico para o meio campo do adversário, Yauca, também, tentou um remate, obrigando Vital a defender a soco.

Os lisboetas pareciam realizar um encontro sem responsabilidades de maior e, aos 8 minutos, Yauca, sósinho, em frente de Vital rematou á figura do «keeper» de Evora.

A luta passou a decorrer em andamento moderado e os visitantes, também assediaram as rêdes de José Pereira, mais por consentimento da defesa Belenense do que por mérito próprio.

Aos 17 e aos 20 minutos, tanto José Pedro como Caraça obrigaram o guarda-redes dos «azuis» a sair da baliza para evitar os cruzamentos de jogo.

Yauca tornou-se o dianteiro mais atrevido e, por isso, apareceu frequentemente em frente das rêdes de Vital. Aos 23 minutos, Narciso opôs-se á corrida de Yauca, dentro da grande área, travando-lhe a marcha e o árbitro assinalou grande penalidade. O mesmo Yauca encarregado de apontar o castigo máximo, fê-lo com precisão e obteve um golo para a sua equipa.

Até á meia hora, a partida decorreu com supremacia do Belenenses.

No ultimo quarto de hora, o Belenenses conseguiu elevar a conta. Num «livre» apontado por Dimas, a bola foi parar a Piscas, que num toque infeliz, a desviou do alcance de Vital. Iam decorridos 43 minutos.

Ao intervalo o Belenenses vencia por 2-0.

Após o intervalo o aspecto da partida não se modificou — isto é, parecia mais um treino do que um desafio a valer...

Logo a um minuto e meio, Tonho recebeu um centro vindo do seu lado direito e, de cabeça, obteve o terceiro golo dos «azuis».

Os Eborenses mostraram-se incapazes de reagir e, aos 8 minutos, Vital foi obrigado a desviar uma bola para canto, após um bom remate de Yauca.

Aos 12 m., os Alentejanos conseguiram diminuir a diferença. José Pedro combinou um lance com Palmeiro Antunes e concluiu a jogada marcando um golo para o Lusitano.

A fisionomia do jogo manteve-se e o encontro veio a tornar-se monótono. Aos 30 minutos, José Pereira cedeu o lugar a Nascimento, que, logo de entrada, interveio para anular um remate de Caraça.

No trecho final, o Lusitano reagiu mas não modificou o resultado: ao fim: Belenenses, 3-Lusitano, 1.

Máquina contra o cancro do pulmão

BONN, 27. — «Uma máquina contra o cancro do pulmão» será apresentada pelo dr. Binding, de Munique, no dia 19 de Março, aos membros da Sociedade Internacional para o estudo das doenças do sangue e dos tumores.

O dr. Bunding declarou acerca do inalador, acessível a qualquer médico:

«E' evidente que esta máquina não nos permite curar o cancro do pulmão; conseguimos, porém, retardar ou até suspender totalmente o crescimento do tumor, o que prolonga a vida do doente.

«As dores desaparecem e o doente passa a sentir-se melhor. O tratamento dura algumas semanas e varia conforme o caso a tratar». — (A. N. I.).

Monsenhor Feltin

e outros prelados franceses perante a visita de Kruchtchev a Paris

PARIS, 27. — Um certo numero de prelados de dioceses francesas tomarão posição a propósito da vinda de Kruchtchev a França. O cardeal Feltin, arcebispo de Paris, sem deixar de conceber o direito que o Governo tem, de receber um chefe de Estado estrangeiro e de com ele manter negociações diplomáticas, lembrou a condenação do ateismo comunista e declarou não participar em nenhuma cerimónia oficial que se realizar nessa ocasião.

Referindo-se ás preces que a Igreja pediu pela «igreja do silêncio» perseguida pelos comunistas, o cardeal insistiu em que toda a colaboração política seja cuidadosamente afastada dessas manifestações, que devem conservar carácter puramente religioso. Os partidos políticos, disse nomeadamente, não devem servir-se da Igreja.

Outros prelados, nomeadamente, o cardeal-arcebispo de Bordeus, os bispos de Agen, Bayonne e Evreux, publicaram apelos análogos e pediram preces.

Por outro lado, é de notar que o delicado problema do protocolo levantado pelo facto de Nuncio Apostólico ser o decano do corpo diplomático, e que devia assistir a todas as cerimónias oficiais, se encontra solucionado pela partida do cardeal Marella, que vai a Roma nos primeiros dias de Março. — (F. P.).

O governador Brown

pensa não haver forma

de comutar a pena a Chessman sem se abolir a pena de morte

SACRAMENTO (Califórnia), 27. — O governador da Califórnia, Edmund Brown, afirmou a noite passada que não podia conceber as circunstancias em que poderia conceder a comutação da pena a Caryl Chessman, se a Camara Legislativa do Estado não abolir a pena capital.

Brown declarou ainda, numa conferência de imprensa: «Se a Legislatura não agir, serei impotente para fazer qualquer coisa, excepto em circunstancias extraordinárias... E não posso conceber que tais circunstancias surjam de novo».

O governador acrescentou que não pediria ao Supremo Tribunal do Estado para reconsiderar a votação de 4 a 3, nos termos da qual se negou a recomendar clemência.

Nos termos das leis da Califórnia, o governador deve ter o apoio da maioria do Supremo Tribunal do Estado, antes de poder comutar uma sentença de morte.

Brown concluíu dizendo que fora uma combinação de «circunstancias extraordinárias» que levou ao adiamento da execução da sentença de Chessman, incluindo os receios do Departamento do Estado, de que a execução pudesse provocar manifestações hostis contra o presidente Eisenhower durante a sua viagem á América do Sul. — (Reuter).

DE GAULE e a bomba A

LE VIGAN (Sul da França), 27. — O presidente de Gaulle declarou hoje nesta cidade que a França «se livraria com o maior prazer e grande alegria» da sua bomba atómica, se os que a possuem fizessem também o mesmo. — (F.).

O bebé

não tem nome

mas tem carácter

— diz orgulhoso o príncipe Filipe

LONDRES, 27. — O bebé da rainha Isabel, que entra hoje na segunda semana de vida, não tem ainda oficialmente um nome. O duque de Edimburgo, porém, revelou, muito orgulhoso do seu filho, que o bebé já tem carácter.

Em conversa com a sr.ª Clorinda Prado, esposa do presidente do Peru, que se encontra em visita oficial á Inglaterra, o príncipe Filipe afirmou que o seu terceiro filho era absolutamente diferente do príncipe Carlos e da princesa Ana, quando eram bebés, acrescentando: — «Está a mudar de dia para dia».

Este fim-de-semana a soberana e seu filho encontravam-se ainda na «suite» belga, no rés-do-chão do palácio, onde o bebé nasceu. Um informador da casa real comunicou que a rainha se levantava do leito durante curtos períodos.

A «ditadora» na «suite» belga é a enfermeira Helen Rowe, a parteira de cabelos brancos, que tem 60 anos, que assistiu ao nascimento e que permanecerá na companhia da mãe e do bebé reais durante cerca de um mês.

Uma fisioterapista, miss Margaret Saul, está a sujeitar a rainha a uma série de exercícios para que a soberana volte a manter a sua elegancia anterior ao parto. — (R.).

UM AVIÃO COM 73 PESSOAS voa avariado sobre o Atlântico

HAIA, 27. — Um quadrimotor «DC 7» da B. O. A. C. da carreira Montreal-Shannon, com 73 pessoas, comunicou pela rádio ter um motor avariado.

Segundo notícias de Londres, o piloto do aparelho, que sobrevoava o Atlantico, comunicou que não faria escala em Shannon e seguiria directamente para Londres, onde deve chegar ás 15 horas (T. M. G.). — (R.).

*

LONDRES, 27 — O *DC-7* aterrou normalmente no aeroporto de Londres apenas com três motores a funcionar. — (R.).

ÚLTIMAS NOVIDADES DE «LIVROS DO BRASIL»

A MASCARADA
de
ALBERTO MORÁVIA
O MAIS CÉLEBRE ROMANCE DE UM DOS MAIORES ESCRITORES ITALIANOS E UNIVERSAIS
COLECÇÃO «MINIATURA»
12$50

ESTA TERRA CRUEL
de
ERSKINE CALDWELL
UMA DRAMÁTICA HISTÓRIA CONSIDERADA COMO O APOGEU DA FORÇA COMUNICATIVA DO AUTOR DE «EPISÓDIO EM PALMETO»
COLECÇÃO «DOIS MUNDOS»
40$00

DESAFIO AO LEITOR
de
CARTER DICKSON
TRÊS MANEIRAS DE MATAR SEM DEIXAR RASTO: O MAIS FANTASTICO ENIGMA DA LITERATURA POLICIAL
COLECÇÃO «VAMPIRO»
12$50

A GRANDE ATRACÇÃO DO CARNAVAL
SÃO AS ENCHENTES NO
RESTAURANTE NEGRESCO
AOS CHÁS DANÇANTES E NOITES * BOA MÚSICA PELOS MELHORES ARTISTAS INTERNACIONAIS. O MELHOR SERVIÇO DE RESTAURANTE CONFECCIONADO PELO MELHOR COZINHEIRO DE PORTUGAL. ALMOÇOS, CHÁS, JANTARES E CEIAS (Sem aumento de preços)
TELEFONES 31727 — 368093

CARNAVAL ! ! ! CARNAVAL ! ! !
Só NO **RESTAURANTE MONTES CLAROS**
O RESTAURANTE PREFERIDO PELAS BOAS FAMÍLIAS * BOA MÚSICA COM OS MELHORES CANTORES * BONS JANTARES E CEIAS C/ LAGOSTA. (Sem aumento de preços) * SURPRESAS DURANTE A NOITE, BRINQUEDOS CARNAVALESCOS QUE FAZ SEMPRE RECORDAR O
RESTAURANTE MONTES CLAROS
TELEFONE 636566

CARNAVAL
NO AMBIENTE MAIS CASTIÇO DO RIBATEJO
RESTAURANTE TÍPICO RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS — TELEFONE 14
Duas orquestras — Ranchos folclóricos, etc.
4 — NOITES DE FOLIA
2 — TARDES DE ALEGRIA
Informações e reservas em Lisboa telefone 770320 — (15 anos)

TECIDOS ALVINIZ
Grande liquidação de verdadeiros saldos.
16, Largo do Carmo, 17
LISBOA

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em ABRANTES e ALFERRA REDE por intermédio de CASACA & MARTINS.

CARNAVAL NO AMBIENTE MAIS TÍPICO NO RIBATEJO
BARRETE VERDE
EM BENAVENTE — TELEF. 74
2 ORQUESTRAS — RANCHOS FOLCLÓRICOS, ETC.
4 NOITES DE ALEGRIA — 2 TARDES DE FOLIA
EM PLENO CORAÇÃO DO RIBATEJO
(M. 15 ANOS)

UMA VEZ HOMEM OUTRA VEZ MULHER

SÓ A AUTÓPSIA TIROU AS DÚVIDAS

A HISTÓRIA desta extraordinária personalidade começou no dia do seu nascimento na pacífica cidade de Tonnerre, em França, a 5 de Outubro de 1728.

A infancia de Charles - Geneviève — Timóteo d'Eon de Beaumont decorreu calma, e desde cedo começou a gostar de se vestir de rapariga e a apreciar que o tratassem como tal. A sua aparência delicada e beleza física favoreciam essa tendência. Por outro lado Charles desde os sete anos de idade que mostrava já ser um caracter resoluto e possuir uma ambição bem determinada: tornar-se dragão do rei.

Aos dez anos encontramo-lo em Paris. Os estudos são brilhantes e os professores admiram-lhe não apenas o aspecto agradável, mas também a maturidade brilhante e profunda do seu espírito. Forma-se em direito e em breve alcançaria o Parlamento. Os seus diversos afazeres deixam-lhe ainda tempo livre que aproveita frequentando as tabernas de Paris, mas onde o ocupa mais é adestrando-se no manejo das armas.

Ainda muito jovem conquistou a cidade. Era tão bom esgrimista como cavaleiro e para ele parecia não ser possível existir dificuldades insuperáveis. Alguns chamam-lhe «menina d'Eon», pelo seu acanhamento e certo pudor ao lidar com os várias damas que procuravam aproximar-se dele. Mas faziam-no cuidadosamente, nunca ultrapassando o limite desta brincadeira, pois, temiam-no.

Por tudo o seu futuro anuncia-

(Continua na 6.ª página)

REPORTAGEM NA INDIA

por Lloyd Thomas

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 85 Diario de Lisbôa

NO PAIS DO CARNAVAL ETERNO

MÁSCARA

QUANDO desembarcamos em Bombaim, temos na nossa frente uma cidade moderna, activa, opulenta e cosmopolita que logo á primeira vista desmente a ideia que temos da India. Carros de todas as marcas e modelos cruzam as ruas, cheias de «eléctricos» e autocarros. Bancos, cinemas, grandes armazens de modas, palácios administrativos, publicidade por toda a parté. Rapazes jogando o futebol nas ruas mais afastadas, cafés, etc. Quem não acreditaria estar numa Marselha tropical, uma Marselha de três milhões de habitantes? Bombaim é, aliás, a mais «europeia» das cidades da India. Discute-se ali as qualidades do «Renault», do «Fiat», do «Wolkswagen», como da ultima obra de Sagan ou de Picasso. De um lado o mar, pequenas velas triangulares dos barcos de pesca e no horizonte a massa cinzenta de um cargueiro; do outro os arrabaldes envoltos em fumo das milhares de chaminés das fábricas.

Durante o dia Bombaim está submetida, como Paris ou Nova York, á febre de negócios e á luta desesperada pela vida. Corre-se, telefona-se, febrilmente.

Os grandes proprietários mahrattas, de turbantes vermelhos, parecem atordoados por esta agitação e são repreendidos enérgicamente pelos agentes da polícia, abrigados sob grandes chapéus de sol. Duas vezes por dia os operários se amontoam junto dos comboios que os hão-de levar aos arredores.

A' noite, toma-se ar em pequenos grupos de amigos, ou em família, em Marine Drive «no Passeio dos Ingleses». Aqueles que têm carro vão até á praia de Juhu onde podem tomar leite adocicado com noz de coco.

*

Bombaim é a porta da India. Ao sair da cidade descobre-se um mundo diferente que parece viver ao «ralenti». São os campos da India; colinas vermelhas, florestas densas, habitadas por panteras, caminhos escondidos na verdura, no meio da qual se move o ponto vermelho de

[Continua na página central]

MUITOS dos que ultrapassaram já a casa dos 50, é com alguma saudade que recordam, nesta época, os tempos alegres da sua mocidade carnavalesca. «Bons tempos meu patrão». Resta-lhes um carnaval turístico, comercializado, estilizado, de riso amarelo, forçado como a maior parte da nossa actividade do dia-a-dia. Dessa alegria natural, transbordante como onda que crescia incontível, nesta época do ano o que ficou? Quem ri ainda?

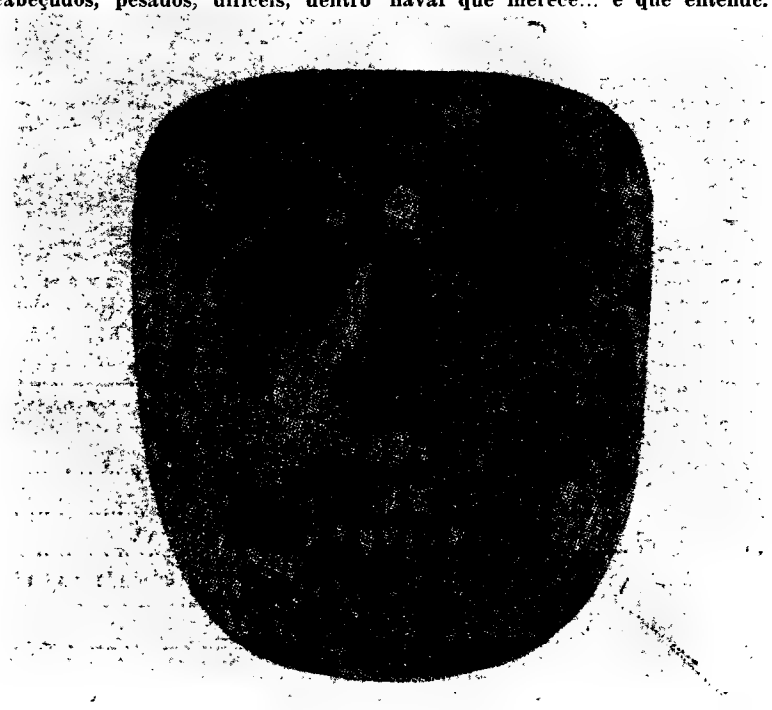
Do velho e livre carnaval ficaram mesmo só as mscaras, os enormes cabeçudos, pesados, difíceis, dentro de zonas, como símbolos de uma época e duma vida, disforme, artificial, fechada. «Bela máscara, eu te conheço!» — diziam já os nossos avós.

A máscara é, na verdade, a mais fascinante fantasia do Carnaval. E não só do Carnaval mas de tudo que visa criar e recriar uma ilusão para os sentidos ou esconder uma realidade desagradável.

Máscaras e mascarilhas... intrigas célebres do passado bem morto. Carnavais de Itália, da Alemanha, de todo o Mundo. Romances de amor de Dominós e de Arlequins... Já não há Dominós. Nem Arlequins. Só há marcianos. Cada época tem o Carnaval que merece... e que entende. Carnaval igual, máscara igual. Não matem o Carnaval, modernizem-no!

Abaixo as máscaras que não sejam do seu tempo. Actualizem-nos. Do presente, falemos do passado virados para o futuro. A rádio grita um dos êxitos deste ano para as festas do Rio: — «O Carnaval na Lua!» «O Rei do Carnaval embarca amanhã para a Lua...» diz a canção. E é assim; a tradição no presente, actualizada, civilizada, falando a lin-

(Continua na 3.ª página)



O aviso

Sidney Asch, senador democrático de Bronx, apresentou ao Parlamento do Estado de Nova York uma proposta de lei em que pede que se imprima nos maços de cigarros «uma caveira e duas tíbias cruzadas», com a seguinte legenda:

«Tendo em vista as provas acerca das relações entre o tabaco e o cancro, fumai por vossa conta e risco».

Quando o progresso liberta em nós os instintos primitivos

Em todas as grandes nações industriais se paga um pesado tributo de sangue ao automóvel. Nos Estados Unidos morre na estrada um homem em cada 13 minutos e em cada 23 segundos há um ferido.

Estes numeros causam-nos vertigens. Dificilmente os grandes terrores da Idade Média causariam mais vítimas. Por que estranha aberração aceitam os homens com uma espécie de inconsciência esta estranha «epidemia» mais mortífera que o cancro, que as doenças de coração e a tuberculose? Este palpitante assunto tem merecido ao «Diário de Lisboa» um interesse muito particular e esclarecidas campanhas verdadeiramente nacionais. Mas o caso é grave e merece que o prolonguemos. Da mesma forma que o automobilista abranda os seus ímpetos logo a seguir a um acidente vamos nós também fazer uma paragem para seguir de perto um notável estudo estatístico do dr. Jean Kearney no «Cahier de Traumatologie Pratique».

*

Kearney, referindo-se particularmente á França, tenta dar-nos a vítima-tipo escolhida pelo virus «acidentes»: Em primeiro lugar temos o jovem de 18 anos deslocando-se em «scooter»; a seguir o homem de 25 anos, passageiro de automóvel; e depois os peões de 60 anos de idade.

Em 12 mortos, 11 são do sexo

(Continua na página seguinte)

Quando o progresso liberta em nós os instintos primitivos

(Continuação da página anterior)

masculino e para feridos a proporção é de 5 homens em cada 7. Contudo, 55 % das vítimas que saem ilesos dos acidentes corporais são condutores e apenas 30 % são condutoras.

Se tomarmos como base 16 acidentes por hora em média, no conjunto das estradas, é sempre entre as 17 e 20 horas que se situa o período mais agudo, com perto de um terço dos acidentes, e a hora das 18 ás 19 aquela que parece ser a mais «tóxica» com uma média de 50 acidentes. E' a hora dos grandes engarrafamentos e dos «fins de viagem». A noite não é melhor conselheira: 30 % dos acidentes têm lugar durante a noite, dos quais 40 % mortais. O domingo detém um sinistro «record» e as más condições atmosféricas. (nevoeiro, granizo, chuva), são menos mortais que o o período de férias.

O tríplico do acidente

O estudo das causas dos acidentes de viação reparte-se em três factores predominantes: a máquina, o meio e o homem.

Se bem que seja qualificado como o agente causal — sem ele não é possível o acidente — o veículo é apenas causador de 9 % dos casos: rebentamento dos pneus, travões defeituosos, deficiência de farois, intervêm, mais ou menos, frequentemente, na génese dos acidentes. O meio, é, evidentemente, a estrada. Em 100 acidentes corporais, 45 produzem-se sempre em pontos particulares da estrada (encruzilhadas, no cimo de uma encosta, passagens estreitas, etc.), 21 em pisos molhados ou gelados, 8 em lombas de estrada ou por motivo de obstáculos encobertos. Resta o terceiro elemento do tríplico: o factor humano. As estatísticas atribuem-lhe 75 a 80 % da responsabilidade!

Para 100 acidentes corporais, 86 são provenientes de faltas do condutor e 19 por motivo do seu estado físico. A' cabeça vem a não observação das regras de prioridade; depois as ultrapassagens irregulares e as manobras não assinaladas. Quanto aos acidentes mortais, mais de metade, (35 % e 16 %) são devidos ao excesso de velocidade e não observancia da prioridade.

Não há duvida de que o acidente é o resultado de um conjunto de forças em que entra em jogo o homem e o seu meio. Os médicos devem ter um perfil importante a desempenhar neste problema. As reacções de um homem que vive quase permanentemente entre 60 e 130 quilómetros á hora não podem ser as mesmas do que vive apenas a 5 quilómetros-hora. Ao lado do homem-peão, há a considerar o homem-automobilista.

O estado físico do condutor deve ser bem estudado pelo médico e esse estudo deve determinar ou não o uso da carta de condução. Os médicos conhecem epiléticos que conduzem, apesar das suas recomendações, assim como cardíacos, doentes de hipertensão, diabéticos perto da coma, etc. Mas, presos pelo segredo profissional não podem intervir contra os perigos publicos! Sem duvida que ao privar um cardíaco do seu automóvel vai agravar-se a sua fadiga, mas deixá-lo conduzir veículos muito rápidos é fazer correr grandes perigos aos outros.

Também nenhuma lei pode proibir seja quem for de fazer etapas de 1.000 quilómetros sem repousar sequer 3 minutos, tempo indispensável para meter gasolina. E nenhuma lei proibe que alguém tome conta do volante depois de tomar uma boa dose de aperitivos...

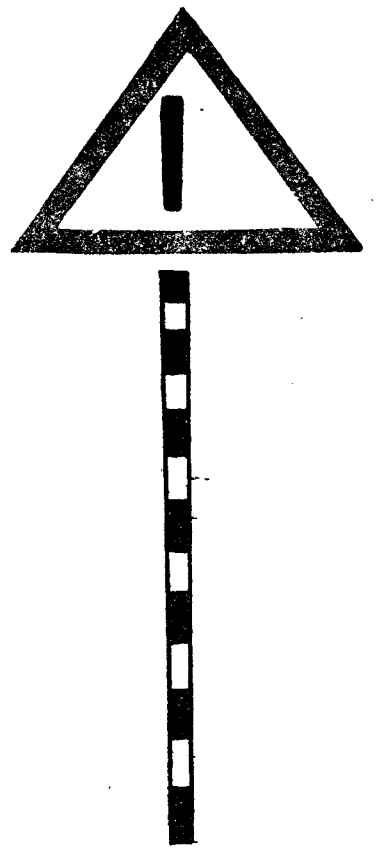
O Alcool

A influência da bebida e dos estupefacientes—que ocasionam 3,57 % dos acidentes e a fadiga que está na origem de 1 acidente em 100, tem sido particularmente estudada.

Com uma taxa de alcool no sangue de 1,21 por mil o período de reacção depois de uma excitação acustica alonga-se 38 %. Após uma excitação visual a demora é maior em 30 %.

Mas o alcool não é a unica coisa, pois as estatísticas falam também de estupefacientes. Nesta designação se indicam todas as drogas calmantes ou excitantes, tranquilizantes, sedativas e outras terapeuticas ambulatórias.

A fadiga alonga também o tempo de reacção, sobretudo entre os condutores que não tenham ainda adquirido um certo automatismo na condução e depois dos 200 a 500 quilómetros percorridos. As horas



mais perigosas situam-se entre as 23 e 5 e entre o meio-dia e as 15 horas.

Passemos rápidamente sobre o condutor distraido ou pouco atento (10,31 % das deficiências dos acidentes) e sobre o condutor com pouca experiência do tipo do seu veículo (2,62 %).

Resta determinar os elementos psicológicos que, na condução de um veículo automóvel são susceptíveis, combinados com outros, de provocar pesadas consequências.

Primeiro a inteligência: A condução requer um grau mínimo de inteligência pois se trata de pesar mais ou menos os riscos e sobretudo de compreender a evolução constante da circulação. Mas sobretudo a condução exige uma forma de inteligência concreta, prática da qual, os pensadores e os intelectuais estão muito frequentemente afastados. Um determinado professor de física e química teve de renunciar ao volante porque logo que punha o motor em marcha, não pensava noutra coisa que não fosse nas combinações das moléculas...

Um indivíduo demasiadamente emotivo é rápidamente atingido pelo medo (manifestação salutar do instinto de conversação) e ás vezes de tal modo que acaba por ser um inadaptado. O contrário também é mau. O indivíduo que não reage favorece uma conduta perigosa.

O dr. Philippe Geavel dizia:

«Os impulsos agressivos que fazem normalmente parte da personalidade e são em certa medida reflexos dela, podem ser acrescidos por diversos mecanismos que constituem verdadeiras reacções em cadeia. A massa da viatura, a sua velocidade têm a função de amplificadores. O indivíduo que empurra e barafusta com os vizinhos no «metro» ou nas bichas será, concerteza um perigo na estrada». «O facto do homem, ao partir, sentir-se investido de uma força material desproporcionada nos seus meios materiais, — escreve o professor Piret — constitui um elemento de desequilibrio afectivo favorável á «regressão», isto é, a um retorno aos modos de comportamento mais primitivos».

Assim, o automóvel tende a revelar o ser humano tal como ele é. O automobilista conduz como se conduz na vida. Todos os seus actos são multiplicados, nos seus efeitos, dentro do carro.

Velocidade excessiva, ultrapassagens perigosas, recusa em se deixar passar por outros, desprezo pela prioridade do outro, aceleração brutal, travagem brusca, grosseria, fanfarronada — eis um ramalhete de manifestações de todos os que usam a via publica como se se tratasse de arena de campo de batalha. Portanto, a frustação cria a agressividade. Esta vai depois provocar um sentimento de culpabilidade nalguns e o mel em cadeia alonga-se em diversas manifestações.

Tendo em conta as diversas razões que nos explicam a permanência deste terrível flagelo entre nós, não há duvida de que os factores psíquicos têm uma importancia grande na segurança da estrada e na defesa das nossas vidas. Dêem a palavra ao médico.

ELES, ELAS E O AMOR

BEETHOVEN

morreu solitário e tanto amou em vida

Em toda a sua vida de homem de génio, Ludwig Van Beethoven foi sempre vencido ao amor por qualquer insignificante que se aproximava da mulher por quem seu coração batia. No entanto Beethoven sentia uma necessidade absoluta de amar. «O amor!» — escrevia ele aos quarenta e sete anos de idade — «Sim, só o amor nos pode dar uma vida feliz. Meu Deus! Concedei-mo. Deixai-me encontrar aquela que se encaminhará no sentido da virtude e que se seja só minha!»

Mas Deus não o atendeu, sabendo talvez que cada ferida que dilacerava o pobre coração de Beethoven jorrava um cantico magnífico e desesperado.

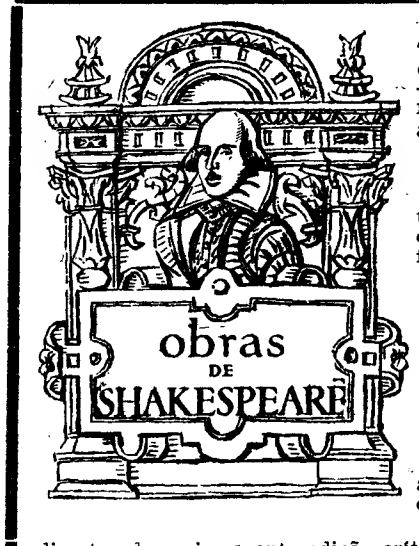
Beethoven, pequeno, atarracado, de aspecto sombrio e desleixado, com uma cabeça enorme emoldurada por uns cabelos negros e hirsutos, prendeu-se primeiro pela italiana Julieta Guicciardi. Tinha ela apenas 16 anos de idade. Julieta foi sobretudo inconsciente ao fazê-lo acreditar que um dia poderia amá-lo e casarem. Beethoven, adorava-a e escreveu para ela a admirável «Sonata em dó menor». Por ironia do destino, havia de ser um simples compositor de musica de dança, o conde de Gallemberg, que lhe levaria Julieta e a desposaria. Mais tarde Beethoven, sempre em dificuldades de dinheiro, viria a emprestar 500 florins a Gollemberg, para livrar o casal feliz de fortes embaraços.

Amou depois em silêncio a condessa Teresa de Brunswick que nunca se dignou dar por ele, e logo a seguir é atraído pelos encantos duma cantora chamada Madeleine Wilman que rejeitou também o seu pedido de casamento.

Já longe dos ardores da juventude, homem já afeito ás desilusões da vida e do amor, curtiu uma forte paixão outonal que encheu por cinco anos o doloroso coração de Beethoven até que o despedaçou para sempre: Tendo presente os desaires precedentes não ousou declarar a sua paixão a Teresa Malfati, bela e inteligente rapariga «junto da qual» — dizia ele — «encontrava tanta harmonia». Quando, finalmente, se decidiu a fazê-lo, foi, repudiado.

Beethoven

Com 57 anos, na triste prisão do silêncio em que caiu, Beethoven, morreu solitário, ele que tanto tinha amado.



APRESENTAM numa edição monumental, em 36 fascículos de 32 páginas, com extra-textos em rotogravura, na primeira série das suas obras, sob a direcção literária do

Dr. Luís de Sousa Rebelo
Prof. da Universidade de Londres

traduzidas por uma notável equipa de especialistas de que fazem parte:

Dr. Luís de Sousa Rebelo
Maria da Saudade Cortesão Mendes
Dr. António Leitão de Figueiredo
Dr.ª Laura C. Dias de Figueiredo
Dr. João Palma-Ferreira
Dr. Martim Afonso de Melo
Maria Manuela Serpa

acompanhadas de um estudo crítico de

John Dover Wilson

director da mais recente edição crítica das obras de SHAKESPEARE, as seguintes peças:

ROMEU E JULIETA ● SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO ● HAMLET ● REI LEAR ● MACBETH ● OTHELO ● ANTÓNIO E CLEOPATRA

com a recomendação de THE SHAKESPEARE FELLOWSHIP, ilustração e orientação artística de MANUEL LAPA

●

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Edição Normal		Edição Especial	
Por fascículo	*25$00*	*Por fascículo*	*100$00*
10 fascículos, pagamento adiantado	*220$00*	*10 fascículos, pagamento adiantado*	*850$00*

Inscreva-se no seu livreiro habitual ou envie o cupão abaixo aos editores

OBRAS DE SHAKESPEARE
RUA DAS FLORES, N.º 43 — Telefone 23364 — LISBOA-2

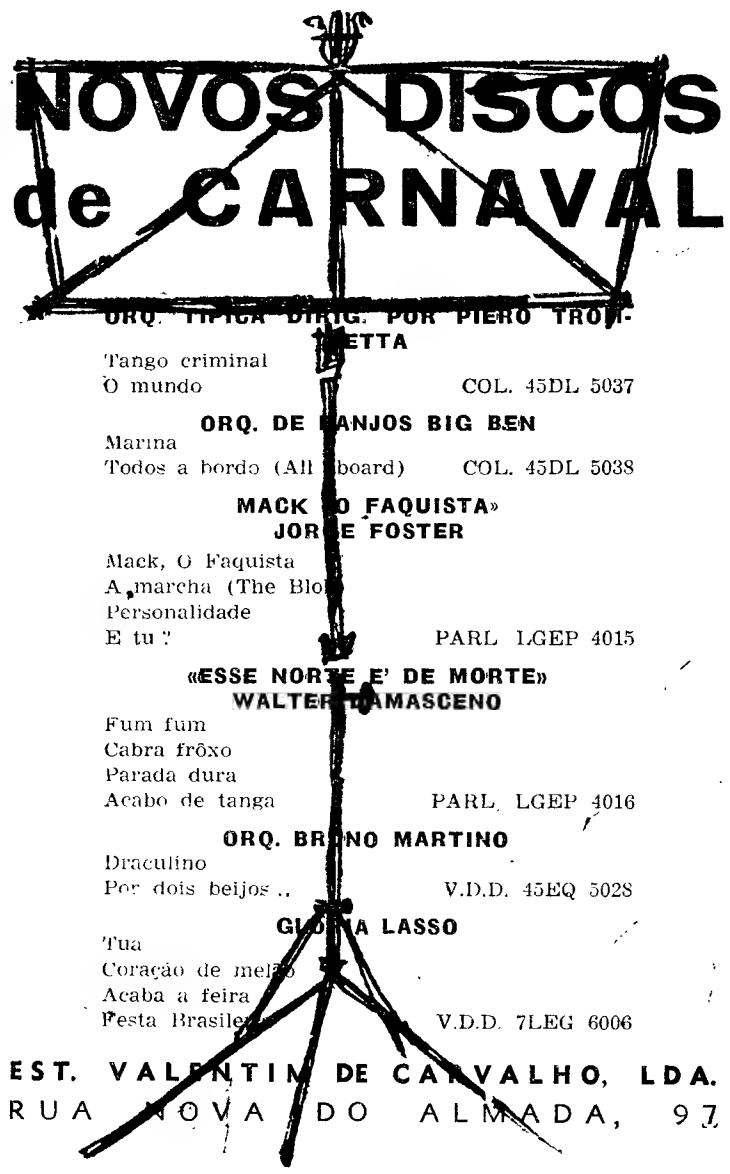
Queiram considerar-me assinante das «Obras de Shakespeare», na modalidade * — fascículo mensal — séries de 10 fascículos

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

* Riscar a modalidade que não interessar



NO PAÍS DO CARNAVAL ETERNO SUA EXCELÊNCIA A MÁSCARA

(Continuação da 1.ª página)

guagem actual, e «com os olhos jogados para a frente», como dizia o poeta.

Segundo o que nos ensinam os etnólogos as máscaras vêm desde a remota época miolítica. Nas cavernas os sacerdotes e feiticeiros tinham a cara coberta. Aliás todos os povos primitivos a usavam, quer no culto dos antepassados, quer nas festas totemistas, nos rituais mágicos e nas iniciações. Dançando ao som do tam-tam os homens usavam máscaras, segundo os casos: ou para lembrar o pai defunto, ou evocando uma peça de caça ou o deus da chuva.

Nas ilhas da Oceania acreditava-se que a cabeça de um morto transmitia aos seres vivos a sua força. Por isso os vencedores colocavam na cara a face dissecada do inimigo morto. Na Africa Ocidental, na Costa do Marfim, o feiticeiro que usasse a máscara do deus Gla (terrível e magnífica cabeça barbuda e cabeluda de dentes agressivos) tinha direito de vida e de morte sobre as pessoas. Nos Camarões as máscaras rudes, de traços reduzidos ao essencial lembram as linhas da escultura moderna. Indios da América mascaram-se, fingindo inteiramente ao real, usando penas, vidros, conchas, caras com mosaicos de efeitos admiráveis.

Os surrealistas do nosso tempo têm ainda que aprender muito nas antigas máscaras da Nova Guiné e da Nova Hibrida de formas que sugerem sonhos inacabados. Nos Egípcios os sacerdotes usam máscaras de animais. Há sacerdotes-cães, sacerdotes-bois, etc. Finalmente, no Tibete os exploradores encontraram máscaras triangulares.

* * *

Mas a célebre máscara carnavalesca vem da Antiguidade Greco-Latina. O Carnaval tem origem nas célebres bacanais e saturnais, onde se usavam máscaras para esconder a identidade e assegurar a impunidade dos seus portadores.

São ainda essas mesmas máscaras que vieram até aos nossos dias e é pelo mesmo motivo que se fazem bailes de mascarados.

Não se sabe qual foi a origem da máscara teatral. Se das máscaras orgíacas do Carnaval se por necessidade de esconder a cara e a voz dos autores. Dizem alguns que como as mulheres não podiam antigamente subir á cena, as máscaras seriam para os papéis femininos (Como no teatro chinês e japonês).

Algumas máscaras ofereciam ainda a particularidade de só dum lado mostrarem um aspecto sério e do outro colérico. Sem esforço o actor mudava de expressão, mudando de perfil.

* * *

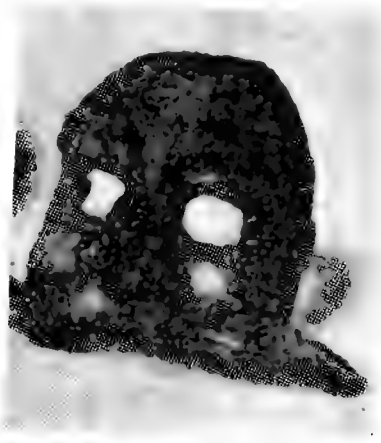
Na Europa cristã os confessores condenaram durante bastante tempo «quem transformasse a face». Mas a verdade é que nos desfiles nas ruas apareciam dragões, leões, salamandras, licornes, ou diabos em madeira esculpida, sobre os ombros dos homens. Na Inglaterra como na Espanha as representações teatrais sobre coisas sagradas, usavam os «ecrans» e «as falsas cabeças».

Até ao fim do século XIX o prazer da máscara manteve-se. Nas festas imperiais de Napoleão-o-Pequeno foi muito usada a máscara. Diz-se que a «divina» condessa Castiglione, em muito galante companhia, nelas cedeu a um Dominó insistente que depois se revelou como sendo o seu imperial amante.

O Carnaval foi também aproveitado para as vinganças e crimes. Em 1710 um decreto proibia em França os mascarados de usar espada. Mas foi também um Regente da França que instituí o baile de máscaras na Opera três vezes por semana desde 11 de Novembro até á Quaresma. Foi assim que o Carnaval de plebeu e canalha se tornou um prazer elegante.

* * *

Magia ou ritual, boneca torturada de Esquilo ou mascarilha veneziana, nariz de Arlequim ou de Polichinelo, sempre a máscara nos conduz ao desejo de sair de nós, de sermos outros.



E' a nostalgia da transformação, de viver uma vida diferente, de abrir o escape áquilo que se comprime dentro de nós e que espera a liberdade de se expandir aos outros, esquecidos os preconceitos e as limitações forçadas.

Fenómeno curioso

Como é sabido, o governo trabalhista que governou a Inglaterra logo a seguir á derrota nazi, nacionalizou as empresas siderurgicas inglesas. Depois, em 1953, o governo conservador procedeu á desnacionalização. Sabe-se, agora, que no conjunto das 71 empresas, 22 delas não foram restituídas ao sector privado por falta de compradores.

Os patrões não tiveram pressa em retomar as fábricas e o pessoal dessas 22 unidades fabris representa a sexta parte da mão-de-obra empregada na produção. Porque será? Parece que a nacionalização tipo inglês era bom negócio para os... patrões.

CARPETES E ALCATIFAS

100% de lã pura

COMPANHIA UNIÃO FABRIL
RUA DOS DOURADORES 160

UMA DAS MAIORES SATIRAS DE TODOS OS TEMPOS!

A ILHA DOS PINGUINS

romance de

ANATOLE FRANCE

Os pinguins foram transformados em homens e passaram a sofrer todos os ridículos e vícios humanos.

A ILHA DOS PINGUINS

uma obra-prima de ironia, de lucidez e de beleza literária, escrita pelo artista de génio a quem Aquilino Ribeiro chamou o «último mago da latinidade»

Na Colecção OS ROMANCES UNIVERSAIS da PORTUGALIA EDITORA

O touro sagrado de Siva

REPORTAGEM DA

INDIA

ponentes, bancos, senhoras elegantes e os seus «Cadillac».

Aos domingos há piqueniques nos arredores, a volta do Forte Vermelho ou de Outub Minar, soberba torre do século XIII uma das preciosidades da arquitectura muçulmana na India. As borboletas de flores exóticas, papagaios, verdes e amarelos, pequenos esquilos de pelagem raiada de negro, brincam nas ruinas de Akbar, enquanto os macacos espreitam dos ramos das árvores.

Por vezes, mesmo ás portas da cidade, ouvem-se, á noite, latir os chacais. Atacados pela fome, vêm algumas vezes até próximo, atacar os cães vadios. Estes eternos mendigos de quatro patas, arrastam as magras carcassas através de toda a India. Os habitantes não têm para eles as mesmas atenções que têm para as vacas. Uma pedrada ou um pontapé é quase sempre o que recebem quando insistem em se aproximar em busca de comida.

O indu tem muito aguçado o sentimento da unidade de tudo quanto existe e do qual ele faz parte. Daí provém o seu respeito religioso de tudo que vive. Evitam a todo o custo matar seja o que for e até de o comer como no caso da carne, peixe e mesmo ovos. Para um indu tradicionalista, comer carne de vaca é um acto tão revoltante como entre nós o canibalismo. As vacas são anmais sagrados. E' a imagem mais conhecida do exotismo indiano.

As vacas na India constituem um problema. E' vê-las, doentes, peladas, em busca de comida. Como vivem? De detrictos diversos e da caridade publica. Em Calcutá vêm-se vacas juntamente com cães vadios revolvendo os caixotes do lixo. Vão por toda a parte. Se estorvam o transito, pelo menos o transito não as estorva a elas. Deitam-se sobre o pavimento e os veículos esperam, buzinando, que alguém venha com todos os respeitos devidos a esse animal sagrado, afastá-la, cuidadosamente.

Certo dia uma vitela afasta-se da manada e choca com um carro. O animal levanta-se mas tem uma perna partida. Logo um grupo de camponeses investe contra os ocupantes do carro para lhes fazer partida. Salvaram-se porque o carro acelerou, fugindo á furia popular.

*

A India é certamente também o unico país no Mundo onde se dá de comer ás formigas em vez de as destruir. Em Allahabad, o filho do grande romancista Premchaud, o «Gorki indiano», contava com uma indignação bem humorada, o pequeno escandalo que um dia provocou junto dos vizinhos por alimentar as formigas da sua casa a D. D. T. em vez de flor de farinha como todos faziam.

E' quase impossível falar de todas as belezas naturais da India. O próprio país é todo ele um continente. Em Darjeeling a mais de dois mil metros de altitude, damos o primeiro passo no Himalaia cuja enorme barreira parece defender as vastas planícies do Ganges.

Cem quilómetros mais ao sul, a natureza muda radicalmente de aparência. Uma vegetação luxuriante enreda-se nos flancos dos vales onde se ouve o marulhar de correntes invisíveis. Moitas coloridas de flores e malvas dão cor á paisagem rude e o fumo preguiçoso das cidades desenham arabescos ao sabor do vento. Nesta região as crianças lembram pequenos chineses, redondos como bolas e de olhos risonhos. Para o Sul, para lá de Calcutá acreditariamos estar num país africano. O Sol tropical abrasa Orissa, pátria dos tigres devoradores de homens. Aldeias completamente separadas do mundo exterior fazem a sua vida nas florestas virgens. Mais ao Sul ainda, Madras, é de novo o progresso, com belas fábricas modernas, explendida universidade, prosperidade, urbanismo e uma praia imensa onde todas as tardes, na época própria se apanham amendoins ao som dos altofalantes mu-

nicipais a gri
da.

A recordaç
campos de a
de irrigação,
tes do algodã
jasmim, elef
ros de Hyno
chifres decor
altivos... Cam
se descobre u
leza, uma tor

A India é u
arquitectos. U
ropa descobre
lhas milenári
Kailara, em
tral grande co
foi construído
cavado numa
técnica e o hu
de Kaperaho
dos turistas e

Mas o mom
te e mais per
criação muçul
Mahal d'Agra,
branco que o
fez edificar p
taz Mahal qua
á sombra dele
nos continuam
por seus poem

Templo Ma

(Continuação da 1.ª página)

um «sari». Enormes bufalos afundam-se com prazer nos pantanos onde apenas o dorso e a mufla saem da água. Lindas mulheres, de braceletes nos tornozelos vão para o mercado de cesta á cabeça. Aldeias de muitas crianças, cabras mordiscando cactos. De longe em longe uma cidade, fábricas, novas quase sempre. Na direcção de Delhi a paisagem muda. As mimosas em flor e os campos de rosas flamantes dão lugar aos matagais, onde de tempos a tempos, um pequeno templo branco e maciço, de cupula, evoca a presença humana. Depois o deserto espinhoso de Rajathan, abrasado por um sol implacável ou varrido pelas tempestades de areia.

*

Delhi oferece-nos o contraste que vemos em todas as grandes cidades indianas: é o passado e o presente. Existem nela duas cidades diferentes — a Velha Delhi e a Nova-Delhi. Na velha, cidade tradicional, de ruas estreitas, de mil pequenos ofícios, roupa estendida em todas as janelas, tintureiros que enxugam panos de cor na relva; cidade velha, arruinada, ruidosa, miserável e popular cheia de colorido. Do outro lado a cidade nova, moderna, com lojas de luxo, ministérios im-

---

O ministro do Interior americano procura levar á prática um vasto programa que visa reproduzir e proteger o salmão.

Entre os vários problemas a estudar contam-se: doenças deste peixe, alimentação, melhoramento técnico da sua pesca, no Pacífico e repovoamento no Atlantico.

Todas as doenças do salmão são estudadas. Os especialistas pensam dissolver nas águas vitaminas destinadas a alimentação dos salmões.

Por tudo isto podemos já calcular quanto vai custar um quilo de salmão... Se é que entretanto não será decretada a proibição de comer esta rica pesca. Resta-nos a esperança do rio Minho.

O primeiro camião pesado norte-coreano saiu o ano passado da fábrica de automóveis de Hukan, construído e equipado por especialistas checoslováquios. A produção do ano anterior foi de 3.000 camiões e a deste ano será de 9.000.

India.
um con-
mais de
damos
ia cuja
nder as

sul, a
nte de
xurian-
s vales
corren-
idas de
isagem
das ci-
ao sa-
s crian-
eses, re-
os riso-
de Cal-
m país
sa Oris-
ores de
ente se-
fazem
virgens.
de no-
ábricas
rsidade,
e uma
tardes,
amen-
tes mu-

nicipais a gritar as canções em moda.

*

A recordação fica nos sentidos; campos de arroz, pequenos canais de irrigação, campos secos e ardentes do algodão, dromedários do Rajasthan, elefantes de Assam, burros de Hynore, vacas brancas de chifres decorados e bufalos negros, altivos... Campos onde todos os dias se descobre uma ruina, uma fortaleza, uma torre ou um templo.

A India é um país de história, de arquitectos. Um país em que a Europa descobre todos os dias maravilhas milenárias. O templo hindu de Kailara, em Ellora, na India Central grande como uma catedral. Não foi construido de modo vulgar; foi cavado numa colina de pedra. A técnica e o humanismo dos templos de Kaperaho fazem a admiração dos turistas e dos amadores de arte.

Mas o momento mais emocionante e mais perfeito da India é uma criação muçulmana: o famoso Taj Mahal d'Agra, tumulo de mármore branco que o imperador Shah Jaha fez edificar para sua esposa Moumtaz Mahal quando da sua morte. E' á sombra dele que os poetas indianos continuam, ainda hoje, a compor seus poemas de amor.

Photo Ambassade de l'Inde, Paris

SERÃO OS GÉMEOS O MESMO SER EM MAIS QUE UM CORPO?

por MARIÉ CLAIRE

O nascimento de vários gémeos suscita sempre a admiração geral, indo em vários casos, até á fascinação.

A prová-lo está o alvoroço que provocou a vinda ao Mundo na Maternidade Magalhães Coutinho dessas 4 crianças filhas de um simples e modesto casal de minhotos que o coração sensível de uma boa parte do nosso povo está a cobrir de carinho.

Em todos os tempos o nascimento de gémeos se prestou a manifestações diversas das pessoas, cujo comportamento perante esse fenómeno ilustrava todo um mundo de símbolos diferentes segundo a época e a sociedade em que viviam. Nalguns casos conduzia ao culto, noutros ao sacrifício.

Nas sociedades primitivas as reacções não eram iguais em todos os povos. Entre os nómadas, as surperstições e, sobretudo, as razões económicas levavam-nos a matarem os gémeos ou pelos menos a deixarem apenas um.

Na verdade as suas condições de vida eram difíceis e a mulher, submetida a duríssimos trabalhos durante as caminhadas, só excepcionalmente podia aleitar mais que uma criança. Mas nas sociedades que viviam da agricultura sedentária já não eram assim. Os braços eram necessários para os trabalhos de campo e atribuiam aos gemeos dons divinatórios. E' possível que também nalguns casos a hostilidade ou o culto dos gémeos ande ligada á ideia desse fenómeno ter origem numa fecundidade divina... ou adultera.

Nas sociedades modernas onde os gémeos representam em média 2 % da população o seu nascimento provoca em geral satisfação entre famílias abastadas e admiração e solidariedade nos casos em que os pais são pobres, como no nosso caso recente. Subsiste ainda uma espécie de superstição que se vê nesses casos um sinal de anuncio de felicidade.

*

Como é sabido há gémeos verdadeiros e gémeos falsos. Os verdadeiros «monozigotos» são provenientes de um unico óvulo fecundado que se separou dando lugar a dois ou vários embriões. Os falsos «dizigotos» são saidos de dois ou vários óvulos fecundados por outros tantos espermatezoides.

Partindo desta distinção, vários psicólogos e filósofos têm-se esforçado por estudar as várias particularidades das reacções entre os gémeos, dividindo-os em dois grupos: os «identicos» e os «fraternos». O professor Rene Zazzo, da Escola Prática de Altos Estudos de Paris há mais de quinze anos que se dedica a esse estudo e chegou há pouco à conclusões interessantes. A sua primeira descoberta foi que os gémeos «idênticos» apresentavam semelhanças que não eram apenas devidas á sua hereditariedade comum, como até agora se julgava, mas sim á sua situação de duplos duma espécie muito particular. Segundo ele, a parecença das suas atitudes são principalmente devidas a essa particularidade que os leva a serem confundidos constantemente, criando complexos de timidez, tendência ao isolamento, e uma excepcional comunicabilidade entre eles, complexos agravados pela tendência das famílias em dar-lhes nomes parecidos e em vesti-los de forma identica.

A criança vulgar conhece-se ao espelho aí por volta dos dois anos de idade. Os gémeos só o conseguem aos 3 e 4 anos, pois até aí julgam estar a ver o irmão. Esta operação mental é muito importante para a formação da personalidade e os gémeos conseguem-no tarde. Aliás a confusão pode dar-se mesmo já em adultos e esta recordação deixa traços desagradáveis. Há inumeros exemplos disso e o mesmo se dá em relação ás confusões de nomes e sobrenomes no decorrer da infancia. Os gémeos só tarde começam a empregar a palavra *eu* e *meu*. Habituados a ouvir as pessoas dirigirem-se-lhes colectivamente chegam a criar a impressão de serem uma unica personalidade.

Há inumeros casos de brincadeiras entre gémeos que se fazem substituir nos exames, nos namoros, ou respondendo um quando alguem procura o outro. Mas é frequente que sejam os próprios gémeos a exasperarem-se com as confusões nascidas da sua parecença. Há ainda casos de confusão verdadeiramente dramáticos. Roberto foi preso pelos Alemães durante a ocupação do seu país. Conduzido ao interrogatório acusavam-no de ter estado em certo sítio suspeito. Foi fácil a Roberto «provar» que a essa mesma hora tinha sido visto noutro lugar muito diferente daquele. Os Alemães não sabiam que

Dois pares de

tinha um irmão gémeo e usou com êxito esse alibi para fugir ao internamento ou á morte.

O casamento como qualquer espécie de separação entre eles pode ser um drama. Isto mesmo na idade adulta.

Não é verdade que os gémeos sejam menos inteligentes que as outras crianças. Há por vezes inferioridade intelectual apenas devida a um certo atraso na linguagem ou na obtenção de particularidades influentes na formação da personalidade. Pelo contrário, o desenvolvimento da sensibilidade e de certas qualidades afectivas e sociais são nelas mais pronunciadas.

O problema da relação dominante entre gémeos foi também estudada com cuidado por Von Bracken que verificou que é sempre o mesmo gémeo que assume a ligação com o mundo exterior. O outro está mais virado para as questões pessoais entre eles.

Quanto mais sensível é o gemeo mais sofre o choque afectivo da reparação. É por isso que Zazzo conclui ao fim dos seus longos inquéritos que é, geralmente, o gémeo não dominante quem se casa primeiro.

Normalmente o gemeo predominante é o mais forte e o melhor aluno. Entre casais de gemeos «fraternais» a rapariga domina o rapaz na proporção de 3 para 2 e parecem-se mais nos traços de caracter do que os gemeos igualmente «fraternais» do mesmo sexo. Mas é, sobretudo, a influência exercida sobre eles pelos pais que pode determinar por vezes manifestações contraditórias. 1.° — Na escolha dos nomes semelhantes e roupas iguais — contra o qual eles se levantam ao chegar a adolescência, mas que influi nos gostos das coisas mais simples: desenho da gravata ou na forma de uns sapatos. 2.° — Influência oposta de pai e mãe sobre cada um deles. Sérgio e Dinis são dois «verdadeiros» gemeos de 17 anos. Sérgio declara: O meu pai parece-se com minha mãe; eu pareço-me com meu pai. Aliás cada um deles tinha o seu «gemeo»... Euquanto meu pai gosta de algebra eu não gosto». E Dinis completa: «minha mãe, que é pintora, detesta algebra tal como eu. Portanto ela está mais próxima de mim do que meu pai e meu irmão.

*

Dois seres genéticamente semelhantes podem tornar-se psicológicamente diferentes. Este é o facto essencial cientificamente provado por René Zazzo:

«As expressões de meio psicológico e de hereditariedade psicológica são, com todo o rigor, tão válidas uma como a outra. O meio é uma realidade de ordem social como a hereditariedade é uma realidade de ordem biológica. Ambas se integram numa realidade de outra ordem».

Com esta conclusão René Zazzo dá um golpe muito forte e profundo no determinismo rigoroso que desde há muito tempo serve certos meios filosófico-cientificos.

«As forças da hereditariedade não se opõem ao desenvolvimento da liberdade e á conquista da autonomia. Pelo contrário facilitam-na, são uma das condições essenciais do desenvolvimento da criança na história da nossa espécie». Eis a conclusão final dos estudos do professor René Zazzo depois de 15 anos de aturado estudo sobre o fenómeno pouco natural do nascimento de gemeos.

O calsi-crete e o astrolite

— dois novos materiais plasticos verdadeiramente revolucionários

Técnicos americanos deram a conhecer duas novas criações da química.

O Calsi-Crete é um material de construção que se pode cortar e cinzelar sem que perca a resistência. Este material é um betão que pesa apenas um terço do betão vulgar. O seu uso permite construir habitações a um preço 20 % inferior aos actuais.

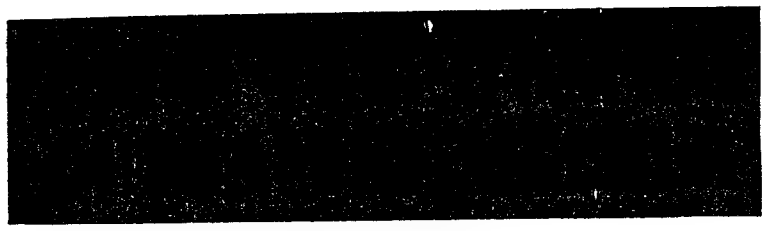
O Calsi-Crete obtem-se soprando, uma mistura humida de betão, de silicio, madeira e fibras de amianto. O material leveda como a massa do pão, sendo depois cozido e cortado nas dimensões e espessuras que se deseja. Por fim é polido. Por motivo do seu peso reduzido o Calsi-Crete é dum manejamento e transporte fácil e barato. Deve ser particularmente util para revestimentos do chão, paredes e tectos.

O Astrolite compõe-se de uma matéria plástica com base na resina fenólica e de fibras de silicio puro. Esta matéria resiste muito melhor que o aço a temperaturas elevadas.

No decurso de recentes experiências, uma folha de Astrolite foi submetida á chama de um maçarico de oxigénio e de acetilene que a submeteu a temperaturas de perto de 2.500 graus centígrados. Ao fim de 142 segundos a folha estava escurecida pela chama enquanto que esta mesma chama tinha atravessado completamente uma chapa de aço de 1,3 cm. em 42 segundos. Os fabricantes de Astrolite pensam que o novo material poderá suportar temperaturas que vão até 5 540 graus centígrados. Calculam que o Astrolite poderá servir na fabricação dos cones de foguetões sujeitos a suportar temperaturas prodigiosas quando os engenhos reentram na atmosfera. O novo material poderá também ser largamente utilizado na construção das naves espaciais de amanhã.

O falso e o verdadeiro

OS VERDADEIROS viveram no século XIII em Itália onde amaram e morreram. Dante imortalizou-os em «A Divina Comédia» e Ingres fez deles este retrato. OS FALSOS: São Olile Versois — estrela francesa e Armando Francioli — actor italiano — no filme «Paulo e Francesca» que foi rodado em Turim



(Continuação da 1.ª página)

va-se brilhante. No entanto, um dia, inesperadamente desapareceu. Na mesma altura aparecia em Paris uma encantadora jovem, tão parecida com ele como se se tratasse de uma irmã. Chamava-se Lia de Beaumont e ligada aos «serviços secretos» do rei aceitara a difícil tarefa de tentar aproximar-se da imperatriz Elizabeth. Luís XV desejava concluir um tratado de aliança com a Russia, mas a guarda á volta de Sua Alteza era bem feita.

Depois de uma viagem difícil a jovem consegue arranjar meios de fazer chegar ás mãos da imperatriz uma carta do rei, e tão bem se insinuou no animo da soberana que se tornou em breve sua leitora particular.

A missão é inteiramente bem sucedida e Lia Beaumont regressa a Paris triunfante com cartas de Elizabeth para o rei de França em que a soberana se declarava disposta a receber um enviado para negociações.

Recebida pelo rei Lia Beaumont recebe as melhores felicitações e desaparece tão misteriosamente como surgiu.

*

É então que reaparece Charles d'Eon. Mas não por muito tempo pois Luís XV envia-o á Russia, encarregado de «assuntos especiais». A extraordinária parecença de Charles d'Eon com a antiga leitora da imperatriz não passa despercebida em S Petersburgo. Também o leitor já compreendeu que Lia e Charles eram uma e a mesma personalidade.

Parecendo a certa altura da sua vida ter optado pelo género masculino, ei-lo, umas vezes em difíceis missões diplomáticas e outras como valente militar, combatendo á frente dos seus dragões, alegre, brilhante, corajoso.

*

Em 1762 Luís XV envia-o a Londres para aí acompanhar o duque de Nivernais, encarregado de concluir com a Inglaterra um tratado de paz. As negociações arrastam-se e o duque tem de regressar a Paris deixando a Embaixada entregue ao jovem capitão. O embaixador é depois substituido pelo conde de Guerchey, inimigo de Charles, que passa a fazer-lhe uma vida difícil. Contudo d'Eon continua em Londres espionando por conta do rei e nas vésperas do seu regresso a Paris, o embaixador pronuncia aos ouvidos dos amigos uma frase que rápidamente se repete em voz alta nos grandes meios franceses: «Charles d'Eon, hermafrodita».

Sabia-se quem tinha sido a bela Lia, conhecia-se a sua candura com as mulheres; não podia ser um cavalheiro. A publicidade foi tal que os caricaturistas e os cançonetistas se ocuparam dele. E a sua celebridade tornou-o ridículo em toda a parte, acabando por não regressar a Paris.

*

Deu-se então um verdadeiro golpe de teatro. A um enviado do Governo francês, Charles declara-se, oficialmente «rapariga com todos os atributos do sexo».

Camuflagem? Provocação? Os acontecimentos precipitam-se. Luís XV morre e d'Eon pede a Luís XVI para entrar em França. As negociações arrastam-se e chegam a pedir-lhe que como prova se case. Por fim Genevieve d'Eon (como então se designava) compromete-se a entregar ao rei alguns documentos secretos que tinha em seu poder e que daí por diante «usaria fatos do seu sexo».

Regressa, finalmente, a França, mas foi um verdadeiro fiasco, pois, com a sua gordura e... barba, não foi capaz de convencer. Estava longe dos seus 20 anos belos e fascinantes.

*

Voltaire a quem toda esta aventura confundia falava dele como de um «animal anfíbio».

Desiludida e atacada Genevieve, certo dia, vestiu de novo o seu uniforme de capitão de dragões e regressou a Londres. Com 83 anos, cheio de dificuldades e mesmo conhecendo a fome, viveu na companhia de uma velha amiga da mesma idade, até 10 de Outubro de 1810, dia em que deu por finda a vida. Uma extraordinária curiosidade atraiu toda a gente para a pequena vila onde vivia. Os amadores de fenómenos iam delirar quando foram conhecidos os termos do processo-verbal da autópsia:

«Um homem perfeitamente constituido».

TEMAS PEDAGOGICOS

O sentido moral da criança

O capítulo da moral é um assunto espinhoso. Toda e qualquer discussão sobre costumes faz, inevitávelmente, surgir ideias contraditórias. E' impossível, muitas vezes, distinguir as ideias preconcebidas dos adultos daquilo que a criança «deve» fazer. E é talvez por isto mesmo que não conseguimos compreender que uma criança faz e o que é verdadeiramente. A nossa civilização está cheia de directivas morais e normas éticas que somos forçados a conservar para que a civilização persista. Toda a vida, os homens têm discutido as noções do Bem e do Mal, a virtude e o pecado, a disciplina, o dever, a justiça, a culpa, o perdão, a recompensa, a salvação, a falta, a expiação... Também em relação á criança, muito se discute sobre a depravação inata.

Como adultos, herdámos uma cultura na qual a sabedoria do tempo se imbue de erros persistentes, de ideias arbitrárias que nos impedem de ver claro, a natureza mutável da criança, durante o seu crescimento. O adulto pretende a criança com essa mesma sabedoria que é, nele, produto de muitos anos e resultado de muita aprendizagem.

Em que consiste, pois este crescimento? Como deve conduzir-se a criança? Quando é que a moralidade toma forma concreta?

A criança nasce com um fraco sentido moral; é através da sua vida, que este sentido cresce e se fortifica. De nascença, a criança apenas traz certas possibilidades e disposições que aumentam, dia a dia, ano após ano, numa organização progressiva. Com seis semanas, a criança sorri. Sózinha, num sorriso egocentrista. Com oito semanas, sorri para o rosto da mãe — sorriso de resposta social... E com o desenrolar da vida da criança há um certo dinamismo que dirige o sentido moral e o seu desenvolvimento.

Neste desenvolvimento podemos considerar três fases: *1*) fase egocêntrica; 2) fase social; *3*) fase recíprocamente individual e social.

Bem cedo, a criança toma o sentido social; gosta de dar prazer aos outros, gosta de repetir as gracinhas porque fazem rir os adultos.

Não quer dizer que a «cultura» da criança esteja em jogo. Mas ela comprende e age a um complexo de sorrisos, franzir de sobreolhos. Ela sabe o que é aprovação e desaprovação. Ela tem já um sentido de conduta. Mas, claro está, esta conduta é modificável; um dia chegará em que a criança quererá agir por si mesma, impor a sua personalidade, e de forma autoritária. Nesta fase, a comprensão dos adultos é, mais do que nunca, necessária e indispensável.

Pelo contrário, a conduta da criança é por vezes mal interpretada. E apenas porque o adulto quer aplicar regras rígidas de normas morais do bem e do mal — que ele próprio adquiriu no decorrer de uma longa vida. Na verdade são necessários muitos anos de crescimento e estrutura moral, de experiências, para que o indivíduo seja capaz de formas elevadas de sentido moral.

Uma criança que bem cedo mostra o sentido social de agradar, pode modificar-se por volta dos quatro anos. O que não quer dizer que um ano depois se mostre mais conformista com a obediência imposta. Entende-se bem com as pessoas. Mas esta obediência fácil não é um traço absoluto e permanente. O desenvolvimento far-se-á com altos e baixos; as transformações psicológicas são constantes. O bem e o mal existem em relação aos adultos; aos sete anos, a criança sofre, em geral, uma modificação notável. Nesta altura, ela tem uma noção diversa do bem e do mal. Não limita os pensamentos a actos particulares; começa a sentir qualitativamente o bem e o mal e a edificar normas de conduta mais universais. Cuida da verdade e da honestidade do dia a dia. A criança torna-se um indivíduo. Tem agora consciência de si próprio e dos outros. A consciência dos outros é muito sensível e subtil, nesta fase da vida. E' uma moral baseada no conhecimento do mundo que o rodeia.

Aos 8 anos é muito sensível ás críticas. Torna-se contrito. Não voltará a fazer isto ou aquilo. Aos 10 anos, esta tendência fortifica-se. Mas é necessário que as condições ambientes sejam favoráveis. A vigilancia dos adultos é, então, de capital importancia, para modelares estruturas definitivas do comportamento social.

O intervalo entre os 7 e os 10 anos são os mais importantes para a prevenção da delinquência juvenil.

Pouco se poderá acrescentar para salientar o papel do adulto neste desenvolvimento que, sendo natural, não se faz por si só. Em todas as situações de disciplina o adulto tem um papel da máxima importancia. Não se pode exigir da criança, aquilo que os adultos que a rodeiam não praticam. O sentido moral não é um conhecimento vago que se aprende nos livros; é qualquer coisa que persiste na atmosfera em que a criança cresce, alguma coisa que ela «sente» mais do que vê; e que vê, mais do que aprende.

Nunca o adulto deverá esquecer que a moral só toma raízes no respeito mutuo; e só na reciprocidade, nasce um tal respeito entre o adulto e a criança. A reciprocidade — e só ela — levam a conceitos que caracterizam o sentido moral da maturidade.

A educação da criança é mais fácil do que se poderá supor: bastam os bons exemplos. Os piores educadores são os adultos demasiado escrupulosos, aqueles que querem a criança com uma perfeição que ele está longe de apresentar: as noções que impinge são vazias de sentido. Vêem perigos em tudo e a cada passo, vêem a criança com grossas lentes de aumentar.

A verdade é que a educação é hoje mais difícil que outrora: a estrutura da família e as condições de trabalho sofreram muito. O adulto com dificuldade é o modelo da criança. E a criança bem o sente. Faz como vê fazer. A extrema indulgência ou a severidade exageradas são apanágio dos nossos dias e formam, no espírito da criança, uma escala de valores sem sentido moral. São impostos de dentro para fora, leis do meio que nem sempre se coadunam com a noção que a criança tem da moral. A indulgência ou a severidade, vindas de um adulto de conduta pouco recomendável só podem gerar a «debilidade moral».

Antes de administrar princípios de moral, o adulto deve revestir-se de todas aquelas características que podem torná-lo um «bom exemplo» para a criança. O resto, não mais será que conceitos vazios que a criança esquecerá como esquece as matérias de estudo fastidiosas e inuteis que um programa mal elaborado amontoa sobre ela.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Não basta limpar; E' preciso tratar

No fabrico de um bom sabão não basta saber escolher a massa. Há que atender ainda ao preço. Um sabão de primeira qualidade, com gorduras finas e bem preparado, sai mais caro que o sabão ordinário e só isso explica a concorrência existente entre os sabonetes. Uma das formas dessa concorrência é a diminuição do seu preço pela adição á massa de sabão de substancias que lhe aumentam o volume sem o tornar prejudicial. Assim, alguns preparadores juntam-lhe o que, técnicamente, se chama enchimento, quase sempre constituido por talco, barita ou sulfato de bário, produtos baratos com os quais se obtém uma grande redução no preço do custo. Há mesmo sabonetes, sobretudo os que se oferecem á venda nas ruas, por preço tão barato, que só têm uma pequena quantidade de sabão. O resto é talco ou barita, que se desfaz na água. E' evidente que estes sabões fazem muito pouca espuma.

Mas não basta também encontrar a fórmula de um bom sabão. E' preciso introduzir-lhe indicações de ordem terapeutica se se quiser obter um sabonete, não só de boa qualidade, mas ainda que possa servir de correctivo aos desastres produzidos por maus sabões, ou ainda á aspereza e mau aspecto da pele de má constituição, quase sempre resultantes de doenças internas. Um fabricante bem aconselhado por médicos competentes sabe que para isso precisa introduzir-lhe produtos que consigam a eliminação das escamas da pele, que dominem a irritação e que exerçam uma acção tópica, de forma que ela retome o aspecto acetinado que normalmente deve ter.

Um exemplo frutuoso dessas experiências foi obtido juntando óleo de cade com o icletiol, e alguns outros produtos, na fórmula do sabonete sanodenua.

Experiências sucessivas feitas com grande numero de pessoas, sobretudo em doentes, levaram a um aperfeiçoamento constante dessa fórmula até o tornar o mais perfeita possível.

*

Com base na mesma preocupação de aliar a um bom sabão de limpeza, qualidades terapeuticas e de desinfecção foi estudado e realizado também com muito êxito num sabonete para animais, sabido que, particularmente em bichos domésticos, isso é uma preocupação de muita gente. O «caniderva» é obtido a partir de uma fórmula especialmente estudada para a limpeza e desinfecção de animais domésticos com um perfume agradável atingindo em absoluto os objectivos que os cientistas e os seus fabricantes tiveram em vista.

O PETIZ:

Ah! mas agora és tu

que cheiras B E M!

E estás limpinho

que é uma beleza;

se calhar

foste ao meu sabonete

SANODERMA...

O CÃO:

O quê? Julgas que és

só tu que tens sabonete?

A tua mãezinha lavou-me

com

CANIDERMA

O homem sempre almejou a felicidade, embora por vezes a procure de um modo desesperado, como agora sucede; mas a escura nuvem do sofrimento raramente permite que o sol da alegria atinja com a sua refulgência este «Vale de lágrimas». Por toda a parte a dor, desde o berço ao tumulo. Sofrimentos inuteis, provenientes da iniquidade social, da estupidez e da crueldade. Sofrimentos inevitáveis, inerentes á própria condição humana, o unico animal consciente da fatalidade do seu fim. Sofrimentos resultantes da nossa própria estrutura biológica, estes uteis, em certa medida, pelo seu papel protector e avisador.

Porquê o sofrimento? Eterna interrogação metafísica a que religiões e filosofias procuram dar uma resposta capaz de proporcionar um qualquer modo de aceitação; mas, também, pergunta a que a ciência tenta responder, explicando fisiológicamente o fenómeno da dor física e a sua analogia com as dores morais.

A ciência, porém, além de conhecimento, é acção e a medicina, em especial no seu ramo cirurgico, tem-se empenhado, desde os seus empíricos começos, no combate á dor. Será das várias fases dessa luta, com seus iniciais fracassos e seu final triunfo, que irei falar-vos seguidamente.

A primeira anestesia total teria sido, segundo a Bíblia, o profundo sono em que Deus mergulhou o Homem, para proceder á operação que originou a Mulher. Mas os homens carecem de poderes miraculosos e todas as suas conquistas são bem lentas e difíceis. Desde as épocas mais remotas que a pobre humanidade, indefesa diante da hostilidade ambiente, procurou um processo de minorar os seus sofrimentos e assim chegou, através de muitos séculos de ansiosa busca, ao conhecimento das propriedades calmantes de algumas plantas. Na mais recuada antiguidade de que possuímos notícia histórica ou lendária, já se conhecia a acção calmante da mandrágora, do ópio, do haxixe e do alcool. Com estas substancias misturadas, os antigos cirurgiões entorpeçiam os seus pacientes antes das operações dolorosas. Os Assírios praticavam, com o mesmo fim, a compressão dos vasos do pescoço. Homero refere-se ao misterioso Nepenthés, poderoso calmante que Helena de Troia recebera de Polydamna o Egípcio, «pós que dissipavam os desgostos, apaziguavam a cólera e faziam esquecer todos os males».

Na Idade Média, não obstante os conhecimentos legados pela Antiguidade, nada se progrediu em matéria de anestesia. E' certo que muitos cirurgiões possuiam as suas misturas soporíferas secretas, mas a dor era então considerada como uma fatalidade ou até mesmo como um bem, tendo em vista o alívio dos horríveis castigos futuros. Aqueles que detinham o poder de aliviar os sofrimentos físicos arriscavam-se a ser suspeitos de feitiçaria e as próprias plantas anestésicas tinham muito má fama. Haja em vista o que se passava com a raiz da mandrágora, que era acusada de se pôr a gritar quando a arrancavam, causando esses gritos a morte de quem inadvertidamente os escutasse .No século XVII ainda se mantinham os mesmos prejuizos e um barbeiro-cirurgião francês, chamado Nicolas Bailly, foi preso, julgado e condenado por administrar poderosos narcóticos aos pacientes que tinha de operar.

Também a lista dos anestésicos conhecidos não sofreu acréscimo até princípios do século XIX, a não ser com as drogas exóticas utilizadas pelos indígenas dos territórios recentemente descobertos, como as folhas de coca na América do Sul. A mandrágora, porém, continuou sendo, como já fora na Idade Média, o anestésico mais usado e Shakespeare várias vezes se lhe refere nas suas obras:

«Dai-me a beber mandrágora
Para que eu possa dormir todo o longo [e vazio tempo
Em que meu António esteja longe de [mim...»
(António e Cleópatra, acto I)

«Teremos nós comido a louca raiz
Que torna prisioneira a razão?»
(Macbeth)

A primeira sugestão para o uso da anestesia geral foi feita; em 1800, por sir Humphrey Davy, que verificou o efeito da inalação do protóxido de azoto e declarou que se poderia utilizar esse gás para adormecer os pacientes que iam ser operados; mas cabe a Horace Wells, dentista de Hartford, em Connecticut, a honra de ter sido o primeiro a usar esse produto para fins práticos. Como tivesse morrido intoxicado um dos seus clientes, Wells renunciou ao uso do gás e, abatido pelo desgosto, abandonou a profissão, acabando por suicidar-se.

Horace Wells, enquanto trabalhava, tinha um sócio chamado William Morton, que continuou como dentista em Boston, ao mesmo tempo que cursava a Escola de Medicina de Harvard. Aí conheceu o Dr. Charles Jackson e por seu intermédio veio a saber que o éter produzia efeito muito semelhante ao do protóxido de azoto.

Logo acudiu a Morton a ideia de que o éter podia servir como anestésico. Experimentou-o, primeiro, no seu cão. Em seguida, fez-se a si mesmo adormecer com éter. Em 1846, empregou-o com êxito no seu consultório dentário. Só depois de todas essas experiências é que Morton resolveu sugerir ao Dr. Warren, o cirurgião mais antigo do Hospital Geral de Massachusets, em Boston, o uso do éter numa operação cirurgica.

Para essa operação foi designado o dia 16 de Outubro de 1846 e durante ela o paciente dormiu tranquilamente. O êxito fora total e o método depressa se expandiu pelo Mundo inteiro. Estava ganha a primeira grande batalha do homem contra a dor.

Os cirurgiões, encorajados por este primeiro triunfo, resolveram então procurar o meio de conseguir uma anestesia local eficiente. Lembraram-se para esse fim da coca, a planta sagrada dos Incas do Peru, cujas propriedades eram conhecidas pelos Europeus desde o descobrimento da América.

O primeiro a servir-se da mágica planta peruana foi o cirurgião vianense Koller, em 1884, nas operações dos olhos. Em seguida, o americano W. S. Halstead resolve injectar soluções de cocaina nas extremidades dos nervos, e, três anos mais tarde, o seu compatriota J. L. Corning injecta a cocaina na parte inferior da coluna vertebral. Um outro cirurgião americano, G. W. Crile, combina a anestesia, raquideana com a anestesia geral, a fim de diminuir o choque operatório.

Depois os progressos foram ininterruptos, os analgésicos e os hipnóticos multiplicaram-se sem cessar, a química organica conseguiu isolar os alcaloides das plantas, tornando-os assim mais activos e manejáveis. Já se vislumbra o dia em que não mais se falará de batalhas ganhas, mas da completa vitória do homem na sua luta milenária contra a dor.

Mas parece que nem toda a gente se tem mostrado inteiramente satisfeita com esta retumbante vitória. O dr. Leriche chegou mesmo a escrever: «Depois de tantos anos de luta contra a dor, a sensibilidade dolorosa dos homens do nosso tempo está bem mais refinada, bem mais subtil que a dos nossos antepassados. A aspirina e a anestesia são mais responsáveis pelo nosso medo da dor que uma hipotética diminuição da energia moral».

Como é fácil esquecer os males passados! E, no entanto, não vai muito longe o tempo em que uma operação cirurgica era uma pavorosa tortura. Eis um trecho da descrição de uma dessas operações:

«Foi trazida para o anfiteatro e colocada sobre a mesa. Em vista da sua expressão de terror e das agonias que ela ia sofrer, foram-lhe dados, com abundancia, opiáceos e estimulantes... Exortaram-na a mostrar-se calma, a conservar-se quieta e em silêncio e, com assistentes perto, para evitarem que pusesse resistência, iniciou-se a operação.

«De que valiam, porém, seus esforços para mostrar fortaleza de animo? Ao primeiro golpe do bisturi cintilante, pôs-se a dar gritos agudos e a debater-se convulsivamente, para saltar da mesa abaixo. Mas tudo inutil. Homens robustos agarram-lhe as pernas. E os seus gritos lancinantes sucediam-se no silêncio da sala, fazendo com que os corações dos mais animosos lhes oprimissem os peitos, como que transformados em pedaços de chumbo».

E os cirurgiões? Os biógrafos modernos dizem-nos que Abernethy e sir Charles Bell «não podiam pensar em fazer uma operação sem profundo desgosto». Assegura-se que John Hunther se tornava «pálido como morto» quando tinha de aplicar o bisturi. A unica maneira de reduzir esta tensão nervosa consistia em abreviar o mais possível o tempo da intervenção. A rapidez com que os cirurgiões da época pré-anestésica faziam uma operação é quase incrível. William Cheselden (1688-1752) passa por ter extraído um cálculo da vesícula em cinquenta segundos. O grande cirurgião de Napoleão, Dominique Larrey, fez pessoalmente duzentas amputações de membros durante a batalha de Borodino.

O cirurgião dos nossos dias pôde agir com calma e eficácia sobre um doente tranquilamente adormecido e, deste modo, salvam-se diáriamente milhares de vidas. A dor será, como disse Baudelaire, a nossa «nobreza unica», mas a eficiente cirurgia do nosso tempo é a consequência de duas grandes descobertas: a anestesia e a antissépsia. Acabo de falar um pouco da primeira. Direi alguma coisa sobre a segunda num próximo artigo.

DEPOIS DE

tantas obras célebres de

PEARL BUCK

LIVROS DO BRASIL

apresentam,

da mesma autora,

PRECONCEITO RACIAL

Um livro que vai impressionar profundamente o nosso público

MAIS UM

volume da colecção

DOIS MUNDOS

TEMPOS DE ONTEM — TEMPOS DE HOJE

por OLIVEIRA DE SOUSA

Já há muito que existia o hábito de volver os olhos para a França, como pátria de cultura, onde todas as manifestações intelectuais eram aceites ou rejeitadas, mas sempre discutidas, no sentido de esclarecer o espírito do homem e de o fazer progredir nos diversos campos do conhecimento. Paris, cantada por poetas, louvada por escritores, ponto de cruzamento de correntes literárias, políticas e artísticas, era a lufada de ar fresco a varrer para longe o atraso mental e a integrar o indivíduo nos problemas do seu tempo.

No entanto, o prestígio de que gozava a cidade da luz e o entusiasmo que a caracterizava pareceu declinar de há uns tempos para cá, a que não são estranhos, talvez, factos de importancia capital para a vida da nação.

Os acontecimentos ocorridos em 1958, no respeitante á intensificação das hostilidades com a Argélia, contribuiram em grande parte para o aparecimento de um período de confusão que eclodiu em decisões precipitadas.

As enormes despesas que acarretava a guerra na África, desviando da metrópole consideráveis somas de dinheiro, necessárias a um melhor aproveitamento dos recursos do país e elevação do nível de vida da população, acentuaram a crise económica em que a França se debatia. Em tais circunstancias, pareciam impor-se medidas mais profundas para a resolução do problema, medidas que eram um pouco do desagrado dos colonos, interessados nas fontes de receita auferidas pela exploração do petróleo do Sahara e de outras matérias-primas da Argélia. Assim, aquelas procuraram uma solução de força, baseada em ameaças de violência, de que resultou a situação actual, apoiada pelos quartéis, que apontavam de Gaulle como seu representante e unico salvador da França.

Um ano depois, os Franceses fazem o balanço, pondo-se a analisar as consequências que se reflectem imediatamente no campo da cultura e procurando as causas do esmorecimento e da quebra das gloriosas tradições. Assim, verificam que diminuiram as novidades literárias, as revistas de informação científica-literária, a produção dramática de relevo. Além disso, preocupa-os a interdição de alguns jornais, a ausência de exibição de certos filmes e as substituições, que lhes parecem arbitrárias, de directores de teatros conceituados que até aqui se tinham dedicado á causa artística. Tal foi o caso ocorrido com o Teatro Nacional de Arte Popular. Por outro lado, alguns autores de reconhecido mérito, foram esquecidos. Neste particular, é curiosa a observação de um jornalista ao sr. Michelet de que nas actuais circunstancias seria talvez impossível a publicação de uma obra como «J'Accuse», de Zola. Ao que o ministro replicou que velaria para que obras do mesmo quilate saissem no prelo, mas deixou ficar em suspenso a resposta á pergunta ansiosa do que poderia suceder quando o seu mandato ministerial terminasse.

Todos estes factos reunidos, a que se vinha juntar a permanência das dificuldades financeiras do país, começaram a provocar certo mal-estar geral de que resultou o aparecimento, na metrópole francesa, de uma reacção favorável ao entendimento entre a França e a Argélia. Esta reacção tinha em vista uma melhoria de relações que levasse a uma base de acordo entre as partes beligerantes.

Verificou-se, então, que diversas tendências se opunham ao desejo esboçado, pois novos acontecimentos vieram agravar a situação que tendia para uma resolução pacífica. Um destacamento militar vindo da Tunísia atacava Bone, notando-se pela primeira vez a intervenção directa dos comandos militares em tal questão; os estudantes argelinos, que seguiam diversas carreiras em Paris, não eram muito bem tratados pelos seus congéneres franceses que chegaram a desrespeitá-los gravemente; o editor do jornal «L'Express», que organizava uma reunião no Lyons, a exemplo de outros mais, a favor de um entendimento com a Argélia, viu os seus propósitos logrados, pois um grupo de 80 indivíduos deitava-lhes o estrado abaixo e injuriavam-no violentamente.

A acumulação de tais casos começou a abalar fortemente a opinião publica que sentia vacilantes as suas primeiras esperanças. Assim, ultimamente, esboçou-se uma atitude de reacção por parte dos funcionários que se reuniram com o objectivo de alcançar certas reivindicações que julgam necessárias.

Parece, portanto, que actualmente a consciência da nação começa a acordar para uma análise aprofundada dos sucessos do seu tempo, tentando descobrir as verdadeiras causas que originaram tanta agitação e esforçando-se por encontrar um caminho que conduza á modificação deste estado de coisas e que restitua a França e, consequentemente, Paris, á posição de relevo que sempre lhe coube de direito.

Dão grandes ramos de flores

O quotidiano **Bild** de Hamburgo fez um inquérito, iniciativa normal num quotidiano. O objectivo era saber qual o marido ideal na Alemanha. O resultado mais extraordinário do inquérito foi verificar-se que a maior parte dos maridos alemães oferece ramos de flores às companheiras.

Um santório subterrâneo

As grutas em estalatites dos Montes de Aggtelek, na Hungria, são de uma grande beleza. Conhecem-se, actualmente, seis, sem falar da que acaba de ser descoberta a uns 40 metros de profundidade. Estas grutas foram exploradas num percurso de aproximadamente 40 quilómetros.

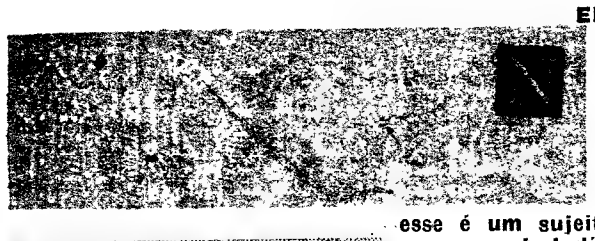
Na nova gruta «Reke» prevê-se a criação de um sanatório ultramoderno, para doenças respiratórias. As experiências que ainda continuam permitiram já concluir a permanência na gruta durante algumas horas permitirá curar várias doenças como a coqueluche, a bronquite, etc.

O clima da gruta corresponde a um clima de mantanhas de 3.000 metros de altitude com 98 % de humidade atmosférica.

As águas da gruta são extremamente ricas em cálcio.

A IDADE DO AR

No ano passado, nos países ocidentais, haviam 5.800 aviões comerciais em serviço, dos quais 4.800 eram americanos. Do total, 2.600 tinham sido construídos pela firma americana Douglas.



COMO OS OUTROS VEEM OS EUROPEUS

EM sempre seremos nós os mais aparelhados para dar uma opinião sobre as nossas próprias pessoas. Mesmo o espelho — e esse é um sujeito imparcial — nos serve de ludíbrio. Para cumprir honradamente a sua missão, o espelho precisaria de falar, e depois ser inquebrável, como preceitua o seguro, que morreu de velho. As Galerias de Arte Berkeley, de Londres, Rijksmuseum Voor Volkenkunde, em Leiden, na Holanda, apresentaram uma vez duas curiosas exposições que poderiam constituir para nós, Europeus, para nós, brancos, uma excelente oportunidade de nos vermos ao espelho. Consoante o indicam as gravuras deste artigo, tratava-se de exposições de arte de povos não europeus, não brancos. Motivo? Nós.

Nós mesmos, tal qual os outros nos vêem e não como desejaríamos «ser vistos».

Repare o leitor na estatueta de lord Kitchener feita por nativos africanos. Seus autores foram delicados, fidalgos. Foi um «gentleman» o que quiseram representar, o que prova que também os Negros são capazes de conceber um «gentleman» em toda a sua idealização esguia e lisa. Há na obrinha qualquer coisa que não pode deixar de lisonjear o branco, pròpriamente a alma do falecido lord Kitchener: o que lá se divisa é o senhor, aquele que tem vozes de comando breves e imperativas. Eis outro aspecto do estado espiritual do autor da estatueta.

Veja agora aquele Europeu com telescópio — imagem do cavalheiro de industria que arribou a um país novo, armado do seu artificial olho de ave carnívora. O autor é um Japonês do século passado. Tinha manhas irónicas e, de certo também, uma desgraçada experiência.

Passemos agora a vista pelo Inglês a cavalo. O primeiro achado começa no cavalo. A concepção pertence a um artista negro anónimo da Africa Oriental. Mais uma vez nos surge a imagem do «patrão» que manda, mas aqui virado do avesso. Que nos sugere a estatueta?

O sujeito fidalgo que vem do seu passeio matinal? Não.

O guerreiro façanhudo? Também não. O comerciante? O explorador?

Nada disso. A unica ideia que nos ocorre é a do «cow-boy» ladravaz e aventureiro.

E' quase certo que o artista negro nunca tinha visto um «cow-boy»; mas sentira o inglês em toda a sua prosápia vitoriana e fez dele este retrato cruel, de alto poder satírico. De tal forma que o cavaleiro parece ter medo da montada.

Vejamos ainda aquela tripulação de um batel em que se distinguem um oficial e os seus marinheiros. O trabalho de remar humanizou os homens. Humanizar, aqui, significa assimilar. O negro da Africa Ocidental — um pobre anónimo — assimilou os brancos á sua raça, humanizou-os. Eis a maior homenagem que lhes poderia prestar.

Só o oficial se destaca, como senhor. Por isso mesmo não tem aspectos de régulo, de soba. Ficou um senhor branco, apenas um senhor, embora um tanto sugestionado pela humanização do conjunto.

Por fim, cá temos a rainha Vitória! E' uma obra-prima, em que a senhora do grande império novecentista se transfigura num misto de manipanço e de Buda. Parece ter sido feita para um nicho da frontaria do imperialismo inglês do século passado.

O autor via longe. Via para além das aparências. Não estava em Wall-Street.

Em Londres o espelho dava uma outra imagem: coisa de bronze, lendária, severa, habilidosamente ideal.

O humilde nativo foi mais realista sem necessitar de aprender as coordenadas estéticas de qualquer escola realista. Se tivesse conhecido Goya, o do espantoso retrato de uma família real degenerada, certamente que lhe apertaria a mão.

O leitor há-de notar o a-propósito da citação de Goya. Somos obrigados a recordar-nos de duas coisas: que os Negros têm os seus Goyas; e que os Brancos também.

Esta é uma observação que, por orgulho, nem sempre nos ocorre.

A arte dos não-brancos tem, quando nos toma como matéria inspiradora, um grande interesse. Revela-nos uma faceta de nós próprios que não está dentro dos nossos programas habituais. Dá-nos a imagem de como os outros nos concebem.

E' verdade que o retrato nem sempre nos agradará. Mas nisto devemos imitar a resignação

da família real espanhola que serviu de pasto á sátira de Goya.

De resto, que outro remédio temos?

Se é assim que os outros nos vêem...

... dos jornais

O maior banco comercial da América, o «J. P. Morgan», anunciou a sua fusão com outro gigante da finança: o «Guaranty Trust». Em resultado desta «união» o capital social dos «nobentes» será de 500 milhões de dólares e as reservas totais da ordem de 4 biliões de dólares. Não passamos a escudos para evitar as vertigens ...

Diário de Lisboa

De uma [illegible] a outra

DIA 20

EM PORTUGAL — Em Belinho, morreu o poeta António Correia de Oliveira. ✱ Na maternidade Magalhães Coutinho nasceram mais dois gémeos á mulher de um ajudante de cozinheiro. ✱ Regressou a Lisboa o sr. ministro dos Estrangeiros, depois da sua visita á Espanha. ✱ Os alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro visitaram o Colégio Militar, na Luz. ✱ o ministro das Comunicações louvou, a título póstumo, o eng. Posser Madeira Pinto, desaparecido com o avião em Timor, em 25 de Janeiro.

NO ESTRANGEIRO — Em Roma, morreu Adone Zoli, presidente do Partido Democrático Cristão, que foi chefe do Governo italiano. ✱ Acentua-se o recrudescimento da actividade subversiva em Espanha, havendo muitas prisões. ✱ A cidade de Valladolid está ameaçada de cheia, aumentando as águas hora a hora. ✱ Em França foi descoberta uma rêde terrorista argelina. ✱ O general Chiang-Kai-Chek a discursar, na Formosa, insistiu na reconquista do território chinês.

DIA 21

EM PORTUGAL — Os cadetes brasileiros prestaram homenagem a Camões, nos Jerónimos. ✱ Nas Caldas da Rainha, quando se treinava para a Volta a Portugal em automóvel, morreu o corredor Luís Manuel Junqueira Pinto. ✱ Em Oeiras foi homenageado o presidente da Camara, eng. Alvaro Roquete. ✱ No Campeonato Nacional de Futebol, o Sporting venceu o Belenenses por 2-0; e o Benfica ganhou na Covilhã por 4-1. ✱ No Porto morreu o antigo ministro da Republica e jornalista, Bartolomeu Severino.

NO ESTRANGEIRO — Na Argélia registaram-se quatro sismos no espaço de cinco horas: 44 mortos e uma centena de feridos. ✱ Morreu, em Borneu, Lady Mauntbatten. ✱ Em Paris morreu o realizador Jacques Beckor. ✱ Um avião não identificado lançou três bombas sobre a residência de Fidel Castro, em Havana. ✱ Viggo Kampmaun foi nomeado primeiro-ministro da Dinamarca.

DIA 22

EM PORTUGAL — O cardeal-patriarca de Lisboa disse que não conhecia o segredo de Fátima e que tivera conhecimento de que ele não seria revelado em 1960, só pelos jornais. ✱ Morreu o industrial e comerciante Manuel Duarte. ✱ O ministro da Economia visitou o Banco de Fomento Nacional. ✱ Para o Rio de Janeiro partiu o dr. Felner da Costa que vai ocupar o cargo de director do Centro Português de Informações.

NO ESTRANGEIRO — O procurador-geral da Califórnia disse que Caryl Chessman será executado uma vez que expire o prazo de adiamento. ✱ Nehru declarou no Parlamento de Nova Delhi que continua interessado numa conferência com Chu-en-Lai. ✱ O presidente Eisenhower chegou a Porto Rico, sendo aclamado. ✱ Em Seattle adoeceu o maestro sir Thomas Beechau, de 81 anos, e o médico proíbiu-lhe que continue a reger. ✱ O xá da Pérsia e esposa estão de visita ao Paquistão. ✱ O ministro da Defesa britanico anunciou no Parlamento que em 1963 o exército inglês estará reduzido a 180 mil homens.

DIA 23

EM PORTUGAL — Anuncia-se que o ministro dos Estrangeiros visitará oficialmente Londres entre 8 e 12 de Março. ✱ Anuncia-se que cinco mil colonos metropolitanos irão fixar-se no Vale do Limpopo. ✱ O Ribatejo continua sob as águas, sem que se possa trabalhar. ✱ O prof. Adelino Costa voltou a reger cátedra na Faculdade de Medicina, de Lisboa. ✱ Uma camioneta de carga, com 6 toneladas de mármores, escorregou no barco e afundou-se no Tejo, morrendo 2 pessoas.

NO ESTRANGEIRO — O presidente Eisenhower chegou a Brasília onde foi recebido pelo presidente Kubistchek de Oliveira. ✱ A princesa Michiko do Japão deu á luz um menino. ✱ Numa esquadra de Polícia da Nevada casou Jenny Lindstroem, filha da actriz Ingrid Bergman. ✱ Fala-se em crise do Governo italiano com a demissão de Segni. ✱ O Governo alemão confirmou negociações com a Espanha para o estabelecimento de bases de abastecimento em território espanhol. ✱ Em Londres morreu o marquês de Carlsbrooke, primo de Isabel II.

DIA 24

EM PORTUGAL — O prof. Manuel Jacinto Nunes, antigo subsecretário de Estado, foi nomeado vice-governador do Banco de Portugal. ✱ A vereação da Camara Municipal de Lisboa cumprimentou o Presidente da Republica. ✱ O ministro da Finlandia apresentou as credenciais ao Presidente da Republica. ✱ O secretário de Estado da Agricultura visitou o distrito de Santarém. ✱ O eng. Trigo de Morais falou na Emissora Nacional sobre os colonatos de Limpopo e de Cunene que custarão ao Estado 1.200 mil contos. ✱ O rio Douro engrossou muito e inundou a parte baixa do Porto.

NO ESTRANGEIRO — O general Franco declarou que a Espanha não assumirá quaisquer compromissos militares, sem o prévio assentimento de Portugal e dos Estados Unidos. ✱ O presidente Eisenhower chegou ao Rio de Janeiro sendo aclamado pela multidão. ✱ O Governo italiano apresentou a sua demissão. ✱ Os Estados Unidos tencionam apresentar na conferência de Alto Nível uma proposta de plebiscito nas duas Alemanhas para escolha entre a unificação e a reunificação. ✱ O imperador da Pérsia e o presidente da Turquia foram aclamados em Lahore quando visitaram a cidade, acompanhados do presidente Agub Khan.

DIA 25

EM PORTUGAL — Na serra do Trancão, perto de Barcelos, caiu um avião militar «PV-2», da base do Montijo. Morreram dois tripulantes e quatro ficaram feridos. ✱ O Presidente da Republica ofereceu uma caçada em Mafra ✱ O capitão Neves Graça pediu a aposentação como director da P. I. D. E. ✱ Na Escola Naval o eng. Armando Cortesão falou das «Origens da Cartografia Portuguesa». ✱ A cidade de Tomar vai festejar o 8.° centenário da sua fundação. ✱ A cheia do Douro aumentou subitamente. ✱ Estão a chegar vedetas internacionais para o Carnaval do Estoril. ✱ Partiram para o Limpopo 16 casais de colonos.

NO ESTRANGEIRO — Sobre a Baía do Guanabara chocaram um avião americano e outro brasileiro. 61 mortos. ✱ Na Irlanda explodiu um avião da «Alitália». 27 mortos. ✱ Forças egípcias concentram-se na fronteira de Israel. ✱ Em frente de Portsmounth foi lançado ao mar o corpo da condessa Mountbatten. ✱ Morreu em Paris, o académico Léon Bérard. ✱ Foi criada a primeira divisão atómica francesa, dotada de autonomia e mobilidade, com armas nucleares. ✱ Em Madrid foi inaugurado o novo Palácio dos Desportos. ✱ Henry Troyat foi recebido na Academia Francesa.

DIA 26

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica visitou esta manhã a fábrica militar de Braço de Prata. ✱ Encerrou-se a reunião da Federação Nacional da Habitação, Urbanização e Planeamento do Solo. ✱ Nos estaleiros navais do Mondego foi lançado á água um novo arrastão. ✱ O eng. Álvaro Roquette tomou posse do cargo de chefe da Repartição de Turismo do S. N. I.

NO ESTRANGEIRO — Israel acusou nas Nações Unidas o Governo da Republica Árabe Unida da prática de política perigosa. ✱ Em Buenos Aires, explodiu uma bomba em frente da Bolsa do Comércio. ✱ Morreu em Madrid o psiquiatra espanhol, António Vallejo Najera. ✱ O presidente Eisenhower partiu do Rio de Janeiro para Buenos Aires, onde foi aclamado pela população.

FESTAS DO CARNAVAL EM LOULÉ

(Nos dias 28 de Fevereiro a 1 de Março de 1960)

A C. P. vende para a Vila de Loulé, em ligação com a camionagem, bilhetes especiais, de **ida e volta**, a preços reduzidos, das estações e apeadeiros com venda de bilhetes desde São Marcos e desde Lagos até Vila Real de Santo António — Guadiana.

Os bilhetes vendem-se nos dias 28 e 29 de Fevereiro e 1 de Março e são válidos para o dia em que forem vendidos, á ida, desde as 6 horas, e para regresso até ás 22-30 horas.

Serviço de camionagem assegurado entre a estação e a Vila a todas as circulações ferroviárias.

Os cartazes anunciadores deste serviço especial podem ser consultados nas estações.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

A visita do presidente Eisenhower

Das várias republicas latino-americanas o presidente Eisenhower propôs-se visitar quatro, numero relativamente pequeno embora nele se incluam algumas das mais importantes, sob os pontos de vista demográfico e económico — o Brasil, a Argentina, o Chile. A realização da visita foi precedida de episódios reveladores da tensão predominante no hemisfério ocidental e da natureza das relações entre os Estados Unidos e os seus vizinhos próximos do continente americano. A diligência do Governo uruguaio e a assinatura do acordo económico cubano-soviético constituiram o prólogo, pouco propício, de uma viagem que inicialmente estava prevista como sugestiva manifestação de boa-vontade e cordialidade internacional.

Na primeira metade deste século chamou-se política de boa vizinhança á hegemonia norte-americana num continente onde os problemas se não suscitavam ou eram resolvidos pelos métodos clássicos da diplomacia de canhoneira corrente nessa época. O primeiro Roosevelt — Teodoro — era republicano e imperialista e interpretou a boa vizinhança subordinando — a de fórmula clássica do bastão e da cenoura, quer dizer do pão numa das mãos e do pau na outra. Foi assim que inventou a republica do Panamá e nela instalou o canal interoceanico que contribuiu, decisivamente para a imunidade estratégica dos Estados Unidos até á segunda guerra mundial.

Trinta e cinco anos depois surgiu o segundo Roosevelt — Franklin — este democrático e internacionalista. Auxiliado pelo subsecretário de Estado, Summer Welles, deu á política de boa vizinhança uma interpretação ajustada ás transformações exteriores que, entretanto, se haviam registado no continente americano. As exigências de uma conflagração gigantesca não lhe permitiram levar até ás ultimas consequências uma tarefa de cujas intenções é impossível duvidar. Mas as causas e razões profundas da transformação da América Latina ficaram tal qual estavam.

A taxa de progressão demográfica nessa parte do Globo é das mais elevadas que se registam, mesmo entrando em conta com as das populações prolíficas da Ásia e do Médio-Oriente. O nível de vida dos povos é baixo, o valor do comércio externo reduzido. A estes factores há que juntar uma instabilidade política endémica. As aflorações ditatoriais, representadas em geral pelo aparecimento do que se convencionou chamar os homens fortes das republicas latino-americanas mal ocultam uma inquietação persistente e uma ansiedade de renovação que, nos ultimos anos, começou a encontrar a sua expressão em sucessivas e rápidas mudanças de regime. Com excepção de um numero limitado dessas republicas, entre o fim da guerra e o ano corrente, quer dizer no curto prazo de quinze anos registou-se uma transição das ditaduras militares para regime de tipo democrático e liberal os quais, actualmente, constituem a maioria.

Os casos da Argentina e de Cuba, em que tiveram o seu termo os prolongados consulados de Perón e Batista, apressaram a revisão da política durante anos seguida pela Secretaria de Estado nas suas relações com os países latino-americanos. No primeiro a diatura, apoiada no exército e nas massas sindicalizadas, cedeu o lugar a um regime liberal e democrático. No segundo as consequências da transformação estão a revelar-se mais profundas e inquietantes. Os sucessores de Perón nunca pensaram em sair da órbita americana o que não sucede com os de Batista.

O acordo económico cubano-soviético, concluido simultaneamente com outro para fornecimento a Cuba de material de guerra de proveniência soviética — directamente da Russia ou dos países satélites — impôs a previsão decisiva dos conceitos correntes nos meios diplomáticos dos Estados Unidos. Pensaram alguma vez esses meios em regressar á maneira forte para impor uma situação que há muito manifestava inequívocos indícios de deterioração? Fosse como fosse, se esse pensamento chegou a aflorar em alguns dirigentes norte-americanos, foi posto de parte e substituido por uma orientação baseada na calma e na paciência. O intérprete mais conhecido e autorizado dessa tendência é o irmão do presidente, Milton Eisenhower, que conhece os problemas da América Latina e em mais de uma ocasião os visitou como enviado especial do primeiro. O facto de ele figurar, como o mais destacado elemento da comitiva presidencial na viagem, deve considerar-se como um sintoma tranquilizador, embora continuem a manifestar-se individualidades que proclamam a necessidade de os Estados Unidos, regressarem aos métodos antigos nas suas relações com as republicas sul-americana.

Notícias que não foram publicadas

O milionário e magnate da industria petrolífera italiano Enrico, Mattei poderoso chefe de uma das mais importantes organizações mundiais de carburantes, a E. N. I., financiara um empreendimento da sua especialidade por detrás da cortina de ferro. Trata-se do oleoduto Caucaso-Varsóvia e a importancia da sua contribuição de 100 milhões de dólares. A combinação, já assente há algum tempo, foi oficialmente ratificada durante a recente visita do presidente Gronchi a Moscovo.

Os Americanos tencionam montar brevemente uma nova rede de estações de radar na Europa. Esta será instalada no Norte da Noruega e a sua missão principal consistirá em vigiar as experiências feitas pelos Russos naquela região com os seus mísseis de médio e grande alcance. As outras redes de radar já a funcionar, para o mesmo efeito, estão instaladas na Turquia, no Irão e no arquipélago das Aleutas.

Informações provenientes dos países do bloco comunista dizem que se encontra gravemente doente na União Soviética o marechal Zhukov, heroi da ultima guerra que foi ministro da Defesa e mais tarde Kruchtchev afastou, na altura de uma das depurações de altas personalidades, civis e militares, que precederam a subida ao poder do actual chefe do Governo da U. R. S. S. Zhukov era, de todos os chefes militares soviéticos, o mais popular nos países do Ocidente.

Durante a visita de Eisenhower a Paris em Dezembro, o presidente de Gaulle insistiu para que estivesse presente em todas as cerimónias e sessões de trabalho o conselheiro especial do Secretário de Estado para os assuntos soviéticos e antigo embaixador em Moscovo, Charle Bohlen. Este foi afastado do seu cargo pelo falecido secretário de Estado, Foster Dulles e colocado em Manila de onde o chamaram para desempenhar as funções que actualmente lhe estão confiadas.

A situação no Médio Oriente, apesar da visita do secretário-geral da O. N. U., tende a agravar-se. Os movimentos de tropas tomaram proporções inquietantes. Inquietantes devem considerar-se, igualmente, as diligências feitas na ultima semana pelo Governo de Israel nos Estados Unidos para a compra de material e equipamento militar em grande quantidade. Estes sintomas evocam o que se passou no Outono de 1958, quando a rivalidade israelo-árabe e a carência das grandes potências para lhes pôr termo colocaram o Mundo á beira da guerra.

Estão concluidos os planos para instalar em Conakry (Guiné) um potente emissor de rádio, cujas emissões cobrirão o continente africano, desde o Cabo a Argel. A construção e montagem será confiada a técnicos soviéticos e o seu custo foi avaliado em 25 milhões de dólares. A União Soviética financiará o empreendimento.

Apesar do relativo silêncio feito á volta das negociações franco-argelinas depois do ultimo discurso do chefe do Governo provisório argelino, Fehrat Abbas, o presidente de Gaulle pensa que o problema da Argélia deve estar em via de solução antes de se iniciar a importante fase de conversações e negociações diplomáticas nas quais se propõe desempenhar um papel de relevo. O primeiro acto para isso é o cessar-fogo na Argélia, ponto de partida para qualquer trabalho sério de reconciliação entre os dois povos. Mas nada indica que o cessar-fogo esteja á vista apesar de haver optimistas que o anunciam para dentro de algumas semanas.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95. Rua Nova do Almada. 99
LISBOA

A Câmara de Selúbal

estimula a criação de novas indústrias

Em face do enorme interesse que reveste para a cidade e concelho a atracção de novas industrias que possam proporcionar fontes de trabalho bem remunerado e, atendendo ao facto de que a firma Burmeister & Wain abandonará a ideia de se fixar em Setubal, desde que não encontre terrenos em aceitáveis condições de idoneidade e preço, para instalação da sua fábrica de motores, o sr. major Magalhães Mexia apresentou a seguinte proposta que foi unanimemente aprovada em sessão camarária:

«A Camara Municipal de Setubal assume o compromisso de construir ou autorizar a construção de uma estrada traçada no sentido Sul-Norte e perpendicularmente ao Rio Sado, partindo da esquina Ocidental do Matadouro Municipal, indispensável á instalação daquela empresa.

A Camara assume também o compromisso de autorizar a Sociedade das Minas de Aljustrel a instalar, quando o desejar, a estação de tratamento e embarque de minério conforme pedido formulado há dois anos por esta Empresa e encarado então desfavorávelmente pelo Municipio, desde que a referida Sociedade das Minas de Aljustrel se comprometa a vender á Burmeister & Wain o terreno necessário para construção das fábricas desta, nas condições que se encontram já acordadas pelas interessadas.

Os compromissos supra ficarão sem efeito e a presente deliberação será considerada nula e de nenhum efeito no caso de a Burmeister & Wain não chegar a construir as suas fábricas ou abandonar a industria».

(«O Setubalense», de Setubal)

Torre de «Contrôle»

Nós perguntamos com imensa ingenuidade: podem haver dentro da mesma cidade, a uma pequena distancia de um quilómetro ou dois uma da outra, duas ruas com o mesmo nome? Pode ou não?

É difícil a resposta: Luanda, por exemplo, goza desse privilégio. Tem duas ruas com o nome de «Rua Cabral de Moncada». Não?

Então o leitor veja uma rua entre o Banco de Angola e os Bombeiros Voluntários; lá está uma tabuleta com esse nome. E lá em cima há outra, grande, bonita, que toda a gente conhece.

Não há duvida nenhuma: são duas as ruas com o mesmo nome. Pode ser?

A Camara responderá.

(«Notícia!», de Luanda)

UMA POVOAÇÃO

isolada por falta de uma ponte

Albergaria dos Fusos, povoação anexa á freguesia de Vila Ruiva, concelho de Cuba, encontra-se, desde há semanas, isolada, sem possibilidades de quaisquer meios de comunicação, porque a estrada construida para a ligar, tanto a Vila Ruiva como a Vila Alva, está desprovida de uma indispensável ponte. Em seu lugar, foi feita uma passagem a vau, que, na época das chuvas, é práticamente inutil.

A população pede, assim, ás entidades competentes, que seja construida a necessária ponte para que não continue a sofrer o completo isolamento que sobre ela impende na estação invernosa e o qual pode ter as mais graves consequências, pois nem sequer permite uma rápida assistência médica para qualquer caso urgente.

Continua a subir

o preço das conservas de sardinha em Londres

Em Londres todas as qualidades de sardinha encontram boa procura e os preços estão a subir. Os stocks *de marcas conhecidas dos tamanhos populares estão diminuindo e os armazenistas não podem comprar novos lotes aos preços anteriores. O preço da caixa de 100 latas 1/4 club, nos poucos armazéns com* stocks *é de 78/. Para novos embarques deste formato pensa-se que o preço será pelo menos de 81/ por caixa. Em 24 de Janeiro as cotações em Nova York eram as seguintes: portuguesa, boneless, skinless, 100 1/4 s. 20.00-20.50; marroquina 50 1/4-6. 70; Norw, sild oil 50 1/4 s. cross pack, 7.95-8.00 preços locais.*

No mercado belga a sardinha portuguesa cota-se de 470 a 490 frs. b. por caixa, 1/4 club 30 mm C. e F. Antuérpia, qualidade corrente. Há poucas ofertas dada a falta de pesca. Os preços da sardinha de Marrocos sem grande alteração. O preço de 405 frs. b./caixa 100 1/4 club 30 mm C. e F. Antuérpia refere-se ao produto em óleo de amendoim; para azeite o preço oscila entre 410/420 frs. b. (A-O. 60, C. P. L. C. P. N. Y., C. I. B.).

(«Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António).

A FIGURA DA SEMANA

Franz Strauss

FRANZ STRAUSS

A figura do ministro da Defesa da Republica Federal está no centro da tempestade levantada a propósito das diligências feitas pelo Governo da Alemanha Ocidental em Espanha para a cedência de bases logisticas e campos de treino militar. Em resumo, o que está em causa é a concepção actual da estratégia da N. A. T. O. nas suas relações com cada um dos países que fazem parte dessa organização. Essas relações nunca foram claramente definidas, nem reguladas de maneira a evitar equivocos de consequências imprevisíveis.

Veja-se por exemplo, o que há muito se passa com a existência, em países aliados dos Estados Unidos de cargas nucleares e com o eventual emprego destas, no caso de um ataque soviético que, como é de calcular, se consumaria num prazo de tempo insignificante. E preciso ter presente que as doutrinas militares do nosso tempo se contam em minutos e não, como no caso das duas conflagrações mundiais, em anos. Esta transição deve considerar-se como um dos factores decisivos na transformação revolucionária que, com o aparecimento das novas armas, se operou na arte da guerra e nas actividades com ela relacionadas.

Que argumentos invocam os alemães para justificar a sua iniciativa? A falta de espaço para realizarem as manobras dos seus efectivos terrestres e para experimentarem algumas das armas que lhes foram confiadas pelos seus aliados, sem exclusão das armas atómicas tácticas, e, com essa falta, a estreita vigilancia de um inimigo em condições de vigiar os seus movimentos com precisão absoluta. Os chefes militares da N. A. T. O., a começar pelo comandante-chefe das forças atlanticas, general Lauris Norstadt, parecem não reconhecer esse fundamento ou na medida em que o reconheceram, entenderam que os inconvenientes da diligência não autorizavam que ela fosse tentada dadas as suas repercussões políticas e psicológicas. Daí a acusação de falta de «tacto» em Bonn para ter na devida conta essas repercussões. Seja como for, pelo que ao passado — um passado que tem escassas semanas — diz respeito, o barulho feito á volta do acontecimento não permitiu que ele fôsse por diante pelo menos na forma em que fora encarado. Isso não impede que os problemas suscitados permaneçam com a sua gravidade a qual está relacionada, por um lado, com a missão que á Alemanha Ocidental os seus aliados anglo-saxónicos querem atribuir e por outro, com a posição da Espanha fora da Organização Atlantica.

OPTIMAS APLICAÇÕES DE CAPITAIS

Possue a EMPRESA PREDIAL NORTENHA, em condições vantajosas para os Senhores Capitalistas. Prestamos toda a assistência e garantimos todos os envestimentos. Consultando-nos tem vantagens.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

«Colham Referências»

LISBOA
Praça da Alegria, 58-2.°
Tels. 366812 - 32228

PORTO
Praça D. João I, 25-1.°
Tels. 26706 - 30181

Semana do contribuinte

Regulamento do Imposto Complementar

MÊS DE MARÇO

Declaração modelo n.° 3

— Declaração de rendimentos das sociedades em nome colectivo, por quotas e em comandita e outras entidades colectivas.

As sociedades e demais entidades colectivas apresentarão, na secção de finanças do concelho ou bairro da sua sede, até 31 de Março de cada ano, ou até 15 de Abril tratando-se de sociedades anónimas ou em comandita por acções, sem necessidade de renovação, em duplicado, modelo n.° 3 (para as sociedades acima referidas) ou n.° 4 (de sociedades anónimas ou em comandita por acções), da qual constem a sua sede e a importancia das matérias colectáveis que lhes forem atribuidas.

Nota

O disposto acima referido é extensivo ás sociedades com sede no estrangeiro ou no ultramar quanto aos rendimentos auferidos no continente e ilhas adjacentes, para o que apresentarão a declaração modelo n.° 3 (a que atrás se faz referência), com exclusão do preenchimento da parte A, no concelho ou bairro onde tenham agência ou delegação ou, na falta desta, na Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, por intermédio de procurador bastante.

Obs.

As pessoas colectivas que não sejam sociedades só são obrigadas a apresentar a declaração modelo n.° 3 quando possuam rendimentos que excedam a quantia de 50.000$00.

Nota modelo n.° 5

— De rendas vitalícias pagas por sociedades de seguros.

As sociedades de seguros que paguem rendas vitalícias ficam obrigadas a apresentar, em duplicado, no mês de Março de cada ano, na Direcção de Finanças do distrito da sede, notas individuais, modelo n.° 5, com indicação dos nomes e residência dos beneficiários das mesmas rendas e a importancia anual destas.

Nos duplicados será passado recibo, autenticado com o selo branco.

Até 29 de Fevereiro corrente

— Acções abandonadas.
— Dividendos prescritos.

Certificados *referidos a 31 de Dezembro* do ano findo, nos termos dos artigos 68.°, 69.° e 71, do Decreto n.° 10 634, de 20 de Março de 1925, a passar por sociedades anónimas em como não se encontram em seu poder dividendos, juros, rendimentos ou quaisquer outros valores, nem em poder de certos ou incertos, acções, obrigações, cédulas hipotecárias, suas amortizações ou títulos equivalentes, considerados abandonados nos termos dos preceitos legais citados.

DANCE NO CARNAVAL

COM O

QUARTETO DE MARINO MARINI

Genial intérprete dos grandes sucessos

MARINA
KRIMINAL TANGO
HONEY MOON
ROMÂNTICA
LIBERO
LISBONA MIA
TELEGRAMA
PIMPOLLO
GUARDA-CHE-LUNA,
Etc.

EXPLÊNDIDAS GRAVAÇÕES EM DISCOS DURIUM

À venda nas principais casas de DISCOS

DEPÓSITO — Rua Alexandre Herculano, 7 — LISBOA

BETONEIRAS

simples ou com guincho de 180 e 210 Lts.
accionadas por motores PETTER

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

Rua Academia das Ciências, 5 · Boqueirão do Duro, 38 · LISBOA
Praça D. João I, 25-1.° · Telef. 24771 · PORTO

Folhetim semanal do Diario de Lisboa

O caso do Buda que ri

por Ken Crossen

VI EPISÓDIO

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — Dois homens, o milionário Bruce Lane e o pobre Walter Hale, são assassinados. Quatro antigos amigos, dos quais fazem parte um tenente da Polícia e um médico legista, tornam-se suspeitos.

A ÚLTIMA GARGALHADA

Era Alvin Baird, com um embrulho debaixo do braço.

— Entra, Alvin — disse eu, muito surpreendido.

Era a primeira vez que ele vinha a minha casa.

— Preciso de te falar sobre estes casos — disse ele — Diz a Jane que eu trouxe cerveja e sanduiches de «foie gras». Sei que vocês gostam disto.

— Jane não está. Foi ao cinema com Betty — Pensava que tu não bebesses.

— A cerveja não é propriamente uma bebida alcoólica — disse ele, rindo e batendo-me nas costas.

Levei o embrulho para a cozinha. Abri duas garrafas de cerveja e fiz duas sanduiches, uma para mim outra para Alvin. Quando voltei á sala Alvin já tinha tirado o casaco e pusera-o sobre o meu.

— Já descobriste alguma coisa?— perguntou ele.

— Sim — respondi, pondo-lhe em frente uma cerveja e uma sanduiche. Quase tudo condiz, incluindo o uso de marijuana. Ia prendê-lo quando recebi um telefonema. Era ele. Disse-me que vinha a minha casa. Penso que quer entregar-se.

— O que tu não sabes — disse Alvin lentamente — é que há um erro na análise. O teu assassino não fuma marijuana.

Levei o copo aos lábios e olhei-o. Ele olhava o chão onde se encontrava o buda e ria silenciosamente.

Pousei o copo e dei uma olhadela ao meu casaco. Estava longe. A minha outra arma encontrava-se na secretária atrás de mim. Podia alcançá-la rápidamente...

— Podes ter razão — disse calmamente — Investiguei o teu passado, o de Ed e o de Frank. O assassino podia ser qualquer de vocês.

— E' verdade — disse Alvin. De subito soltou uma espantosa risada e lançou-se para a frente — Tenho uma coisa muito divertida para te contar. Isto matar-te-á, Jerry!

A sua mão empunhava uma longa faca. Deu uma volta á mesa, rindo sempre, com a faca apontada á minha face.

Num salto alcancei a secretária e segurei o meu revólver. Mas ele foi mais rápido. Disparei cegamente e a bala passou sobre a sua cabeça. Agarrou no meu pulso e apertou-o com uma força tremenda. A arma rolou no chão. Instintivamente derrubou a mesa.

Rindo sempre com ferocidade, avançou para mim. Agarrei-lhe no pulso e bati-lhe violentamente. Mas ele continuava a rir perdidamente. A mão armada aproximava-se da minha garganta. Bati-lhe mais e mais na face, com a força do panico.

Ele hesitou. Depois, rindo, derrubou-me. Procurei erguer-me. Ouvi um ruido de vidro quebrado, seguido de uma horrível gargalhada. Quando me levantei, vi Alvin no solo, com um golpe na face. Estava inconsciente, a faca ainda na mão, a face contorcida numa risada.

O objecto que provocara a queda fora o buda. Agora estava despedaçado. O que fora um simbolo de morte para Bruce e Walter salvara-me a vida.

Sentindo-me melhor, telefonei para a esquadra.

O caso resolveu-se. O motivo fora o desejo de tomar posse da terra que era dos seis. Durante vários anos Alvin tomara «marijuana». A unica pessoa a sabê-lo era sua mulher. A «marijuana» produz gargalhadas. Eis porque Alvin mandara construir uma sala á prova de som. As dores de cabeça do meu antigo companheiro eram causadas pela «marijuana».

Mandara bilhetes a minha mulher e a minha filha para as afastar de casa. Queria afstá-las para me assassinar. Pretendia matar-me no fim para poder seguir os progressos da investigação. Mas quando se viu vigiado, decidiu fazê-lo.

Conhecendo o normal Alvin Baird fiquei com a certeza de que os seus crimes foram cometidos e preparados sob a influência da droga. Eis porque deixava os budas como recordação da sua visita e porque fazia ingerir marijuana ás suas vítimas.

O nosso laboratório encontrou grande quantidade de marijuana na cerveja que ele me trouxera aquela noite. O tribunal considerou-o louco.

Se Alvin Baird está lucido neste momento deve sentir-se esmagado. A bauxite encontrada na quinta era muito escassa e a propriedade não vale mais que vinte dólares.

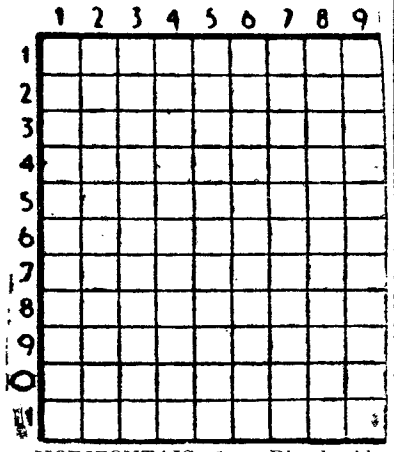
Frank Dean estava preso de novo, desta vez por jogo, e Ed Porter aguarda sentença por mercado negro. Perdi as ilusões da minha perdida juventude.

F I M

Palavras cruzadas

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3924



HORIZONTAIS: 1 — Rio da Alemanha. Apre! 2 — Bom-vedro (pl.). 3 — Terras argilosas coloridas por um óxido e que servem para pintura. 4 — Pequena ilha francesa perto de Marselha. Poeira. 5 — Desmoronar-se. Vila e concelho do distrito de Portalegre. 6 — Guarnece. Tira. 7 — Antes de Cristo. Livro de versos de António Nobre. 8 — Sôfrega. 9 — Artigo definido. Nome de mulher. Pronome pessoal. 10 — Escarnecer. Colocou. 11 — Ocasionas.

VERTICAIS: 1 — Cidade da antiga Fenícia fundada pelos Sidónios. Excepto. 2 — Preposição. Rompe. Textualmente. 3 — Recusa. Contamina. Batráquio. 4 — Calculara. Falsa. 5 — Atemosfera. Labutar. 6 — Cidade da Grécia. Oferece. 7 — Chefe etíope. Lodo. Símbolo químico da platina. 8 — Reis. Ilha do arquipélago dos Açores. Sirga. 9 — Rio que banha vários países da Europa e desemboca no Mar do Norte. Reformador cheque que foi um dos precursores da Reforma.

Solução do problema n.º 3923

HORIZONTAIS: 1 — Madrid. Tá. 2 — Adiar. Sem. 4 — Tias. Sama. 4 — Sor. 5 — Pilar. Rã. 6 — Aloiras. 7 — Rã. Sãs. Ai. 8 — Ena. Louca. 9 — Atra. Ira. 10 — Vau. Orate. 11 — As. Acasos.

VERTICAIS: 1 — Mata. Areava. 2 — Adi. Plantas. 3 — Diário. Aru. 4 — Rás. Lis. 5 — Ir. Yaral. Oc. 6 — Rasoira. 7 — Sãs. Uras. 8 — Temor. Acato. 9 — Amararia. E's.

Numismática

MOEDAS DO ESTADO NOVO

XX CENTAVOS — BRONZE

Anverso: Cinco quinas

(Gravuras do «Catálogo de J. Ferraro Vaz — Lisboa)

Liga metálica: 950Cu + 30Zn + + 20Sn.
Eixo horizontal.
Sem serrilha.
Peso: 3 gramas.
Diametro: 20,5 milímetros.
Doze datas:

1942	1948	1953
1943	1949	1955
1944	1951	1956
1945	1952	1958

A data mais rara parece ser a de 1942.

Também relativamente rara: 1948.

Com a data de 1951 aparecem exemplares muito raros *eixo vertical* (por erro de cunhagem).

Eixo horizontal e eixo vertical

I

Tome o leitor uma moeda entre os dedos polegar e indicador da mão direita, voltando para si o *anverso* de modo que este fique direito.

II

Agora, continuando a olhar para a moeda, volte para trás a parte superior do *anverso* fazendo rodar sobre o seu *diametro horizontal* (ou *eixo horizontal)*. Veja como ficou o *reverso*.

Se o *reverso* também ficou direito, diz-se que a moeda tem *eixo horizontal*

Se o *reverso* ficou voltado para *baixo* (ao contrário do *anverso)*, diz-se que a moeda tem *eixo vertical*.

III

Para confirmar a verticalidade do eixo, repita o leitor a operação indicada no parágrafo I. A seguir, *sem largar a moeda da mão direita*, pegue levemente com os dedos polegar e indicador da mão *esquerda* na extremidade *esquerda* do *diametro horizontal* da moeda *(eixo horizontal)*. Faça voltar para trás o lado esquerdo do *anverso*, rodando a moeda sobre o seu *diametro vertical* (ou *eixo vertical)*. Veja como ficou o reverso:

Se o *reverso* também ficou direito, diz-se que a moeda tem *eixo vertical*.

Se o *reverso* ficou voltado para baixo (ao contrário do *anverso)*, diz-se que a moeda tem *eixo horizontal*.

Reuniões filatélico-numismáticas da F. N. A. T.

Continuam a efectuar-se ás segundas-feiras, na Rua Vítor Cordon, 1 r-c., Esq., das 21 e 15 as 22 e 45, estas reuniões organizadas pela F. N. A. T. para estudo e troca de selos e moedas, e convívio entre coleccionadores, sendo a entrada livre e gratuita.

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

PRÉDIO

Magnifica construção, situação e acabamentos, fachadas a marmorite, bons inq. c/ fiadores, 5 div. 2 halls, despensa, etc. Rende 74.400$00. PREÇO 1.000 CONTOS, c/ escritura na mão. MUITO URGENTE.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

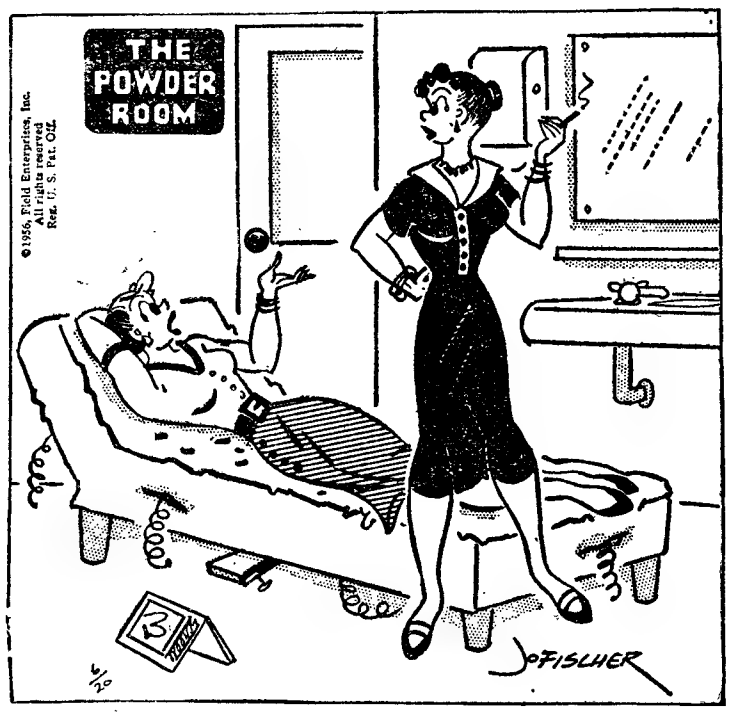
Praça da Alegria, 58-2.º

Tel. 366812

LISBOA

O RISO DA SEMANA

Porquê?...



— Não percebo porque razão o patrão se aborreceu de eu ter trazido de casa este «divan» para o «toilette» do escritório!

A rivalidade dos nabos

HAVIA uma grande rivalidade entre aqueles dois amigos e vizinhos de Vila Franca, por causa dos nabos.

Um deles apresentava todos os anos um campo de nabos que maravilhava toda a gente, enquanto que o outro, em terreno contíguo, só lograva umas ridículas nabiças, sem cabeças, que até o gado recusava.

Este, porém, não queria rebaixar-se a pedir conselhos ao vizinho e todos os anos procurava melhorar a sua cultura, chegando mesmo a comprar livros de agricultura que estudava meticulosamente... e nada.

Desesperado. do seu insucesso, depois de surribar e semear exactamente nos mesmos dias e ás mesmas horas que o outro o fazia, não conseguia nem de longe obter os êxitos do seu vizinho e amigo.

E os prejuízos sucediam-se, ano sobre ano, até que um dia, atribuindo o desastre á qualidade da semente, subornando o caseiro do vizinho, conseguiu saber onde ele a obtinha e também lá foi abastecer-se.

Ia quebrar o enguiço, pensava ele. Naquele ano é que ia ser! Que bigode daria desta vez ao seu vizinho e amigo, sem nunca se ter rebaixado a confessar o seu fracasso.

Mais uma vez, porém, o desastre foi completo.

Um frondoso nabal cobria as terras do vizinho ao passo que as dele não eram mais do que uma estéril charneca, quase sem folha verde.

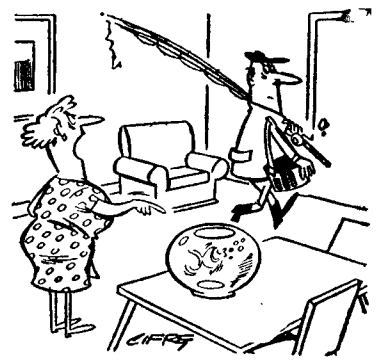
Não havia mais que lutar. Tinha de submeter-se á técnica ou ao quer que era do vizinho que tão milagrosamente o protegia. E foi ter com ele e abriu-se em franquezas:

— Tenho feito tudo, imitado tudo quanto o vizinho faz, chegando ao ponto de ir comprar a semente onde o vizinho a compra e, em terrenos iguais, um ao lado do outro, não consigo ter um nabal como o seu! Mas mais ainda: cálculo que o vizinho se pega aos seus santos pedindo chuva, e eu, que não sou menos crente que o vizinho, também o faço com toda a fé e com todo o fervor.

— Pois aí, nisso de santos, interrompeu o outro, é que está tudo. E' que o vizinho pede chuva e eu peço logo os nabos! Ora experimente.

A. F.

Uma precaução



— Não passes assim ao pé do aquário. Não vês que assustas os peixinhos...

Uma recordação

Uma senhora viuva estava examinando, numa loja de passarinheiro, a colecção de aves que ali havia á venda, para escolher e comprar uma. O passarinheiro recomendava lhe certo papagaio:

— Minha senhora, aqui tem o mais inteligente de todo o bando; sómente o defeito dele é fazer um alarido infernal se não lhe derem a comida á hora certa.

— Levo o papagaio — decide logo a senhora — far-me-á lembrar o meu querido defunto.

O encanto da casa

— Não tornas a sair, não haverá mais biscoitos de manhã, nem ossos de borracha para brincar, nem nada, meu malandro...

Tudo mentira, não

— Todas as manhãs, dizia aquele gabarola, a seguir ao meu chocolate com torradas tomo o meu «wisky» com água do castelo. Em seguida faço a barba, chamo o meu criado de quarto para me ajudar a vestir e vou até o meu jardim dar de comer ás pombas.

O amigo que o ouvia desfiar este rosário de grandezas, interrompeu-o:

— Mas tudo isso é completamente mentira. Tenho visto que só tomas de manhã um café sem leite; nunca te vi comer uma torrada, não tens lá em casa uma garrafa de «wisky»; não fazes a barba porque a usas á Guise; não tens, nem nunca tiveste criado de quarto; não tens jardim, nem tens pombas.

— Bom, fez o gabarola, mas tudo completamente mentira também não. Eu, depois de me levantar visto-me. Já vês que não é tudo mentira.

Coisas esquisitas

O ordenado dum mês gastar-se num dia.

*

Vir sempre a chuva quando a gente sai sem impermeviável.

*

Só demorar o autocarro quando a gente tem pressa.

*

Casar uma pessoa para depois se descasar.

*

Tomar hoje banho quando se tem a certeza de tornar a estar sujo no dia seguinte.

Alta sabedoria

Ninguém deve nunca casar com a sua amante e muito menos com as amantes dos outros.

Resposta certa

Professor de ciências: — *Mencione qualquer líquido que não gele.*

Um aluno: — *Água quente.*

Também nós

Zoroastro, o célebre legislador persa e fundador da religião dos Magos ou Mazdeísmo, alimentou-se unicamente de queijo durante trinta anos.

Cá nós que não fundamos religião alguma também não nos importávamos de comer queijo durante trinta anos. Até era bom para esquecer o preço do queijo.

Conhecimentos úteis

Morrer de repente e morrer sem a ajuda do médico.

Grande médico é aquele que tem mais clientes do que aqueles que vão para o cemitério.

Ninguém pode entrar num jogo de azar sem dinheiro e ninguém consegue sair com ele.

Provocação

Um vagabundo, passando pela porta de um restaurante e cheirando-lhe a carne assada, voltou-se para um policia e disse:

— Veja lá, senhor guarda, se isto não é uma provocação...

— Olhe, meu pai, eu gostava de ser especialista, mas não sei qual será melhor, se ser especialista dos ouvidos ou dos dentes.

— Acho melhor dos dentes. Cada pessoa tem trinta e dois e orelhas tem só duas.

Conversa de miudas

— Queres saber? O meu irmão tem seis meses e já pesa dez quilos!

— Ora! O meu tem só quatro meses e pesa seis, sem contar com a cabeça!

— O quê?! Sem cabeça?

— Pois! A cabeça ficou fora da balança quando ele se pesou!

LACONISMO

Vitor Hugo escrevera mais um livro que naquele dia vira a luz da publicidade e fôra exposto nas montras das livrarias de Paris.

Não resistindo á tentação de saber que tal teria sido a venda e, portanto, o interesse do publico, mandou um bilhete ao editor, onde apenas escreveu um ponto de interrogação e rubricou.

Aquele, para responder na mesma moeda, devolveu-lhe como resposta um ponto de admiração!

Passeiam dois portugueses nas ruas de Paris. Um deles, tirando da algibeira um lenço de cor, diz:

— O tempo está frio e eu sou atreito a incómodos de garganta. Portanto, o melhor é resguardar o pescoço com este «foulard».

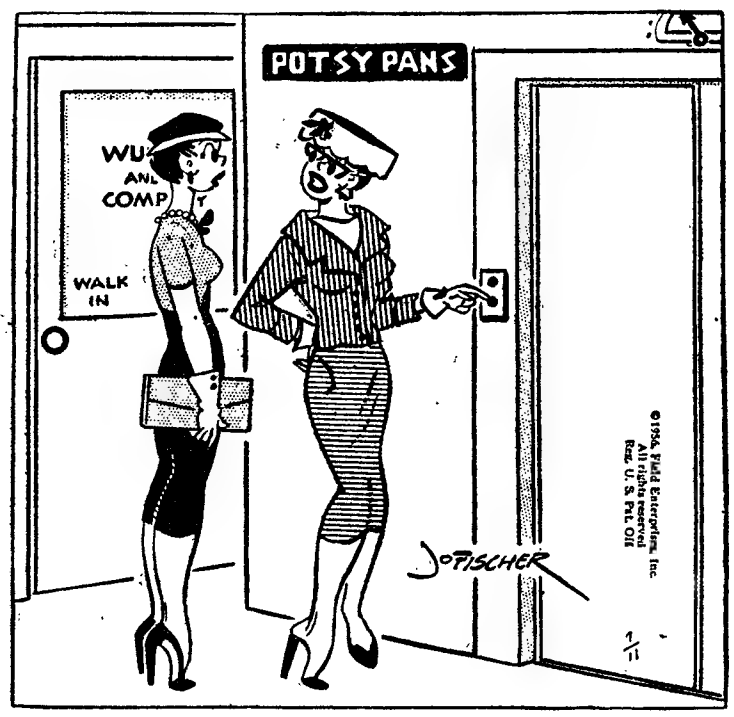
— Deixa-te de francesismos, homem! — replica o outro. — Isso a que chamas «foulard», tem em bom português o nome de «cache-col». Que necessidade temos nós de misturar palavras francesas com as portuguesas?

Entre amigos:

— Vou casar. Queres ser padrinho?

— Conta comigo; nunca desamparei um amigo na desgraça.

ESTRATAGEMA



— Arranjei maneira de o meu marido me levar fora a jantar! E' não pagar a conta do gás!

JUVENIL

A menina romântica

por JOAQUIM LEITÃO DA SILVA (17 anos)

A Natureza renascera o Sol.

Os ramos das árvores começavam a ter vida e a cobrirem-se de verdes rebentos. Nos prados as ervas daninhas teimavam em nascer, crescer e cobrir todo o campo de um verde viçoso de esperança.

Secavam os ultimos charcos.

Na cidade hovia uma desconfiança para com o optimismo que todo o ambiente parecia irradiar: o céu límpido e muito azul, um sol esplendoroso e divino; e depois, aqui e ali tufos de verdura, ainda hesitantes, espalhavam manchas de cor.

Tinham passado os dias de Inverno, de chuva, fechados em si, desprezados; tinham-se habituado á insignificancia da vida quotidiana. Toda a preocupação era chegar a casa depressa, sacudir o impermeável, enxugar a cara da chuva e deitar-se, talvez, um pouco mais cedo. Tinham-se habituado aquela comodidade de dizer:

— Lá fora está terrível!

E dentro de casa, ouvindo a chuva nas vidraças toda a felicidade era um abrigo: o doente não pensava nos seus males; o pobre achava a sua condição normal; o velho imaginava e recordava; o jovem labutava na inconstancia.

E os dias tinham-se acumulado. A vida parecia ter sido sempre aquela. E os corpos estavam amolecidos, no esquecimento, olhando a chuva que fazia lama, que molhava os jardins desprezados e as árvores de ramos nus, sem cor e sem vida.

Agora, seria algo de novo?

A Natureza estava feliz e levantava-se da sua inércia, renascia e renovava-se. Preocupava-se com a sua aparência. Era olhar os rebentos das plantas, o desabrochar das folhas, dos novos ramos. As próprias ervas vulgares pareciam fortes e decididas no seu crescer.

Todas estas forças ocultas pareciam contagiar os corações, que se aqueciam.

O Sol ria e nós queriamos rir também.

O doente estava sentado no leito de ferro, branco. A janela era a sua distracção.

Repentinamente, tudo que via para lá dela lhe pareceu extraordinàriamente belo e alentador: uma mancha verde e viçosa sucedera a uma mancha castanha, terrosa. Depois, a claridade do ambiente e os pássaros que esvoaçavam nervosos de felicidade.

Aos poucos erguera-se do seu leito, o seu corpo seminu erguia-se como que hipnotizado.

Os olhos espantados e reprovadores da enfermeira fixaram-no. Uma queda desalentada, por falta de forças, tornou a embeber o doente naquele ambiente branco e frio, paisagem de lençois, de ferros de cama, de paredes e tecto, tudo irrepreensívelmente branco.

— Porque não terei também a minha Primavera, porquê?... — sibilava constantemente, interrompido apenas pelos gemidos de uma alma desanimada.

Afundara-se. Estava febril.

Um jovem de blusão vai pela rua. Caminha de maneira incerta. Por vezes retoma o ritmo de passada. Leva os livros desajeitadamente num dos braços enquanto o olhar é um misto de curiosidade e mistério.

Uma bela motorizada! Não lhe pertence mas ele aproxima-se decidido. Aquele objecto sempre constituira uma paixão. Vê os cromados, o motor, tateia o depósito ávidamente e sem querer encontra-se montado. Mira-a, agora de cima e simula pô-la a trabalhar. O motor responde inesperadamente. Os comandos obedecem. Arranca bruscamente.

As ruas passam numa louca velocidade. Os peões que cambaleiam á sua frente. Vozes que vociferam. Mas a estrada é larga, muito plana, o motor novo, o andamento vivo.

Aos prédios altos sucedem-se os prédios mais baixos, as casas mais modestas.

O campo chama-o, o infinito da estrada atrai-o.

Sente o ar que lhe bate nas faces. Enche os pulmões. Sente o acelarador a fundo.

Está confiante, loucamente confiante.

O Sol ria e acariciava. Era como que um pai amigo de fazer vontades.

Horas e horas ao volante acabaram por o fatigar e só então tirou a sua máscara, reparou no grotesco das mãos tranzidas, nos dentes cerrados, nos musculos retesados e na máquina quente ainda mas já sem combustível.

— Mas que fiz eu? Onde estou eu? — E olhava para si, olhava em volta e reconhecia que fora enganado.

Os dias continuavam belos e ver-

(Continua na ultima página)

A CONVERSA DA SEMANA

1

Aos amigos do Porto

Recebemos as vossas notícias sempre pontuais, a que vamos responder.

1.°—Que é que querem dizer com os 15 escudos por metro quadrado?

2.°—Os prémios até ao n.° 142 (inclusive) foram já todos enviados para o correio. Se há faltas, devem-se a extravios. Dos numeros seguintes ainda não recebemos os livros das editoras.

3.°—Adiámos o envio das fichas porque resolvemos actualizar também o ficheiro geral do «Juvenil» com um tipo de fichas mais práticas. Seguirão, pois, até ao dia 27.

4.°—Papel timbrado: só dentro de dez dias estará.

5.°—Comecem a enviar-nos folhas de assinantes dos sábados. Isso demonstrará a expansão do nosso jornal no Norte.

6.°—Na próxima quinta-feira um grupo de amigos de Lisboa dirigir-vos-á uma saudação.

7.°—Só depois do numero especial do Porto se publicará o de Lisboa.

8.°—E parabéns! Bons desejos de mais uma semana de trabalho proveitoso.

2

Colaboração recebida

Amigo n.° 1875 — Jorge Correia Diogo (Almada), 16 anos: Publicaremos a poesia «Actual Miragem». O conto «Josefina» é impublicável e os restantes trabalhos são demasiado negativos. Tu, que és um rapaz cheio de vigor e qualidades, porque não os pões ao serviço da confiança na vida? As matérias mais tristes podem servir de conteudo a obras altamente positivas se o espírito de quem as faz considera que o progresso é uma força invencível que, mais tarde ou mais cedo, acabará por se impor.

Amigo n.° 1804 — António Ruy de Sá (13 anos), Lisboa: O teu conto «História de uma Noite» é forte e ao mesmo tempo delicado. Publicá-lo-emos.

Amigo n.° 1851 — Horácio Borges Neves (15 anos), Vale de Santarém: O teu conto «Tragédia» tem um tema que poderá dar uma obra cheia de poesia e de interesse.

Trataste-o, porém, de forma convencional, repetindo expressões muito gastas, como, por exemplo:

—«Salvaste-me a vida. Não encontro palavras que consigam exprimir a minha gratidão.

—Não tem importancia. Não fiz mais que cumprir um dever».

Os teus herois são dois «pequenos». Deviam usar de uma linguagem mais natural. Modifica estes aspectos fracos do teu conto, pois o resto possui interesse. Quando o tiveres pronto, publicá-lo-emos.

Amigo n.° 1699 — Adelino Fernandes Soares (Vila Franca de Xira): A tua poesia «Grandeza» é fraca. Manda mais trabalhos. Tenta outros géneros literários.

Amigo n.° 1681 — Francisco Manuel do Couto: Então, amigo! Porquê tanto pessimismo nas tuas poesias? A busca da tragédia não é tão natural, emti, como poderás supor. Procuras revolver uma ferida e excedes-te. Vê:

«Mas tu... tu sempre cruel e insensível
Viraste o rosto e escarraste no chão!...
Nesse momento de despreso sem piedade
Senti meu coração sangrar,
E dos meus olhos inchados
Rolaram duas lágrimas frias, revoltadas...

«Escarraste no chão» é uma imagem que não convence, não te parece? Não consegue provocar o sentimento que naturalmente tentavas exprimir. Aquelas «duas lágrimas» também no estado sentimental do teu heroi não podiam ser «frias» e simultaneamente «revoltadas». O verdadeiro dramatismo, a intensidade emocional autêntica, necessitam ser vividas com profunda sinceridade. Depois, quando o homem é artista, as palavras mais simples deste mundo chegam para comunicar os sentimentos mais delicados e elevados.

Possuis condições para fazer melhor. Mas tens de começar por te dominar e dominar, sobretudo, manifestações exterioristas, superficiais.

Amigo n.° 1805 — Fernando A. P. Correia: «Carta ao Repórter Perdido será publicada».

Amigo n.° 1494 — António Degois Pereira: Insisto contigo — e não levarás a mal: se achas sempre que a primeira tentativa é a melhor, é a definitiva, então digo-te francamente que nunca produzirás obra duradoura. Mas eu não te posso obrigar, não há duvida. Outra condição da arte (além da auto-crítica severa) é a liberdade criadora. Aconselho-te a que leias José Régio, Miguel Torga, Alexandre O'Neill, Camões, Fernando Pessoa, João de Deus, etc. Vê como a sua arte não saiu «logo á primeira»: que é «trabalhada», «meditada».

Amigo n.° 1863 — Maria Elvira Ferreira (16 anos), Lisboa: Vamos publicar as tuas poesias. Mas deves também trabalhar com mais cuidado. O que fizeste tem interesse; com um pouco mais de meditação e insatisfação criadora chegarias a composições de maior beleza expressiva.

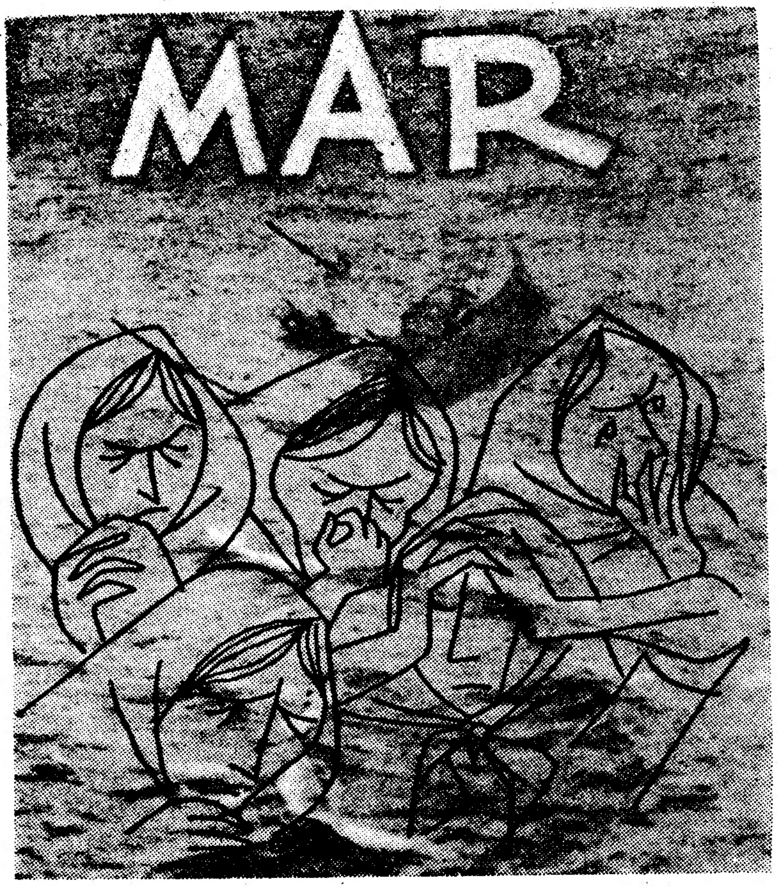
Amigo n.° 1435 — Maria José Brito e Cunha (Sintra): «Olhos tristes, mas corajosos» é muito artificial. Não se compara com a narrativa «Lume» que apareceu no «Juvenil» n.° 145. Pedro não se nos consegue impor como jovem que vencerá na vida. Até nos surpreendemos, no fim, quando nos fazes ler, numa «grande tabuleta», Pedro X — Médico cirurgião. Para «acreditar» nos herois romanescos necessitamos que eles se mostrem capazes de palmilhar o destino que os seus criadores lhes traçaram. Tal como sucede com os homens reais com quem convivemos.

3

Crítica do n. 145

Este numero continuou a ser muito equilibrado. Nele salientam-se «O pássaro» e «Poema Perdido». Para o primeiro foram os nossos votos de melhor artigo da semana.

Diario de Lisboa



por **Maria da Graça Moreira da Silva** (14 anos)

TÃO GRANDIOSO
TÃO PODEROSO
TÃO CRUEL
QUANTA DOR PROVOCAS
EM CADA CORAÇÃO
DE MULHERES E MÃES
DAQUELES QUE LÁ VÃO
E NÃO VOLTAM MAIS
NÃO TE CONDÓIS
NÃO SENTES
ÉS SEMPRE ASSIM
TIRANO, CULPADO
DE QUANTA DESGRAÇA CAUSAS
MAS MESMO ASSIM
ÉS BELO! ÉS GRANDE!

AMIGO N.° 1713

Soluções do Concurso do *Juvenil*

Gigantes de Portugal: FIALHO DE ALMEIDA
Qual é a coisa, qual é ela? — O PRATO

VENCEDORES	PRÉMIOS
1. — Amigo 1056 — Maria Elisabeth Ribeiro Fernandes (Lisboa).	**1. — «COSETTE», por Victor Hugo, da Portugália Editora.**
2. — Amigo 1842 — Maria Clara Pereira Gonçalves (Lisboa).	**2. — «EM FAMÍLIA», da Col. das Raparigas, da Portugália Editora.**
3. — Amigo 1846 — Maria Paula Neto Miranda (Parede).	**3. — «COSETTE», da Portugália Editora.**
4. — Amigo 398 — Maria Manuela Silva Gonçalves (Porto).	**4. — «BENITO CERENO», da Portugália Editora.**
5. — Amigo 197 — Gastão Alexandre Guerreiro (Faro).	**5. — «BENITO SERENO», da Portugália Editora.**
6. — Amigo 1497 — José Augusto Anjos Lopes (Lisboa).	**6. — «PASCOA FELIZ», por José Rodrigues Miguéis, de ESTUDIOS COR.**
7. — Amigo 1768 — José Tavares de Moura (Lisboa).	**7. — «BALADA DO CAFE' TRISTE», por Carson MacCullers, de ESTUDIOS COR.**

Prémio para o melhor trabalho sobre FIALHO DE ALMEIDA

8. — Amigo 1823 — Maria Lisette Coelho Lebreiro (Lisboa).
8. — «BALADA DO CAFE' TRISTE», de ESTUDIOS COR, e «O HOMEM E O RIO», da Portugália Editora.

Prémio para o melhor trabalho: «O pássaro».

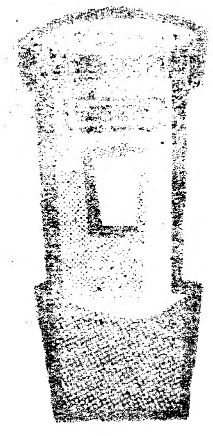
9. — Amigo 1761 — Eduardo Martins Serra (Lisboa).
9. — «O NAVEGADOR», de Estudios COR.

Prémio para o melhor trabalho: «O passado».

10. — Amigo 1761 — Eduardo Martins Serra (Lisboa).
10. — «BALADA DO CAFE' TRISTE», por MacCullers, de ESTUDIOS COR.

NOTA: — Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78, 2.°, esq., em Lisboa, todos os dias uteis, das 9 ás 13 e das 15 ás 18 e 30, na semana seguinte àquela em que são atribuidos (chegámos á conclusão que os cinco dias marcados eram insuficientes, o que obrigava os Amigos a deslocarem-se, por vezes, de longe, sem resultado. Esperamos que o prazo de oito dias seja o suficiente para que o serviço seja eficiente).

Todos os prémios para a província, até o numero 142 (inclusive), foram já enviados. Pedimos aos Amigos o favor de acusarem a sua recepção. Os de 143, 144 e 145, seguem esta semana, sem falta.



DIARIO DE BORDO

Amigo 1871 — Ana Maria Lopes Dias (Lisboa): Manda a data do nascimento e a menção dos artigos de que mais gostaste.

Amigo 1868—Carlos Alberto Costa Taveira (Lisboa): Nunca te esqueças de mencionar os artigos preferidos.

Amigo 1869—Maria Adelaide Bento Nascimento (Sintra): manda a data do nascimento, para que a ficha fique completa. Sem isso não poderemos atribuir-te prémios.

Amigo 1867 — Augusto José de Oliveira (Lisboa): Não; mas se te não der trabalho, ao indicar o numero de ficheiro, diz a idade; poupas-nos trabalho, ao atribuirmos os prémios.

Amigo n.° 6 — Maria José Valente Perfeito (Lisboa): Nunca te esqueças de mencionar os artigos preferidos.

Amigo 610—Marília Mendes (Lisboa): Não percebo essa informação que certamente foi dada por alguém que não conhece o assunto. Ao sábado, é o dia em que nós mandamos buscar a correspondência; por este facto ela já lá deve estar. Mas porque a não mandas pelo correio? Quanto ás reuniões, o assunto será tratado na Conversa da Semana, logo que o assunto esteja arrumado.

Amigo TROTE

Amigos novos entrados esta semana:

1811 — Maria Manuel Frazão (idem); 1812 — Mária Fernanda Cardoso; 1813 — António Augusto Borges (Almada); 1814 — António da Costa Barradas; 1815 — Fernando Mel. Reis Boal (Vila Real); 1816 — José António Mendes Ribeiro (Porto); 1817 — Maria Fernanda Leal Lopes (Amadora); 1819 — António Pedro Santos Lima (Matosinhos); 1820 — António Bastos Oliveira (Porto); 1821 — António Pimenta de Macedo (Porto); 1822 João José Mendes (Queluz); 1823 Maria Lisete Lebreiro; 1824 — Luís Filipe Ribeiro Caixinhas; 1825 — Maria Henriqueta Santos; 1826 — Ana Correia Martins (Quarteira); 1827 — Vivina Pacheco Miranda; 1828 — Laurinda Canavilhas (Amadora); 1829 — Fernando Ribeiro Fernandes; 1830 — Eva Amado Bacelar (Porto); 1831 — Maria Fernanda Chiotto (Bragança); 1832 — Teresa Teles Hall (Porto); 1833 — João Barreto Dias (morada?); 1834 — Maria Augusta Seixas.

QUAL E' COISA QUAL E' ELA?

Tenho olhos, e não vejo;
Tenho boca e não falo;
Ando, e não tenho pernas.

Esta é que se está mesmo a ver o que é! Tão fácil, que todos os nossos amiguinhos vão esta semana adivinhar e assim, habilitar-se aos valiosos prémios do JUVENIL, isto é, belos livros de Livros do Brasil, Portugália Editora, Estudios Cor e Arcádia...

Amiguinhos mandem o vosso nome, morada, idade (data do nascimento), profissão e bem assim a menção dos três artigos de que mais gostaram neste numero. As respostas devem estar em nosso poder até o dia 6 de Março.

MARAVILHAS DA NATUREZA

No dia 27 de Agosto de 1946 a encantadora aldeia de Vaucluse foi invadida por Cousteau e seus companheiros, chamado por eles próprios o Grupo de Pesquisas Submarinas; traziam com eles, toda a tralha necessária para um bom mergulho, mas... não havia mar. Que vinham pois aqui fazer estes homens destemidos, cujas proezas nos mares era já lendária? Se não havia mar...

Pois não. Mas na origem desta expedição estava o mistério da fonte subterranea — a Sorgue. Desde a Idade Média que a fonte de Vaucluse inspirou a imaginação apaixonada dos poetas. Foi junto a ela que Petrarca escreveu os seus formosíssimos versos e não menos famosas cartas a Laura. Imaginem, amiguinhos, se Cousteau não estaria interessado em desvendar o segredo daquela inspiração, embora a «sua Laura» se chamasse simplesmente Simone e não passasse de uma nadadora como seu marido...

O sítio é hoje classificado entre as maravilhas da Provença. Mas talvez mais do que pelo seu encanto á vista, é a ressurgência da Sorgue conhecida no Mundo inteiro pelas suas fantasias hidrológicas espectaculares. Esta fonte não é uma nascente como qualquer outra...

Junto a uma falésia abrupta, vertical, de cento e vinte metros, a muralha escava-se e forma uma bacia redonda, pouco funda, cheia de uma água calma e límpida. Uma vez por ano, e sempre no mês de Outubro ou de Novembro, as águas tranquilas tornam-se escumantes, saltam o nível habitual e formam uma cascata impetuosa. Passado esse tempo de entusiasmo, as águas voltam ao seu caudal costumeiro, a fonte não mais é, que aquela bacia tranquila, mas inquietante, que nenhuma ondulação encrespa. A Sorgue é uma rbeirinha que brota junto desta bacia misteriosa. E misteriosamente, também, o seu caudal é sempre constante por muito grande que seja a seca que envolve tudo... O planalto de Vaucluse é cortado por numerosos avéns (espécie de poços verticais mais ou menos entulhados), onde a água se precipita nos dias de grandes chuvadas. No decorrer do tempo muitos espeleólogos infatigáveis e teimosos se têm obstinado em desobstruir estes avéns, na esperança, até agora vã, de atingir o curso da misteriosa

O mundo do silêncio

Sorgue. Pensa-se que o subsolo do planalto seja atravessado por cursos de água, ribeiras, cascatas, talvez até por grandes galerias. Todo um mundo subterraneo, abrigando um sistema hidraulico dos mais complexos, ignorado dos homens, embora suposto.

Claro que a imaginação dos habitantes das suas margens, perante a pureza das águas, a indiferença do caudal, a lentidão daquelas subidas e descidas misteriosas, tem suposto a existência de grandes reservatórios.

Foi paar desvendar este mistério que Cousteau e os camaradas chegaram, um belo dia, com as garrafas de ar, os fatos de mergulho, a camara de descompressão portátil e os cordames. Metade da população, levada pela curiosidade, deixou o trabalho para os seguir.

Um simples golpe de vista por aquela toalha de água escura bastou a Cousteau para compreender que se tratava de pesada tarefa para eles — diz o próprio Cousteau.

Antes deles, já duas tentativas tinham sido feitas — em vão. A primeira, em 1878. Segundo o senhor Ottonelli, o heroi dessa descida, ele desceu de escafandro, preso a uma corda. Do lado esquerdo do fundo, o heroi embrenhou-se na entrada do sifão, passando por baixo de uma grande pedra triangular. Desaparecida da vista dos curiosos que também dessa vez acorreram, desenrolou uns trinta metros de corda, o que o teria levado, pelo menos, a vinte e três metros de profundidade. Foi o limite das suas possibilidades, pois chegou a uma espécie de tunel inclinado que não lhe permitiu continuar a descida.

Depois desta descida, uma verdadeira heroicidade para a época, nasceu uma lenda que descrevia a façanha de Ottonelli dentro de uma barca de zinco que se teria submergido no decorrer da experiência, e ficado no fundo do charco.

O tempo escorreu... Em 1938, o mergulhador Négri, melhor equipado que Ottonelli, manteve o publico interessado durante a descida, comunicando as suas impressões por meio de um alto-falante. Assim, disse ter descido a quarenta metros e ter chegado ao cotovelo do sifão, na parte inferior. E se não conseguiu içar-se na parte ascendente foi apenas por ter encontrado uma pedra de equilibrio instável que ameaçava cortar-lhe a retirada. E que emoção tomou o bom povo de Vaucluse, quando o mergulhador anunciou ter encontrado a barca de zinco de Ottonelli!...

Simplesmente, a barca nunca tinha existido... (Continua).

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

A LENDA

por NELSON MORGADO DA SILVA

Era de noite!

Naquela pequena aldeia, só uma luz se via.

Era na casa do Tio João, que se tinha levantado muito cedo, e preparava atarefadamente o seu farnel.

A luz apagou-se, e imediatamente o nosso amigo deixou a sua aldeia, para se dirigir a uma outra de nome Filó.

Tinha por fim, esta sua visita, ir tocar num bailarico dado pelo regedor da dita terra.

O sol começava a despontar por entre duas longíncuas colinas.

O céu mostrava-se em todo o seu esplendor, com uma cor de encarnado vivo, depois mais claro, chegando ao tom de purpura, que a pouco e pouco se desvanecia.

Estava frio.

Tinha nevado toda a noite, e quer os campos quer as árvores encontravam-se cobertas de uma brancura imaculada.

Aqui e ali despontavam pequenas manchas de verdura, que a neve fora impotente para cobrir.

Os pássaros ensaiavam os primeiros chilreios e ao longe ouvia-se o lugubre uivar dos lobos.

O nosso amigo lá continuava, apressando cada vez mais o passo, pois além de servir para se aquecer, também servia para chegar mais depressa ao seu destino.

Já ia no meio da serra, quando por entre uma moita, viu uns olhos que o espreitavam.

Começou a andar rápidamente; no entanto continuavam a persegui-lo e em vez de um par de olhos, já vários o faziam.

Desatou a correr, olhando continuamente para trás, para ver se a perseguição já acabara.

Entretanto os lobos, pois eram deles os olhos que espreitavam, continuavam

A AMAZONIA MISTERIOSA

Não há jovem que não sinta profundo interesse em ler esta obra famosa do escritor brasileiro Gastão Cruls, que «Livros do Brasil» acaba de editar na sua excelente colecção «LIVROS DO BRASIL».

Ao mesmo tempo que obra de divulgação, possui todos os encantos de um romance por onde perpassa o passado e o presente da região do Amazonas, os estranhos costume dos seus povos, a sua embriagadora paisagem.

Eis um livro para notar. A AMAZONIA MISTERIOSA, de Gastão Cruls.

xava-se fi
e dias, sen
janela, sem
fazer o mí
perdidos se

Outr
quem

da paisage
xiam ficava
vras carinh
vam, ficava
horas da n
donde se e
os primeiro
E assim di
camponeses
temava — h
da praga
em grupos
assim ficav
debaixo da
ria de sau
simples en
viam impo
cabisbaixos
vam ao
ziam-lhe b
mais belas
ções fieis,
positavam-
graus do c
telo.
Veio entã
um pobre
va em qua
pelo alaude
a terra nu
deias desci
tava a ca
tristes amo
e os camp
Helena e
silêncio,
lando pela
O menest

a perseguiç
que a presa
Foi então
frondosa árv
Correu pa
pou para
mais depres
tico, ao m
chegavam a
vam, espera
seu poleiro.
O Tio Jo
se encontrav
ras, para p
Entretanto
vendo que
a roer o t
tombar, e c
—Ora o
— que não
Dito isto,
tirou uma
quais ia ace
atirava aos
Já a noit
me se acab
vencido pel
cer.
Quando a
samento foi
continuavam
perando a
luntária do
Novament
ao miolo, p
—Como é
tas malditas
ras á festa?
Não sei,
teste João.
E assim
bos, com
aborrecesse
embora.
Mas não.
veis como
paro banqu
Ideia gen
Despiu a
cheu-o con
pôde, e ati
As feras
ir cair a
correram e
dos, para
Tio João.
Ele, entã
to de desa
da árvore
fora, procu
possível ent
Estava a
deia quand

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA

DEPOIS do enterro da jovem e de uma curta estadia no castelo de Astolate, o cavaleiro recolheu-se a um dos seus domínios. Ninguém mais se lembrava de o ter visto. Deixava-se ficar na sua camara, dias e dias, sentado em frente de uma janela, sem dizer uma palavra, sem fazer o mínimo gesto, com os olhos perdidos sempre nos mesmos longes da paisagem. O comer que lhe traziam ficava nas baixelas; as palavras carinhosas com que o rodeavam, ficavam sem resposta; só altas horas da noite se estendia no leito, donde se erguia, mal se anunciavam os primeiros alvores da madrugada. E assim dias sem conto. Vinham os camponeses das suas terras, a quem temava — homens livres do medo e da praga dos impostos; chegavam em grupos cabisbaixos, comovidos, e assim ficavam, sem um murmurio, debaixo da sua janela, numa romaria de saudade. A sua delicadeza simples ensinava-lhes que não deviam importunar o amigo. Depois, cabisbaixos e comovidos, regressavam ao trabalho. As jovens traziam-lhe braçados de flores, as que mais belas pareciam aos seus corações fieis, e, sem uma palavra, depositavam-nas singelamente nos degraus do cruzeiro, no largo do castelo.

Veio então de terras de Bretanha um pobre menestrel. Quando parava em qualquer ponto e, convidada pelo alaude, sua voz, forte deixava a terra num voo insaciável, as aldeias desciam ao seu encontro. Cantava a canção nunca ouvida dos tristes amores de Tristão e de Isolda e os camponeses, lembrando-se de Helena e Lançarote, ouviam-na em silêncio, muitos com lágrimas rolando pelas faces.

O menestrel chegou um dia ao castelo de Lançarote. No largo, em frente da janela por detrás da qual sempre estava o cavaleiro, sua voz inspirada de novo desenrolou a história daqueles amores mais fortes do que todos os poderes do Mundo...

Era no país de Loonês, onde reinava o bom senhor Meliodas. Ei-lo que parte para a caça com seus falcões e seus fiéis amigos. A rainha, que espera o nascimento de um menino — será um menino belo e forte como o meio-dia, assim lho disse uma velha que sabia ler no tempo— acena-lhe com um lenço, num dos balcões do castelo. O cavalo de Meliodas caracoleia e o monarca, com um falcão no ombro, ergue o braço num adeus afectuoso. Quando voltar, pouco faltará já para que sua amiga lhe dê o herdeiro por que tanto espera. Ele aí parte, sempre de braço erguido. Adeus! Adeus! A distancia vai-o adelgaçando... E' já apenas um minusculo ponto, aureolado de poeira... Desapareceu... E a rainha, sempre saudosa, persiste em olhar, na esperança de que o companheiro ainda surja mais uma vez. Mas não.

Passam-se os dias. El-rei tarda em voltar. Sua amiga percorre o palácio com a tristeza na alma. Ah! porque demora? Ela olha o cadeirão onde o vía sentar-se. Vazio. Fita o grosso balcão de pedra onde ambos falavam no menino que estava para vir. Vazio. Finalmente ouve-se o tropear de cavalos. Ah! bem lhe dizia o coração que ele não faltaria... Corre a uma janela. Mas quê? Que significa aqueles servos de vestes rotas e carnes ensanguentadas? Desce a correr a escadaria do castelo. Caminha como num pesadelo. Que foi? Que foi?

Ao princípio nem percebe. Mas aos poucos e poucos a verdade terrível vai ganhando sentido. Seu amigo caíra numa emboscada de cruéis inimigos. Ferido. Amarrado de pés e mãos, tal qual um malfeitor. Depois arrastado... Para onde? Para onde?

Abana desesperadamente os ombros dos fiéis servos. Mergulha até ao fundo no seu olhar turvado, mas só encontra aí o medo e a dor. Então deita a fugir sem dar por que as pedras lhe ferem os pés. Encontrá-lo-á. Ela o encontrará.

Está na floresta. No meio das grades dos troncos das árvores grita o nome do seu amor. O grito estilhaça-se e fica a vibrar dolorosamente. Assim caminha horas e horas como doida até que, exausta, ajoelha e cai. Vem aí o seu menino! Ela bem sente aproximar-se o momento em que ele chegará á terra.

E só! Apenas acompanhada por uma fiel aia. Aí está o seu menino.

Já chegou. E a morte ali sentada a seu lado para a levar.

— Terá nome de Tristão — murmura para a aia. Outro não poderá haver quem teve tão triste nascimento. Dizei a meu senhor... dizei a meu senhor...

Sua boca emudeceu. Mas a aia sabe o que a amorosa rainha teria acrescentado se a morte não estivesse com tanta pressa.

E Meliodas?

Lá na prisão escura onde o abismaram, Meliodas consegue quebrar os grilhões. Desce pelos muros da fortaleza com uma corda feita da sua roupa. Foge. Seus pés voam como o vento. Quer ver a companheira. Já terá nascido o seu menino?

Ah! vêde como ajoelha, perdido, junto do corpo inanimado da sua amiga! Triste senhor a quem num instante roubaram o mais belo tesouro do mundo. Maldita cavalaria! Malditos homens de ferro e espada que só vieram ao Mundo para trazer a destruição e a dor!

Mas a barca do tempo não para. Novos dias, vêm novos dias. Tristão vai crescendo, belo e forte como o meio-dia. E' ele o unico sol que aquece o triste Meliodas.

Tristão tem já sete anos. Chegou a hora de seu pai o mandar para França. Ah! como vai andar lenta, agora, a barca do tempo!

Lá longe, o menino aprende o ofício das armas. Caça. Monta cavalos velozes como o raio. Nas horas de sossego, uma donzela ensina-lhe a tocar harpa. De seus dedos destrança-se uma suave melodia. Fala da mãe que abandonara a terra quando ele lá chegara. À roda, todos pasmam: onde se ouviram mais belas canções?

Mas a barca do tempo afinal não para. Tristão tem 19 anos. E' altura de voltar para junto do bom rei Meliodas, que envelhece na saudade. Grandes festas no castelo. Aparecem todos os fidalgos da região e o rei Marcos da Cornualha, tio do moço Tristão. A alegria borbulha como espuma de cerveja. Gargalhadas de prazer rejuvenescem as paredes tristonhas do castelo. Só o rei Marcos não sorri. Ei-lo agora no vão de um janela ao lado de Meliodas.

— Estou na verdade bisonho, meu irmão — diz ele — Sobre os meus estados, que sempre viveram em paz, acumulam-se as nuvens da guerra. O rei da Irlanda teima em oprimir-me com um tributo que nem eu nem os meus subditos estamos dispostos a aceitar. Escrevi-lhe vezes sem conto a persuadi-lo sobre as minhas razões. Tudo em vão. Para poupar sangue inutil, propus-lhe que arranjasse um campeão, que eu, por minha vez, escolheria um cavaleiro que o enfrentasse. Aceitou. Mandou-me comunicar que o seu defensor seria o cunhado, Morolte, um dos mais célebres paladinos da Távola Redonda.

— Então deveis estar satisfeito — comenta Meliodas. — Não faltarão cavaleiros que estejam dispostos a terçar armas pelo vosso direito.

— Enganai-vos, irmão. Ninguém quer bater-se com Morolte.

— Ninguém? Então já não existe a nobre raça dos homens de coragem? Lembro-me de uma coisa: irei anunciar que se pede um campeão para defender uma causa justa.

Assim se fez. Um arauto anuncia a justa. E de subito, o silêncio cinge paredes e abóbodas num abraço mortal.

Ninguém aceita o repto? Não! Há um jovem cavaleiro que repele o silêncio covarde. Mas o velho Meliodas gela de receio. O homem generoso que se oferece é Tristão. O jovem ergue a mão e diz:

— Ah! não ser eu cavaleiro, meu tio...

— Tu não, meu filho. Tu não — roga Meliodas.

— Senhor, deixai-me defender os direitos de meu tio. Ele me armará cavaleiro. Que melhor poderei aspirar, como filho de quem sou? Sempre destes, meu pai, o exemplo da coragem. Quereréis engendrar agora um filho que ficará em casa, a fiar em sua roca, como uma donzela?

O velho rei sorri de orgulho:

— Pois que assim seja, meu filho. Teu tio te armará cavaleiro.

E tal sucedeu, como estava escrito. Chegou o dia da justa, numa praia junto ao mar, onde se distinguem as naus irlandesas. Ao ver cavaleiro tão jovem, Morolte soltou uma gargalhada:

— Vai-te embora, menino — exclama com desdém — Teu lugar não é aqui. Vai-te embora e volta daqui a uns anos que já talvez tenhas força para enfrentar um cavaleiro.

Tristão empalidece com a afronta. Agarrando no guante de ferro, atira-o violentamente á cara do adversário.

— Põe-te em guarda — grita — Põe-te em guarda, miserável que desrespeitas as leis da cavalaria!

Logo o ar se enche com os sons agudos das cutiladas. Vede como combatem os dois guerreiros! Olhai o denodo do jovem Tristão! A mancha vermelha que floresce no seu braço direito, é de sangue. Foi ferido. Mas não desiste. A justiça da sua causa multiplica-lhe as forças. «O povo da Cornualha não continuará a ser escravo» — murmura o jovem.

Oh! que formidável estocada assestou no elmo de Morolte! O adversário, que parecia invencível, caiu de joelhos. A espada de Tristão embebeu-se-lhe no ferro do elmo e a cara tinge-se-lhe de rubro. Só com um enorme esforço consegue o jovem libertá-la. Do lado dos de Cornualha jorra um estrondoso brado de entusiasmo:

— Vitória! Viva Tristão!

Num ultimo alento Morolte ergue-se e a cambalear, como bêbado, foge na direcção das naves irlandesas, aonde, em breve, um batel o leva, abtido de vergonha. Assim acabam os que se julgam fortes o bastante para oprimir o Mundo.

Mas a gente de Cornualha não pode beber, até ao ultimo trago, a taça transparente da alegria. Vêde Tristão, nossa vida e nosso amor caído por terra. Chorai, meu povo, chorai! A espada de Morolte tinha o veneno traiçoeiro, pois os opressores nunca podem lutar com as mãos limpas.

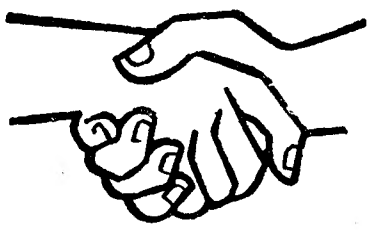
Os bons homens e mulheres de Cornualha rodeiam o seu jovem.

— E' veneno! — acusa uma velha.

— Veneno? — arrepiam-se todos, em volta.

— E' veneno, sim — repete a velha que tinha o dom de conhecer as ervas ruins — e só poderá curar-se se for ao país donde veio o veneno.

E assim foi levado Tristão, de olhos fechados, como morto, até ás longes terras da verde Irlanda.



Outro nome não poderá haver quem teve tão triste nascimento

a perseguição, como que adivinhando que a presa era certa.

Foi então que Mestre João viu uma frondosa árvore que ladeava o caminho.

Correu para lá apressadamente e trepou para um dos ramos mais altos, mais depressa que um foguetão balístico, ao mesmo tempo que os lobos chegavam ao pé da árvore e a rodeavam, esperando que a vítima caísse do seu poleiro.

O Tio João pensava, pensava, a ver se encontrava maneira de afastar as feras, para poder fugir.

Entretanto a noite caiu, e os lobos vendo que a presa tardava, começaram a roer o tronco da árvore, para esta tombar, e com ela o nosso amigo.

—Ora o diabo da ideia — dizia ele — que não me veio há mais tempo.

Dito isto, meteu a mão á algibeira, e tirou uma caixa de fósforos, com os quais ia acendendo pequenos ramos que atirava aos lobos, para os afugentar.

Já a noite ia avançada quando o lume se acabou: então o nosso homem, vencido pelo sono, acabou por adormecer.

Quando acordou, o seu primeiro pensamento foi para os lobos, mas eles lá continuavam como fieis sentinelas, esperando a rendição voluntária ou involuntária do seu inimigo.

Novamente o Tio João dava voltas ao miolo, pensando:

—Como é que eu me vou livrar destas malditas bestas, para chegar a horas á festa?

Não sei, não. Em bom sarilho te meteste João.

E assim pensando, olhava para os lobos, com a esperança de que eles se aborrecessem de ali estar e se fossem embora.

Mas não. Eles lá continuavam, imóveis como estátuas, esperando tão opíparo banquete.

Ideia genial!

Despiu apressadamente o casaco, encheu-o com quantas folhas e ramos pôde, e atirou-o o mais longe possível.

As feras vendo aquele fardo voar e ir cair a alguns metros de distancia, correram entre esfomeados e apressados, para aquilo que pensavam ser o Tio João.

Ele, então, aproveitando este momento de desatenção dos animais, desceu da árvore e desatou a correr, estrada fora, procurando pôr a maior distancia possível entre ele e as feras.

Estava a alguns quilómetros da aldeia quando ouviu atrás de si o uivar dos lobos, cada vez mais esfaimados.

—Bem, só me resta uma solução, dizia o nosso amigo, tenho que tirar o harmónio e ver se fazendo o maior barulho possível, eles se mantêm afastados.

E' zuca que zuca, lá ia ele caminhando, tocando ruidosamente o instrumento.

E' certo que os lobos se mantinham afastados, mas também o harmónio se ia desfazendo a pouco e pouco.

E assim foi.

Quando chegou á aldeia, os lobos tinham desaparecido, mas do seu harmónio só restavam umas tiras, que em nada se pareciam ao que tinham sido anteriormente.

—Então Tio João, onde se meteu vocemecê que vem nesse estado? — perguntavam o regedor e os convidados.

—Deixem-me cá; então não querem ouvir o que se passou!

E o Tio João contou a sua movimentada aventura.

Ah! Ah! Ah! Foi uma gargalhada geral quando ele acabou de falar.

E entre risos e palmadinhas amigáveis nas costas, lá foram até á sede do Concelho, onde beberam alegremente uns bons copitos de tinto.

Pois foi assim caros amigos; o Tio João ficou sem harmónio, a festa ficou sem musica, mas também os lobos ficaram sem banquete.

(AMIGO N.' 1837)

Na colecção «DOIS MUNDOS» editados por Livros do Brasil voltou a aparecer o nome da célebre escritora americana Pearl Buck. Chama-se a sua nova obra

Albert Camus, até aqui publicado na Colecção «Miniatura» da mesma Editora, surge agora também na Colecção «DOIS MUNDOS» com

adaptação á peça de teatro do romance imortal de Dostoiewsky.

Ambos os livros são leitura para maiores de 17 anos.

por ANTÓNIO NUNES DE ALMEIDA (19 anos)

DEVIA ter sido no mês de Abril. A manhã estava bela e o professor de Filologia e Organização tinha faltado. Eram duas horas livres.

Para onde vamos, para onde não vamos e fomos andando e daí a pouco estávamos os seis no belo e histórico Castelo de S. Jorge. Demos uma volta pelos seus belos corredores e escadarias e já íamos a sair quando — «Eh you, do you speak English?».

Ora como estamos todos no curso de filologia germanica era natural que «speakássemos» inglês.

— «Oh yes, yes, we do...».

Era uma gentil e solitária americana que desejava uma fotografia do nosso grupo. Claro que esta não lhe foi negada. Conversa puxa conversa e vi-me transformado em cicerone. Pus-me mentalmente a rever todo o meu vocabulário de inglês, rezei uma oraçãozita e logo ali ficou combinado irmos a Sintra. Claro que os meus colegas também iriam.

Fui levá-la a um restaurante e de tarde encontrámo-nos todos na estação do Rossio. Partida animadíssima com um a correr á frente a gritar: — depressa, «hurry hup», embora que o comboio já vai a andar, — outro a puxar pela americana que atrapalhada pelas suas saias que teimosamente insistiam em cobrir-lhe a cabeça, ainda tinha de ter mãos de sobra para segurar a máquina fotográfica, os seus inumeros acessórios, a mala de mão, o casaco (apesar do calor reinante, tinhamos-lhe dito que em Sintra fazia sempre um frio de rachar e que era melhor trazer um casaco pesado) que teimava em escorregar para o chão.

Depois de uma corrida tão digestiva em que a Miss ainda perdeu um sapato rápidamente recuperado, conseguimos içá-la para dentro do comboio mesmo a tempo, pois as portas fecharam-se logo.

Conseguimos convencer um cocheiro a levar-nos os sete no mesmo trem. Bem ajeitadinhos lá fomos por ali acima. Iniciou-se nesta altura uma série de exclamações de — «oh! beautiful» — que só acabaria no dia seguinte no aeroporto, á despedida.

E pelos olhos maravilhados da nossa convidada foram desfilando as belas e frondosas árvores que ladeiam a «beautiful» estrada que leva á Pena. Os Setiais arrancaram novas exclamações de pasmo e contentamento. E note-se que ela era já viajada e portanto conhecia já muitas coisas. Continuámos em belo paleio por ali acima.

Ela, além de admirar tudo o que via, ainda achava tempo de nos fazer perguntar ao cocheiro como é que os pobres animais aguentavam aquela subida com tão grande carga.

Como que um presente da Natureza, a Primavera fizera ressurgir a bela, perdão, «beautiful», serra de Sintra. Os seus olhos espraiaram-se pela crista dos montes, agora que uma leve aragem desfizera em farrapos como pano despedaçado por algum cão travesso, deixando a descoberto este pedaço de tera com toda a razão considerado o mais lindo de Portugal.

Chegámos enfim ao palácio da Pena. Fotografias. Porque será que os Americanos onde chegam, capricham em gastar logo um rolo de películas? E as dela que earm a cores e caras como o fogo! Entrámos. «Beautiful». Fotografias. Vamos.

— Olha aquele barco cheio de correntes.

— «Miss, look to...» — apressámo-nos a traduzir.

— «Where?».

— Ali. Perdão, «there».

Nova paragem. «Beautiful». Fotografias. Seguimos.

Fomos percorrendo as diversas salas, cada uma delas um verdadeiro museu. Novas dezenas de «beautifuls» jorraram da boca da nossa amiga.

Quando entrou nos quartos que pertenceram a reis portugueses ficou admiradíssima com a simplicidade que eles apresentavam.

No terraço do Palácio, parou extasiada, não disse «beaut». (prometo não comunicar mais esta palavra aos meus possíveis leitores. Porei só bf.) e nem conseguiu tirar fotografias !! Encheu os pulmões de ar e deixou que os seus olhos fossem inundados por aquele mar de beleza, contemplando os montes em redor que se lhe assemelharam a vagas enormes e imponentes. Admirou o guerreiro solitário em pé em cima delas, como que afirmando assim o nosso domínio sobre terras e mares. Ele era Portugal!

Quando conseguiu sair do seu mutismo, foi só para dizer:

— Vamo-nos embora. Penso que não há nada mais belo do que aquilo que os meus olhos alcançam. E se houver, eu não quero ver. Quero ficar com este pedacinho do vosso risonho país para sempre gravado no meu coração.

E neste estado de alma fez-se o regresso. No dia seguinte haveria mais para ver.

Chegámos a Lisboa já pela noite. Saímos da estação e fomos de repente assaltados pela estranha sensação de que também éramos turistas — e na nossa terra! — Sentimo-nos engolfados pela luz, pela poesia que emana de Lisboa, á noite.

Mas aqui a nossa simpática Miss, com uma simples descrição das cidades americanas fez-nos voltar a Portugal...

Não importa, somos pequeninos mas temos orgulho de ser Portugueses.

O dia que se seguiu foi mesmo á americana. Ela tinha avião ás 12 e 30 e queria ver só o seguinte:

Jerónimos, Torre de Belém, Museu dos Coches, e o que mais houvesse para ver!

Eram nove da manhã e os monumentos referidos só abrem ás dez. Meti-me a tentar perceber como é que os nossos amigos da América, e em particular a minha companheira conseguem ver tantas coisas e ainda estar a horas no avião para ir fazer outra visita turística «minucosa» a outro País?

Não quis deixar de lhe dar a experiméntar a comidade de um dos nossos «eléctricos» da linha de Belém. Adaptou-se bem á circunstancia e dez minutos depois já estava a gostar de ir pendurada no estribo.

Quando conseguimos entrar, demos de cara com uma varina. Tentei explicar o que era uma varina. Penso que o vocábulo inglês mais adequado é «fisch-woman-seller», mulher que vende peixe, que não dava o ar típico português que eu queria. Para melhor elucidação tentei explicar por meio da linguagem internacional, do gesto, não já uma varina mas uma mulher da Nazaré (ela tinha visto uma num documentário sobre Portugal).

Imagine-se só um «eléctrico» cheio de gente, ela sentada num banco de lado, eu de pé em frente dela explicando por gestos que as nazarenas têm muitas saias, umas por baixo das outras formando um grande balão, ela a custar-lhe a crer e eu redobrando de gestos para a convencer, ao mesmo tempo que me desviava de um enorme cesto que insistiam em me meter nas costas e com a outra mão a tentar evitar a queda quando o carro parava, como só os nossos guardas-freios sabem parar.

Chegámos á zona marcada para visitar. Com uma precisão cronométrica e uma velocidade de meteoros, subimos e descemos escadas, suámos na Torre, corremos por longos corredores e só parámos um pouco mais na Igreja dos Jerónimos junto aos tumulos de Camões e Vasco da Gama, onde insisti numa pequena lição de História.

Nós, senhores das Américas, não somos Espanhois. Nós somos Portugueses, somos do povo que deu o Mundo ao Mundo, que colonizámos mais de dois terços deste vale de lágrimas e levámos a religião católica a massas enormes de gente. Tudo isto foi feito por este povozinho onde a cidade tem menos luz á noite e correm menos carros por dia nas ruas.

Não houve tempo para mais. Era um quarto para as onze e ainda havia o Museu dos Coches para ver. Aqui onde tantos Lisboetas nunca entraram, uma Americana soltou verdadeiros e sentidos — «wonderful», «beautiful» — sim, maravilhoso, bonito. E' que é realmente digno de ver-se.

— Taxi, depressa: Avenida Palace.

— Taxi, o mais depressa possível: Aeroporto.

Aqui ela disparou a ultima fotografia em território português. Sabem qual foi o motivo escolhido? Nada mais nada menos do que uma gata com cinco gatinhos pretos! Nunca tinha visto tantos gatos pretos juntos em toda a sua vida!

Mais dois minutos e o avião levou-a para Itália.

Tenho a certeza que levou Portugal no coração. Sabe já que há Portugueses e Espanhois e que nós quando queremos, podemos ser, com toda a nossa pequenez, tão grandes como aqueles que realmente o são.

O RISO E O SORRISO

(Continuação da 1.ª página)

dadeiramente risonhos. A Natureza progredia.

Aquele velho de bengala, na sua comprida gabardina, despertara finalmente para o seu passeio matinal. Ainda estava direito e são para os seus tantos anos.

Dobrava a esquina, sempre pisando os brancos passeios que agora rescendiam de calor. Uma passada certa de personalidade.

Acariciava ali uma criança, ali outra, ajudava outra a levantar-se.

Porém não previra... Na estrada, mesmo ao seu lado, uma criança adiantara-se; recuara ao ver um veículo, mas recuara apenas na sua imaginação de criança.

Populares que ocorrem, o velho que ocorre. Moribunda? Talvez. Não parecia ter vida.

O velho levanta os braços, perde a compostura, aremessa com a bengala:

— Porque não fui eu, meu Deus, que fui ter contigo. Que já estou tão velho? Porque não fui eu?... Agora, uma pobre criança...

E adiantava-se a todos, num esforço supremo, na esperança de lhe dar vida.

Um recém-nascido não saberia que estação se estava a anunciar.

As crianças um pouco mais velhas admiravam-se que as próprias ervas chegassem a romper as próprias pedras da calçada, o próprio cimento das construções.

A menina do liceu é a animação da rua. A sua beleza aliada ao sentimento dos seus deveres fazem com que seja olhada com respeito e admiração.

Seguia junto aos prédios. Sentia-se assim mais segura. O seu olhar era desconfiado. Até duvidava... de tudo naquele dia.

Que diferente!

O seu olhar era baixo, preferia olhar as ervas do chão e entretinha-se a não pisá-las, a fazer o bem.

Chegara á paragem do «eléctrico» sem dar por isso. Esperava sem dar pelo tempo.

O «eléctrico» partia agora da paragem. Uma confusão toldou-lhe o espírito. «Que estava a fazer eu?». Correra. «Porque não esperara o «eléctrico».

Este, mansarrão, aos poucos avivava a marcha. Ela corria ao seu lado. A porta de entrada estava ao alcance da sua mão. No entanto a prática faltava-lhe. E sentia que lhe seria fatal qualquer engano. Um homem reparou nela. Estendeu-lhe uma mão forte, de cima. Quando as mãos estavam bem firmes, o «eléctrico» parava. Os protestos do publico chegavam ao guarda-freio pela sua falta dezelo.

Rubra e ofegante sentara-se. Nem se lembrara do que se tinha passado. Via-se agora calma, bem instalada.

Nisto reparou em si; reparou nos instantes passados. E tinha vontade de rir. «O que a fizera tão resoluta naquele dia?». Não o saberia explicar.

Os domingos luminosos são agradáveis de passar. Porém alguns não têm o seu domingo.

Ali era um terreno de recentes demolições. A rua com o seu movimento roçava-lhe muito de perto.

Num monte de lixo, sobranceiro, estava um homem mal vestido, nem sentado, nem deitado, numa atitude de abandonada de um ébrio.

Atrás de si, um grupo de arranha-céus de recente construção.

Era pequenino e rosado e tinha no rosto uma condição humilde.

Ao domingo guardava os carros no «foot-ball». Enchia um bolso de moedas que tiniam.

No dia seguinte tentava empregar o seu capital. Sem mulher, sem filhos, sem familiares era o vinho que mais o apaixonava.

Uma garrafinha e um lugar onde desfrutasse boa vista faziam-lhe um dia feliz.

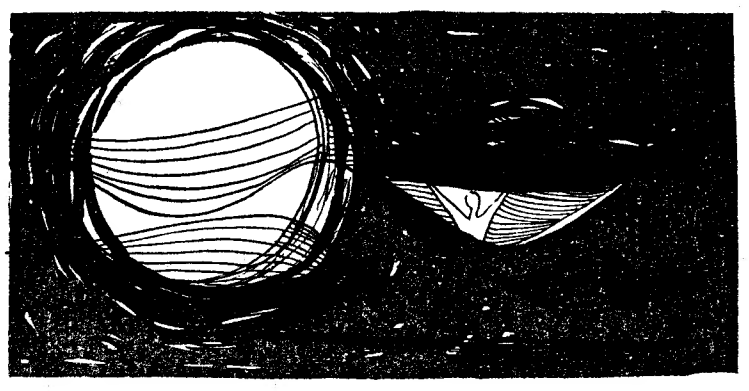
E lá estava de olhos vidrados, com ar folgazão e descontraído sentindo-se rei do Mundo. Depois erguendo-se um pouco, via passar os seus subditos.

Ou então, de tempos a tempos, acenava com o chapéu para os carros que passavam, ao mesmo tempo que berrava de felicidade.

Os rebentos enchiam os ramos. Mesmo as ervas mais daninhas estavam fortes e cresciam da terra.

E o Sol sorria. E os homens ansiavam por saber sorrir.

AMIGO N.º 735



VELHICE

por ANTÓNIO DE SOUSA (19 anos)
AMIGO N.º 1807

Ah! Se a esperança do futuro me trouxesse,
Os sonhos que a vida já levou!
Se um novo sol brilhasse e eu vivesse
No mundo que a criança já sonhou,
Se com o tempo me chegasse
O aroma do tempo decorrido,
Se em sol e sonho me banhasse
E deste tempo pudesse ser fugido...
Estática a alma a erguer-se,
Como ave soberba no espaço.
— Esperança ilusória a fazer-se
Recordar, n'amargura deste laço —
Pois as mãos envelhecidas já me tremem.
A recordar-me p'ra energias incapaz,
De fazer que estes novos tempos levem
A alma aos velhos tempos de rapaz.
Ah! Mas eu vejo o mesmo dia antigo!
Pródiga recordação que me seduz,
Trazer o mesmo sol amigo
Num declinar porpóreo de luz.
E naquelas nuvens eu distingo
A bela cor da minha cruz,
Apoteose,
De sonho e amor que está comigo!